

**GABRIELLA ASSUMPCÃO DA SILVA SANTOS LOPES**

**MODOS, FORMAS E COSTUMES PARA A EDUCAÇÃO FEMININA  
NAS PÁGINAS DA *REVISTA POPULAR* – RIO DE JANEIRO (1859-1862)**

Dourados - MS  
2019

**GABRIELLA ASSUMPCÃO DA SILVA SANTOS LOPES**

**MODOS, FORMAS E COSTUMES PARA A EDUCAÇÃO FEMININA  
NAS PÁGINAS DA *REVISTA POPULAR* – RIO DE JANEIRO (1859-1862)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *Sociedade, Política e Representações*.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> **Adriana Aparecida Pinto**

Dourados - MS  
2019

**GABRIELLA ASSUMPÇÃO DA SILVA SANTOS LOPES**

**MODOS, FORMAS E COSTUMES PARA A EDUCAÇÃO FEMININA  
NAS PÁGINAS DA *REVISTA POPULAR* – RIO DE JANEIRO (1859-1862)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e orientador:

Adriana Aparecida Pinto (Dr., UFGD) \_\_\_\_\_

2º Examinador:

Kenia Hilda Moreira (Dr., UFGD) \_\_\_\_\_

3º Examinador:

Linderval Augusto Monteiro (Dr., UFGD) \_\_\_\_\_

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

L864m Lopes, Gabriella Assumpcao Da Silva Santos

Modos, formas e costumes para a educação feminina nas páginas da Revista Popular : Rio de Janeiro (1859-1862) [recurso eletrônico] / Gabriella Assumpcao Da Silva Santos Lopes. -- 2019.  
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Adriana Aparecida Pinto.

Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Revista Popular. 2. Imprensa do século XIX. 3. Educação das mulheres. I. Pinto, Adriana Aparecida. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte

## **AGRADECIMENTOS**

É com um grande sentimento de gratidão que reconheço a força e o apoio dado pelo meu esposo Fabricio e por nossa família, que foram meu amparo e fonte de coragem durante o curso do mestrado e para que eu pudesse concluir esta pesquisa. Sem essa fonte de carinho, cuidado e afago o caminho teria sido menos agradável e leve!

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora Adriana Aparecida Pinto, por todos os ensinamentos, orientações, paciência e cuidado que sempre dispensou à minha formação e ao desenvolvimento desta pesquisa. Admiro seu trabalho e a pessoa que é. Foi uma dádiva ser sua orientanda, eu agradeço isso todos os dias!

Sou grata à professora Kênia Hilda Moreira e ao professor Linderval Monteiro, pela leitura, pelas contribuições e sugestões do exame de qualificação e por terem aceitado mais uma vez participarem do exame de defesa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, pelas aulas das disciplinas cursadas que auxiliaram em construir esta pesquisa e ao técnico Wallace por ser sempre solícito. Igualmente, agradeço às professoras da graduação em História da UFMS campus de Campo Grande, Dilza Porto, Vivina Dias e Vanderleia Paes, por sempre me incentivarem.

Agradeço às minhas “irmãs de orientação”, Ana Sousa e Sthefany Ribeiro, por todos os momentos compartilhados, a força e o apoio que foram indispensáveis e fizeram a caminhada mais agradável. Assim, também agradeço às amigas e aos amigos do PPGH, Myla, Kaoana, Bruna e Everson, por todo companheirismo e troca de aprendizados. À minha querida amiga Marcela do PPGH da UFRRJ, por manter amizade a distância e ser a pessoa com quem sempre posso contar.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela a oportunidade de ser bolsista durante toda a realização da pesquisa.

Por último, mas principalmente, ao meu Deus, meu suporte, força e paz em todos os momentos.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Frente da livraria Garnier (finalidade ilustrativa)	54
<b>Figura 2</b>	Interior da livraria Garnier (finalidade ilustrativa)	56
<b>Figura 3</b>	Capa da Revista Popular (finalidade analítica)	59
<b>Figura 4</b>	Imagem da cidade de Nova Iorque (finalidade ilustrativa)	72
<b>Figura 5</b>	Contracapa Revista Popular – Colaboradores e Redatores (finalidade ilustrativa)	74
<b>Figura 6</b>	Contracapa Revista Popular – Cobrança de assinaturas (finalidade ilustrativa)	75
<b>Figura 7</b>	Modelo de vestido 1 (finalidade ilustrativa)	115
<b>Figura 8</b>	Modelo de vestido 2 (finalidade ilustrativa)	118
<b>Figura 9</b>	Modelo de vestido 3 (finalidade ilustrativa)	119
<b>Figura 10</b>	Modelo de vestido 4 (finalidade ilustrativa)	120
<b>Figura 11</b>	Anúncios Casas Recomendáveis (finalidade ilustrativa)	122

## LISTA DE TABELAS

<b>Quadro 1</b>	Seções, Tomos e Datas da Revista Popular	63
<b>Quadro 2</b>	Seções e Ocorrência nos Tomos da <i>Revista Popular</i>	64
<b>Quadro 3</b>	Anúncios Casas Recomendáveis	123
<b>Quadro 4</b>	Brasileiras Célebres	135

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Ocorrência de Seções da Revista Popular	71
------------------	---	----

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem o objetivo de compreender os modos pelos quais se processaram a educação das mulheres em meados dos oitocentos, a partir da difusão de práticas e valores no/por meio da *Revista Popular*. A publicação foi o primeiro periódico de Baptiste Louis Garnier, que circulou quinzenalmente entre os anos de 1859 a 1862, somando 16 tomos trimestrais e buscou contemplar um público diverso, dentre ele as mulheres, as quais foram direcionados assuntos considerados apropriados para a sua leitura. Dentre as seções e textos identificados na revista que se dirigiam ao público feminino e/ou sua educação, foram selecionados os da seção “Instrução e Educação”; “Chronica da Quinzena”; anúncios “Casas Recomendáveis”; “Economia Doméstica”; os textos “Brasileiras Célebres”, que integravam os “Esboços Biográficos”; e alguns textos da seção “Variedades”. Como procedimento metodológico, foi realizado o mapeamento do corpus das seções selecionadas nos 16 tomos para a realização de sua leitura e exame. A pesquisa se assenta nos pressupostos teóricos da História Cultural em diálogo com os estudos históricos sobre mulheres e sobre educação. Como postulado por Maria Helena Câmara Bastos (2002) as revistas, além de se constituírem um produto de consumo, são veículos de ideias e mensagens, que formam discursos e enunciados que produzem efeitos no dia-a-dia, nos laços sociais e na identidade das leitoras e leitores, chegando assim a noção de representação conforme forjada por Roger Chartier (1990). Pela pesquisa foi possível compreender que a *Revista Popular*, por meio de seus textos e seções, veiculou e propagou comportamentos, práticas e valores que contribuíram para a educação das suas leitoras.

**Palavras-chave:** Revista Popular; Imprensa do século XIX; Educação das mulheres.

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to understand the ways in which the education of women during the 19<sup>th</sup> century is processed, through the dissemination of practices and values in the *Revista Popular*. That publication was the first periodical of Baptiste Louis Garnier, which circulated fortnightly between the years 1859 to 1862, it had 16 volumes quarterly and sought to contemplate a diverse public, among them the women, who were directed to subjects considered appropriate to read. Among the sections and texts identified in the magazine that were directed to the female audience and/or their education were those selected in the section "*Instrução e Educação*"; "*Crônicas da Quinzena*"; advertisements "*Casas Recomendáveis*"; "*Economia Doméstica*"; the texts "*Brasileiras Célebres*", that integrated the "*Esboços Biográficos*"; and some texts of the varieties' section. As a methodological procedure, the corpus of the selected sections was mapped in the 16 volumes to perform their reading and examination. The research is based on the theoretical assumptions of Cultural History in dialogue with historical studies on women and on education. As postulated by Maria Helena Câmara Bastos (2002), magazines, besides constituting a consumer product, they are vehicles of ideas and messages that form discourses and statements that produce effects in everyday life, in social bonds and in the identity of readers, men and women, inferring the representation's notion as forged by Roger Chartier (1990). Through the research it was possible to understand that *Revista Popular* transmitted and propagated behaviors, practices and values that contributed to the education of its readers, by means of texts and sections, transmitted and propagated behaviors, practices and values that it contributed to the education of its readers.

**Keywords:** Revista Popular; 19th Century press; Education of women.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
<b>Capítulo 1</b>	
<b>A IMPRENSA E O RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DOS OITOCENTOS.....</b>	<b>21</b>
1.1 A imprensa e sua abordagem política .....	28
1.2 O Rio de Janeiro, o Segundo Reinado e a diversificação da imprensa.....	39
1.3 Mulheres, leitura e imprensa feminina no Rio de Janeiro .....	44
<b>Capítulo 2</b>	
<b>A REVISTA POPULAR: O PRIMEIRO PERIÓDICO DE GARNIER.....</b>	<b>51</b>
2.1 A educação das mulheres e a função social do feminino a partir da revista popular.....	76
2.1.1 A Educação e o papel social da mãe .....	81
2.2 Mulheres leitoras e escritoras na <i>Revista Popular</i> .....	89
<b>Capítulo 3</b>	
<b>“CHRONICA DA QUINZENA” E “CASAS RECOMENDÁVEIS”: A MODA, A VIDA SOCIAL, CULTURAL, OS COSTUMES DAS MULHERES DA ELITE CARIOCA .....</b>	<b>99</b>
3.1 Os trabalhos de agulha: a moda na <i>Revista Popular</i> .....	113
<b>Capítulo 4</b>	
<b>BRASILEIRAS CÉLEBRES: REPRESENTAÇÕES CONVERGENTES E DIVERGENTES.....</b>	<b>129</b>
4.1 Armas e Virtudes .....	137
4.2 Poesia e Amor.....	139
4.3 Gênio e Glória.....	141
4.4 Religião e Vocação.....	144
4.5 Pátria e Independência.....	146
4.6 Amor e Fé .....	149
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>157</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado objetiva compreender as formas de abordagem da/sobre a educação das mulheres na *Revista Popular* (1859-1862), por meio da propagação de costumes, práticas e valores, visto que, conforme apontado por Maria Helena Câmara Bastos (2002), a imprensa, além de ser um produto de consumo, é um veículo de ideias e mensagens e, como explica Mônica Yumi Jinzenji (2008), baseada em Maria Lúcia Pallares-Burke (1998), durante o século XIX, principalmente no pós-independência, a imprensa foi um importante veículo de educação, civilização e influenciadora de costumes.

O interesse pela educação das mulheres se deu ainda durante o curso de graduação em História, ao estudar biografias femininas do final do século XIX e início do século XX e perceber que além de intenções de preservar a memória e forjar identidades, era possível observar intuítos pedagógicos. Assim, inicialmente, a proposta de pesquisa consistiria no objetivo de abordar a instrução escolar e a construção de uma identidade nacional para as mulheres na segunda metade do século XIX a partir dos livros *Mulheres Célebres*, de Joaquim Manuel de Macedo e *Brasileiras Célebres*, de Joaquim Norberto de Souza, visto que o primeiro foi aceito para utilização nos colégios femininos da cidade do Rio de Janeiro e o segundo foi sugestionado à educação escolar das meninas.

Ainda nos primeiros contatos com as obras, percebeu-se que Joaquim Norberto, antes de reunir as biografias em formato de livro, divulgou seus textos na seção “Esboços Biográficos” da *Revista Popular*, e que Joaquim Manuel de Macedo também colaborou com esse periódico publicado pela livraria Garnier, mesma casa que publicou seus livros. A seção das biografias reuniu um conjunto de histórias sobre homens e mulheres, não necessariamente nascidos no Brasil. Contudo, os textos de Norberto abordaram apenas mulheres que aqui viveram. Dessa maneira, juntamente ao interesse por estudar a educação e a instrução das mulheres, o contato e exame preliminar da *Revista Popular* incentivou que a proposta de pesquisa se encaminhasse para compreender a propagação de costumes, práticas e valores que poderiam educar as mulheres leitoras do periódico por meio de outras seções que não somente as biografias.

A pesquisa se assentou nos pressupostos da História Cultural, observando que esse campo foi importante por impulsionar pesquisas que possuem a imprensa como fonte e/ou objeto, bem como suas concepções teórico-metodológicas que contribuíram para o desenvolvimento da História das Mulheres.

Michelle Perrot, em seu artigo *Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência* (1995), ao abordar o campo de pesquisa sobre as mulheres e seu desenvolvimento, com os objetos, sujeitos, métodos e pontos de vista, afirma que dentre os questionamentos suscitados, o acesso delas aos diversos níveis de conhecimento (leitura, escrita, técnicas etc.) estimulou e ainda estimula diversos trabalhos.<sup>1</sup> José Gondra e Alessandra Schueler (2008) creditam ao desenvolvimento da História das Mulheres a emergência de inúmeros temas e problemas e, dentre eles, destacam também a inserção das mulheres nas práticas de educação, formais e informais e confirmam que essas questões chegaram também à História da Educação.<sup>2</sup>

Acerca das possibilidades de análise da educação das mulheres, Maria Helena Câmara Bastos (2002) evidencia que, a partir da imprensa, pode-se examinar os processos pedagógicos, a formação de discursos e enunciados que se propuseram a forjá-las, cristalizando sentidos e práticas sociais. A autora sinaliza que a imprensa periódica, além de ser um produto de consumo, é sobretudo “um veículo de ideias e mensagens, um discurso que permite a formação de outros discursos, enunciados que ecoam e reverberam efeitos no dia-a-dia, na reconstrução cotidiana de laços sociais, na identidade de leitor/leitora”<sup>3</sup>.

Maria Lúcia Pallares-Burke (1998), ao abordar a educação no Brasil do século XIX, recuperando as modalidades informais, elenca os romances, jornais, revistas, sermões, o teatro, pinturas e concentra seu trabalho no papel educativo da imprensa. Explica a autora que as modalidades por ela mencionadas possuem uma quota de participação no processo educacional e dizem sobre “o modo complexo pelo qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas”<sup>4</sup>. Dessa forma, na concepção de Pallares-Burke, revistas e jornais, assim como outros meios de comunicação modernos, sempre ensinam e possuem um currículo oculto que dissemina e organiza informações, criando valores, atitudes e ideias sobre uma diversidade de temas que influenciam seus leitores.<sup>5</sup>

Mônica Yumi Jinzenji (2008), ao estudar a educação feminina no jornal *O mentor das Brasileiras*, também indica que a educação no século XIX foi exercida por diversas instituições e forças educativas concomitantes à escola, pois também cumpriram a função de transmissão

---

<sup>1</sup>PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In: Cadernos Pagu (4) 1995, p. 21.

<sup>2</sup>GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alexandra Frota Martinez. Educação, poder e sociedade no Império brasileiro. São Paulo: Cortez, 2008, p. 200 – 201.

<sup>3</sup>BASTOS, Maria Helena Câmara de. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n.2, 2002. p. 170.

<sup>4</sup>PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, Faculdade de Educação/USP, n.104, p. 145.

<sup>5</sup>Ibidem, p. 145.

de valores e comportamentos. Mencionando as forças educativas, a autora destaca a produção e a circulação de jornais e revistas, mas também de sociedades literárias, científicas entre outros. Para a autora, a imprensa periódica no período pós-independência foi um importante veículo de educação e civilização.<sup>6</sup>

Os primeiros passos da imprensa no Brasil são contemporâneos à chegada da Corte Portuguesa em 1808. Embora as elevadas taxas de analfabetismo, a partir desse momento foram criadas tipografias, livrarias, surgiram revistas, jornais e livros. As transformações na cidade do Rio de Janeiro, as movimentações e discussões políticas foram acompanhadas de publicações que se debruçaram a abordar essas questões, mas o desenvolvimento da literatura, das artes e ciências também foram brindadas com publicações voltadas a esses interesses. Foi ainda no século XIX que as mulheres, que constituíram um grupo de leitores importante, também contaram com publicações direcionadas a elas.

A imprensa Régia, de acordo com Marco Morel (2013), era responsável pela publicação de jornais, obras de teor científico e literário e não apenas de papéis oficiais, desenvolvendo uma complexa atividade tipográfica.<sup>7</sup> Nesse mesmo período de surgimento da imprensa, o Rio de Janeiro passou por muitas modificações impulsionadas pela presença da Corte na cidade. Os historiadores Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999) explicam que o município buscou se “europeizar”, à medida que isso significava o padrão de civilização. Nesse sentido, conforme apontado por Vinícius Gagliardo (2016), investiu-se em melhoramentos urbanísticos, foram criadas instituições administrativas dedicadas às ciências, às letras e etc.<sup>8</sup>

No cenário da imprensa da cidade carioca, entre livreiros e editores, que além da publicação de livros também se dedicaram aos periódicos, teve-se Louis Bastiste Garnier e sua conceituada e afamada livraria. Foi por volta da década de 1840 que Garnier, um francês que pertencia a uma família do ramo livreiro em Paris, chegou ao Rio de Janeiro para dirigir uma filial da editora *Garnier Frères*, um negócio de sua família que funcionava em seu país de origem.<sup>9</sup> Estabelecido na Rua do Ouvidor, conquistou reconhecimento de muitos literatos do

---

<sup>6</sup> JINZENJI, Monica Yumi. Cultura Impressa e Educação da Mulher Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832). 2008. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, UMG, Belo Horizonte, p. 23.

<sup>7</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 31.

<sup>8</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 13.

<sup>9</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 01.

período, como Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa, Joaquim Nabuco, Sílvio Romero dentre outros, que publicaram seus livros com o selo da livraria. Em 1859, Garnier investiu em seu primeiro impresso periódico, a *Revista Popular*, que foi substituído em 1863 pelo *Jornal das Famílias*.<sup>10</sup>

A revista foi impressa no Brasil e circulou quinzenalmente durante quatro anos. Ela foi inteiramente acessada para esta pesquisa por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde a publicação está organizada em dezesseis tomos. Essa organização pode ser explicada, pois como sugerido por Marcella Abreu (2008), já que a circulação da revista foi quinzenal, ao longo de três meses somavam-se seis números de paginação contínua que poderiam ser encadernados de forma a facilitar o acesso ao exemplar completo. De acordo com a autora, cada tomo reuniu seis dos noventa e seis números publicados<sup>11</sup>; não obstante, não foi possível o acesso da *Revista Popular* no formato físico, visto que, segundo informações recebidas pelos funcionários da Biblioteca Nacional, a partir do momento em que o material se encontrasse digitalizado, o acesso a ele no seu formato original seria limitado.

Já nos primeiros exames, notou-se na primeira carta dos redatores, uma espécie de editorial da publicação, que se propunha ao recreio e à instrução de seus leitores e elencou um conjunto de saberes e conteúdos com essa intenção. Assim, buscando contemplar um público diverso e extenso, o periódico disponibilizou uma cobertura temática no total de 35 seções constituídas por contos, poesias, crônicas, romances, ensaios e críticas literárias, seções que abordavam a história do país, sua geografia, textos científicos na área da física, da agricultura, da higiene, ciências naturais, astronomia, na área da economia, dentre outros.

Ainda no primeiro exemplar em circulação, na mesma carta dos redatores, ficou apontado que a revista não excluiria as mulheres e embora elas pudessem ler todos os assuntos, possuiriam um “cantinho” composto por “assuntos femininos”, que consistiam nos “trabalhos de agulha, moda, e economia doméstica”<sup>12</sup>. Entretanto, esses assuntos não se restringiram a uma seção específica, foram diluídos nas seções da revista e outros temas que também poderiam estar direcionados às mulheres ou à sua educação, foram encontrados para além das partes mencionadas nesse editorial.

---

<sup>10</sup> MACHADO, Lígia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 131.

<sup>11</sup> ABREU, Marcella dos Santos. Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862). 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 11.

<sup>12</sup> Revista Popular, ano I, tomo I, jan-mar de 1859, p. 04.

Sobre os sentidos de “instrução” e “educação”, Jinzenji (2008) explica que os periódicos do século XIX costumavam a confundir as duas designações. Por mais que jornais e revistas femininas utilizassem o termo “instrução”, poderia caber mais o sentido de “educação”, pois conforme Adriana Aparecida Pinto (2013), apoiada em Silva (2011), a “instrução” é habitualmente atribuído aos itens elementares do processo institucional de aquisição de conhecimentos, como ler, escrever e contar e “educação” mais voltado às práticas sociais que deveriam ser ensinadas na família em primeira instância.<sup>13</sup> Complementando, Jinzenji (2008) afirma que o sentido de educação, quando cunhada por periódicos femininos, relacionava-se, sobretudo ao cultivo de bons comportamentos e valores morais.<sup>14</sup>

Como procedimento metodológico, após a localização e organização dos tomos da *Revista Popular*, foi realizado um mapeamento do periódico de acordo com a problemática escolhida, como sugerido por Tânia de Luca (2010). Nesse sentido, a identificação das seções foi possível pelas considerações de José Gondra e Alessandra Schueler (2008), que ao delinear os pressupostos envolvidos na educação das mulheres oitocentistas, afirmam que consistiam na aprendizagem de saberes referentes à administração da vida familiar e aquisição de normas, condutas e hábitos de civilidade e sociabilidade provenientes da cultura urbana e burguesa europeia.<sup>15</sup>

Nessa perspectiva, Michelle Perrot (2013), ao abordar o surgimento da imprensa feminina na França, afirma que ela foi marcada pelos conselhos de moda, receitas de cozinha, narrativas de viagens, gravuras e biografias de mulheres ilustres.<sup>16</sup> Pelos pressupostos expressos pelos autores Schueler e Gondra (2008) e Michelle Perrot (2013), pôde-se ter indícios dos conteúdos e seções da *Revista Popular* que se destinavam às suas leitoras e à sua educação.

Sobre a *Revista Popular*, Alexandra Pinheiro (2007) afirmou que as seções de Economia Doméstica, Higiene, Poesias e Narrativas foram direcionadas às leitoras do periódico.<sup>17</sup> Todavia, no mapeamento da temática escolhida, foi possível identificar ainda

---

<sup>13</sup> PINTO, Adriana Aparecida. Nas páginas da imprensa: a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910. 2013. 349 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, p. 21.

<sup>14</sup> JINZENJI, Monica Yumi. Cultura Impressa e Educação da Mulher Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832). 249 f. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - UFMG, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, Minas Gerais, p. 22-23.

<sup>15</sup> GONDRA, José Gonçalves. SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Educação, poder e sociedade no Império brasileiro. São Paulo: Cortez, 2008, p. 201.

<sup>16</sup> PERROT, Michelle. Minha História das mulheres. Tradução Angela M.S. Córrea. 2ª ed.: São Paulo, 2013, p. 33.

<sup>17</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Para além da amenidade: o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção. 2007. 279 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, p. 54.

textos da seção “Instrução e Educação”, na seção de Variedades, uma sequência de escritos denominados “Gastrosophia”<sup>18</sup> e “Fragmentos de um livro”, as biografias “Brasileiras Célebres” que integravam a seção “Esboços Biográficos”, bem como as “Chronica da Quinzena” e os anúncios “Casas Recomendáveis”. Por esse grupo de textos e seções, embora a publicação não fosse essencialmente dedicada às mulheres, como outros periódicos que já circulavam em sua época e como o seu posterior, o *Jornal das Famílias*, percebe-se que o primeiro periódico de Garnier já demonstrava atenção ao público feminino e sua educação.

Face a essa constatação, levando em conta as seções já mencionadas por Alexandra Pinheiro (2007) e pelas encontradas neste estudo, foi realizado um mapeamento dos textos que continham temas direcionados às mulheres, levando em conta o ano e o tomo em que estavam localizados, seus autores, páginas e o conteúdo predominante. Em vistas ao volume de seções e textos encontrados e já apontados em estudos anteriores, para esta investigação foram selecionadas para leitura e exame as seções que poderiam contribuir com elucidação de questões referentes à educação das mulheres e seu acesso à leitura e à escrita, como as seções “Educação e Instrução”, textos das seções de “Variedades”, que reuniram algumas cartas escritas por mulheres, ensaios sobre sua condição e educação, uma série de textos denominados de “Gastrosophia”, bem como os textos “Fragmentos de um livro”, que contribuíram para a compreensão de como se deu a definição de alguns papéis sociais considerados adequados para as mulheres do período por meio da educação.

Foram selecionadas ainda a seção “Chronica da Quinzena” e os anúncios de estabelecimentos e serviços denominados “Casas Recomendáveis”, pela sua intrínseca relação com as crônicas, que além de proporcionarem perscrutar o cotidiano das mulheres na cidade do Rio de Janeiro, permitiram compreender como a moda e os “bons comportamentos” eram elementos nos quais elas deveriam ser educadas e aconselhadas.

Continuando com as representações femininas, os textos “Brasileiras Célebres”, que formaram a seção “Esboços Biográficos”, reuniram um conjunto de biografias escritas por Joaquim Norberto de Sousa, que abordaram um grupo de mulheres que, segundo o autor, viveram no Brasil desde o período colonial. Assim, como sinalizou a pesquisadora Armelle Enders (2000), que as biografias “Brasileiras Célebres” possuíam um intuito de edificar as moças de boa família<sup>19</sup> e Marize Malta (2011) que explicou que as biografias de senhoras

---

<sup>18</sup> Neste e nos demais casos relativos às citações dos periódicos manter-se-á a ortografia vigente no período de circulação das publicações.

<sup>19</sup> ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, jul. 2000, p. 46.

ilustres eram assuntos recomendados às mulheres quando integravam periódicos<sup>20</sup>, foi mantido o estudo das biografias, entretanto, por meio da sua relação com o periódico.

Na intenção de compreender como a publicação foi estudada em outros trabalhos, foram localizadas por meio do Banco de Teses e Dissertações da Capes e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, as dissertações de Alexandra Pinheiro, *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier* e de Marcella dos Santos Abreu, *Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862)*. O primeiro trabalho se propôs a caracterizar e comparar a produção literária dos dois periódicos de Garnier, analisando os acontecimentos histórico-literários do período ao qual se relacionam.<sup>21</sup> Já o segundo teve por objetivo analisar a produção de Carlos, possivelmente Carlos José do Rosário (1824-1855), e d'O Velho, também provável pseudônimo de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), na seção “Chronica da Quinzena”, enfocando as temáticas sobre a afirmação do teatro e a moda nacional presente nessa seção.<sup>22</sup> Ambos os trabalhos salientaram que a *Revista Popular* dispôs em suas páginas conteúdos direcionados ao recreio e instrução das mulheres de sua época, por mais que não fosse uma publicação essencialmente feminina, entretanto, não foi esse foco e o objetivo da pesquisa de ambas as autoras.

Somam-se os trabalhos daquelas autoras, outros dois artigos: de Kátia Miranda e Sílvia Maria Azevedo (2010), *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): um Perfil dos periódicos de Garnier*, que caracterizou os dois periódicos de Garnier, a fim de compreender aspectos sociais e culturais importantes para a sociedade da época.<sup>23</sup> Já o artigo *Ler ciência no Brasil do século XIX: a Revista Popular (1859-1862)*, de Giselle Vanancio, analisa a divulgação da ciência no primeiro empreendimento de Garnier, atentando-se ainda para a identificação dos temas abordados, bem como seus autores.<sup>24</sup> Registre-se, de igual forma, a contribuição de Lígia Cristina Machado (2013), *A Revista Popular (1859-1862) e a*

---

<sup>20</sup> MALTA, Marize. Fundo, detalhe e satisfação visual: decoração doméstica em A Estação. In: KNAUSS, Paulo *et al* (org.). *Revistas Ilustradas: Modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011. p. 92.

<sup>21</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, p. 10.

<sup>22</sup> ABREU, Marcella dos Santos. *Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862)*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. VII.

<sup>23</sup> MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; AZEVEDO, S. M. *Revista Popular (1859-1863) e Jornal das Famílias (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier*. TriceVersa: Assis, v. 3, n. 2, 2010, p. 156.

<sup>24</sup> VENANCIO, Giselle Martins. *Ler ciência no Brasil do século XIX: a Revista Popular, 1859-1862*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, p.1153-1162, nov, 2013.

*nacionalidade de seus colaboradores*, publicada na obra *O Oitocentos entre livros, livreiros e impressos*, a qual além de abordar os primeiros anos do livreiro Garnier no Brasil, discute a nacionalidade dos artigos e a relevância da publicação para o cenário das letras nacionais.<sup>25</sup>

No entanto, não foram identificadas nas produções anteriores sobre a *Revista Popular* o enfoque da problematização da educação das mulheres oitocentistas e a imprensa periódica como um meio por onde à elas foram propagados costumes, práticas e valores. Nesse caminho, pôde-se observar que a *Revista Popular* não só abordou qual seria a educação adequada das mulheres, como também colaborou com ela por meio das representações femininas forjadas e pela sugestão de hábitos e gostos considerados apropriados e civilizados, mas também veiculou proposições e representações com sentidos mais emancipatórios, ainda que não fossem majoritários dentro da publicação.

Colabora para elucidar essa questão a afirmação de Tania de Luca (2012), que em seu texto *Mulheres em Revista*, explica que periódicos ensinam, aconselham, indicam condutas, o que se deve fazer, o que se deve vestir, como agir ou se portar, do que gostar, o que é de bom ou mal tom em situações específicas. Dessa maneira, acabam por cumprir funções pedagógicas, que podem influir no processo de constituição do indivíduo, na maneira como ele se autopercebe e se relaciona com o mundo em sua volta.<sup>26</sup> Por essa afirmativa, chega-se à noção de representação, conforme abordada por Roger Chartier em seus trabalhos.

O historiador francês assegura que as representações são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Para ele, as percepções do social não são discursos neutros, mas que produzem estratégias e práticas que impõem e legitimam o poder e a dominação, as visões de mundo, dentro das lutas de representações, que seriam tão importantes quanto às lutas econômicas.<sup>27</sup> Ainda, para Roger Chartier (2010), um dos principais desafios da História Cultural é pensar a articulação entre as representações e as práticas, perceber como os atores sociais dão sentido às suas práticas e aos seus enunciados, marcados pelas capacidades inventivas dos indivíduos ou grupos sociais, mas por outro lado, também pelas convenções que limitam o que é possível ser feito, dito e pensado.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> MACHADO, Lígia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 125- 148.

<sup>26</sup> LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). Nova História das Mulheres. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 463.

<sup>27</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

<sup>28</sup> CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 49.

Em seu trabalho *A História ou a leitura do tempo*, Roger Chartier (2010) explica que as representações, sejam elas individuais, coletivas, mentais, textuais e iconográficas, não são como simples reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social.<sup>29</sup> Como contribuição da História Cultural, de acordo com Tedeschi (2015), a noção de representação possibilita pensar que os gêneros incorporam representações e constroem suas práticas dentro de uma lógica social, então a noção possibilita compreender os mecanismos de produção dos papéis sexuais e daquilo que é imposto como masculino e feminino, levando ao questionamento como essas representações são construídas e impostas.<sup>30</sup>

Como a fonte desta pesquisa é um periódico, Tania de Luca (2012), explica que por meio das revistas, ao longo do tempo, pode-se acompanhar como em diversos lugares os papéis sociais são atribuídos às mulheres, pois dialogam com o seu tempo, permitem acompanhar as mudanças de temáticas, como uma espécie de termômetro dos costumes de uma época.<sup>31</sup> Nesse sentido, acredita-se que a *Revista Popular*, ao propor recreio e instrução às mulheres de sua época, também forjou representações sobre o feminino, prescreveu comportamentos, proferiu discursos.

No primeiro capítulo, assim como expresso por Ana Luiza Martins (2008), quando os historiadores utilizam os impressos periódicos, é importante que estejam bem contextualizados com o período e o imaginário no qual a publicação esteve relacionada. Dessa forma, buscou-se compreender as relações entre o estabelecimento da imprensa e o cenário histórico do Brasil até meados dos oitocentos. Para uma melhor compreensão da *Revista Popular* e o período em que ela circulou, foi necessário um recuo, a fim de compreender como surgiu a imprensa no Brasil, suas entonações e imbricações políticas, literárias e femininas.

No segundo capítulo, buscou-se esclarecer aspectos da condição material da *Revista Popular*, atentando-se para a sua proposta editorial, intenções de público, grupo de redatores e colaboradores, bem como os seus conteúdos e seções. Procurou-se também compreender como a publicação pensou e proporcionou a educação feminina, visto que expressou que essa era uma das suas intenções. Foi possível, ainda nesse capítulo, perscrutar textos com assinaturas femininas que versavam sobre a educação e a condição das mulheres daquele período.

---

<sup>29</sup> CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 07.

<sup>30</sup> TEDESCHI, Losandro Antonio. Representação. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (org.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: Ed. UFGD, 2015, p. 578.

<sup>31</sup> LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In PINKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 450.

O terceiro capítulo explora a seção “Chronica da Quinzena”, provavelmente escrita por Carlos José do Rosário e Joaquim Manuel de Macedo, que a partir do relato do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, permitiu vislumbrar representações sobre as mulheres, suas formas de sociabilidade, formas de consumo da moda, dos produtos franceses e possíveis motivações pelas quais era importante educar meninas e mulheres. Esse capítulo também aliou a análise da seção “Casas Recomendáveis”, que reuniu anúncios de lojas de fazendas, modistas francesas, colégios para meninas, que contribuíram sondar sobre o público alvo da revista e as formas de consumo feminino da época.

O quarto e último capítulo dedica-se ao exame dos textos que compunham a seção “Esboços Biográficos” denominados de “Brasileiras Célebres”, escritos por Joaquim Norberto de Sousa, importante intelectual do século XIX e colaborador da revista. Os textos abordaram dezenove histórias de vidas de mulheres que viveram no Brasil. Levando em consideração que no século XIX a biografia também poderia possuir inclinações pedagógicas e de exemplaridade<sup>32</sup>, mesmo que a *Revista Popular* não fosse direcionada à escolarização das meninas como foi o livro, entendeu-se que ela também poderia estar colaborando com a educação das leitoras.

Considera-se que, assim como outras instâncias, a *Revista Popular*, bem como outras de sua época, enunciou uma educação feminina que, no seu sentido mais amplo, colaborou para a conformação de suas leitoras, construiu representações e sugeriu práticas tidas com apropriadas para o seu contexto, mostrando assim, como apontado por Tânia de Luca (2012), que as revistas também cumprem uma função pedagógica.

---

<sup>32</sup> Sobre essa questão ver: OLIVEIRA (2009; 2015).

## CAPÍTULO 1

### A IMPRENSA E O RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DOS OITOCENTOS

De acordo com Tania de Luca e Ana Luiza Martins (2013), existe uma intrínseca relação entre o nascimento da nação brasileira e o aparecimento dos primeiros periódicos. Para as autoras, a história do Brasil e a história da imprensa se entrelaçam, se alimentam e se autoexplicam.<sup>1</sup> A imprensa acompanhou a antiga colônia se tornar metrópole, foi um importante espaço de discussão durante o processo de independência, participou intensamente da vida política da Regência, assistiu o apogeu do Império, mas também sua queda. Registrou o cotidiano e as transformações da sociedade, viu seu público leitor sendo formado, contribuiu para a circulação de ideias, foi palco de muitos intelectuais dos oitocentos, sugestionou, propagou costumes e condutas aos seus leitores.

Sendo assim, este primeiro capítulo tem como objetivo apresentar as relações entre o nascimento e os caminhos da imprensa no Rio de Janeiro do século XIX, atentando-se para o início das atividades impressas no Brasil, o cotidiano da cidade da Corte, a formação de leitores e leitoras, o surgimento e o desenvolvimento de tipografias, livrarias, jornais e revistas. O caminho que será percorrido é fundamental para a pesquisa com os impressos periódicos, pois, como esclarecido pela historiadora Ana Luiza Martins (2008), ao se estudar a imprensa ou ao tomá-la como fonte, o historiador deve estar bem contextualizado com o período que pretende trabalhar: “Nesse sentido, a constância do uso de revistas como fonte histórica vem revelando que frases e imagens de periódicos pinçadas aqui e acolá, descosturadas do mergulho em seu tempo – vale dizer, no imaginário construído ao seu tempo – não iluminam suficientemente o passado.”<sup>2</sup>

A imprensa surgiu em paralelo à chegada da Corte portuguesa no Brasil. Em março de 1808, a Baía da Guanabara recebeu a frota que conduziu a Corte de D. João VI saída de Portugal, dominado pelas forças napoleônicas que, transferida para o Rio de Janeiro, mudou consideravelmente a vida na colônia. A cidade posteriormente tornou-se a capital de um vasto

---

<sup>1</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Introdução. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 08.

<sup>2</sup> MARTINS, Ana Luiza. Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ FAPESP, 2008, p. 21

Império com possessões na África e Ásia, causando assim, como nas palavras de Maria Odila Dias, citada por Marcello Basile (1990), a “interiorização da Metrôpole”<sup>3</sup>.

De acordo com Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999), no início do século XIX, o Rio de Janeiro possuía o mais importante porto do Brasil, em seu entorno desenvolveu-se uma economia que girou em torno do açúcar na região dos Campos dos Goytacases e do café que começou a prosperar posteriormente. Comunicava-se com as regiões das minas, do sul com o comércio de montarias, couros e a crescente importância do charque, ainda com a região açucareira do litoral nordestino, bem como as províncias com grande densidade de escravos, como Bahia e Pernambuco.<sup>4</sup> Conforme também anunciado por Luís Felipe Alencastro (1998), o porto fluminense era escala praticamente obrigatória dos navios vindos do Atlântico Norte que se deslocavam para a costa do Pacífico e vice-versa. Foi ainda ponto de encontro e de redistribuição da economia nacional, tendo a metade do comércio exterior brasileiro passado pelos seus cais.<sup>5</sup>

Acompanhando a Corte, veio também para o Brasil o governo da metrópole com seu aparato administrativo e funcionários régios. Após o ano de 1808, diversos servidores, padres, advogados, médicos e, terminada as guerras napoleônicas, os oficiais e tropas lusas vieram para a América Portuguesa. Esse contingente foi engrossando à medida que ao passar dos anos administradores e colonos de outras partes do Império Português, como Angola e Moçambique, também foram habitar na cidade. Estima-se que pelo menos 15 mil pessoas passaram a viver no Rio de Janeiro.<sup>6</sup>

Quando a Corte se instalou no Rio de Janeiro, encontrou uma cidade predominantemente colonial, com ruas estreitas e tortas, casas pouco cômodas, serviços públicos precários, marcada no relato dos estrangeiros pela quantidade de escravizados.<sup>7</sup> Dada as deficiências da cidade, uma situação caótica se estabeleceu no município após a chegada da Corte, Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999) explicam que, com a chegada da comitiva real, casas e palácios foram adaptados para abrigar os cortesãos, prédios foram

---

<sup>3</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte A: A independência e a formação do Estado Imperial. In: LINHARES, Maria Yedda. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990. p. 188.

<sup>4</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 30-31.

<sup>5</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Vol. 2, p. 24

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>7</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 30-31.

requisitados para uso, chácaras cedidas e construções foram improvisadas.<sup>8</sup> Luís Felipe Alencastro (1998) acrescenta que, com os novos habitantes, ascendeu uma busca por moradias, serviços e bens que atraiu comerciantes, mercadorias e cativos, a fim de responder a demanda desses serviços.<sup>9</sup>

Ao se acomodar, a nobreza foi se estabelecendo nas regiões do Catete, Botafogo, São Cristóvão e os comerciantes, artesãos, pequenos funcionários régios foram para o centro da cidade. Morar bem nesse período significava “lavado de bons ares, numa rua larga e asseada, perto do chafariz e do Passeio Público, com igrejas e capelas na proximidade, uma praça com hortaliças e açougue”<sup>10</sup>. A população mais pobre acabava ficando nas regiões mais próximas aos mercados de escravos, próximo aos manguezais, ao morro do Valongo, marcando as diferenças sociais urbanas vistas até os dias atuais.<sup>11</sup>

Nesse momento de mudança da Corte, foram adotadas algumas medidas para atenuar os problemas de urbanização, melhorar e expressar a civilização, modernidade e progresso que se pretendia alcançar. Sendo assim, buscou-se uma série de providências em relação às melhorias da saúde pública e ao policiamento das ruas como a criação da Intendência Geral de Polícia, ainda em 1808, que deveria zelar pelo melhoramento da urbanização e segurança da população. Criaram-se ainda instituições e espaços de apoio às letras, cultura e ciência, já que a chegada da Corte impulsionou novos rumos para uma cultura letrada e a organização de uma vida intelectual mais intensa no Brasil, sendo um desses indícios, a criação da Biblioteca Pública em 1810, atualmente a Biblioteca Nacional.<sup>12</sup>

A presença do séquito de D. João VI certamente contribuiu para fomentar a vida cultural do país, que foi se modificando de acordo com as necessidades da elite, que carecia de formas de sociabilidades para seu cotidiano. Foram se tornando mais comuns as cerimônias de casamento, batizados, comemorações reais, que, quando contavam com a presença dos soberanos, se tornavam ainda mais importantes.<sup>13</sup> Esses aspectos, conforme salientado por Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999), contribuíram para difundir uma sociedade de

---

<sup>8</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 31-32.

<sup>9</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1998, vol. 2, p. 13-14.

<sup>10</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 32

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>12</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 13-14.

<sup>13</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 40-41.

corte, cujos hábitos deveriam se difundir pela população, indo ao encontro daquilo que de acordo com Nobert Elias seria um “processo civilizador”<sup>14</sup>.

Com a ampliação na vida social e cultural do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro, teve-se a criação da Imprensa Régia, com o decreto de 13 de maio de 1808. Esse órgão ficou responsável pela publicação de jornais, obras de teor científico e literário, o que segundo Marco Morel (2013), combate a ideia equívoca de que ela apenas divulgou papéis oficiais, visto que desenvolveu uma ampla e complexa atividade tipográfica.<sup>15</sup>

No início da atividade impressa, surgiu o primeiro periódico publicado no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, ainda em 1808. Para Marinalva Barbosa (2010), a *Gazeta* foi considerada o jornal oficial da corte de D. João VI, mas isso não impossibilitou que nela fossem disseminadas informações que interessavam o público em geral. De acordo com a autora, a primeira impressão que se tem é que a gazeta publicou apenas decretos, avisos, éditos e outros textos oficiais<sup>16</sup>, entretanto, compartilha com Carlos Costa (2007) a consideração de que a publicação revelou múltiplas informações provenientes de diversas redes de notícias.<sup>17</sup>

Ainda sobre a gênese das atividades impressas no Brasil, Marco Morel (2013) destaca que a ênfase no oficialismo da imprensa ofusca a percepção da existência de formas de comunicação e transmissão já existentes no país. Para o historiador, não se pode esquecer que antes mesmo de 1808 foi possível localizar mais de trezentas obras de autores nascidos no território brasileiro, não se tratando apenas de livros, mas também impressos anônimos, textos inéditos de autores clássicos, narrativas históricas, assuntos de medicina, agricultura, viagens, literatura em prosa, poesias, gramática e até mesmo polêmicas.<sup>18</sup> Nesse sentido, Marco Morel (2013) e Marinalva Barbosa (2010) defendem o posicionamento de que a explicação da falta de prelos e a censura não foram necessariamente restritivas ou negativas para a circulação de impressos no Brasil.

Também como formas de comunicação e transmissão que já se faziam presentes no Brasil, Marinalva Barbosa (2010) destaca a circulação de boatos, informações manuscritas, bem como impressões clandestinas, concordando assim com Marco Morel (2013), que a gênese da

---

<sup>14</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 41.

<sup>15</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 31

<sup>16</sup> BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 27.

<sup>17</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 44 - 45.

<sup>18</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 24

imprensa no país não se deu em um vazio cultural, nem em um vazio de formas de comunicação. Além disso, ainda de acordo com Marinalva Barbosa (2010), nesse início, outras formas de comunicação alimentaram a imprensa, como as redes de boatos e conversas, o famoso “ouvi dizer”, “chegou aos nossos ouvidos”, bem como informações de outros periódicos, nacionais e estrangeiros.<sup>19</sup>

Ao se estudar os princípios da imprensa no Brasil, tanto Marinalva Barbosa (2010), quanto Marco Morel (2013), salientam a necessidade em se compreender a sociedade em princípios do século XIX, ainda muito marcada e organizada nos moldes absolutistas em crise e em transformação. Nas palavras de Morel (2013):

Dessa forma, parece ser sugestivo compreender que a primeira geração da imprensa periódica produzida no Brasil não surge no vazio, numa espécie de gestação espontânea, mas baseada em experiências perceptíveis. Além da já citada cena pública complexa onde ela se inseria, havia uma tradição de atividades impressas da nação portuguesa, à qual o Brasil pertencia, sem esquecer a possibilidade de os primeiros redatores propriamente brasileiros terem aprendido e convivido, ainda que informalmente com a imprensa em outros países. [...] Questiona-se, assim, a noção, às vezes apresentada de forma simplista, que procura contrapor o florescimento da imprensa às repressões do absolutismo. A imprensa, periódica ou não, surgiu e se consolidou sob determinadas condições e características, que não eram, evidentemente, as de uma democracia moderna, de sociedades industriais ou de uma cultura de massas.<sup>20</sup>

Embora Marinalva Barbosa (2010) afirme que a imprensa se inseriu em uma já existente rede comunicacional de informações manuscritas e da imprensa clandestina, ela acredita que só existiu imprensa, de fato, a partir do momento em que a transmissão de informações regulares se tornou pública, ou seja, acessível a um público em geral:

Até então as novidades ou opiniões publicadas, sem qualquer regularidade, não eram transformadas em notícias. Existe troca de informações, mas não existe imprensa. Só há imprensa quando a ideia do público como espécie de abstração-concreta se torna o desejo dominante das publicações. Não importa que tipo de público: se os comerciantes e os militares de altas patentes. Há jornalismo quando há publicização no sentido amplo do termo.<sup>21</sup>

Acompanhando ainda o início das atividades impressas, em 1811 passou a circular na Bahia a *Idade D'Ouro*, periódico editado por uma tipografia criada a partir da livraria do

---

<sup>19</sup> BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 30-31.

<sup>20</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 27-28.

<sup>21</sup> BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 20.

comerciante português Manuel Antônio da Silva Serva, em Salvador.<sup>22</sup> O início do século XIX, embora os altos índices de pessoas que não sabiam ler e a precariedade da educação foi caracterizada por uma crescente familiaridade com a leitura, conforme foi apontado por Carlos Costa (2007), que evidencia que dentre os anos de 1808 e 1816, o número de livrarias no Rio de Janeiro subiu de 2 para 12.<sup>23</sup>

Sobre as livrarias que foram se estabelecendo na cidade da Corte, de acordo com Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999), naquele momento elas não vendiam apenas livros, mas artigos variados e produtos importados como, cristais, porcelanas, móveis, contribuindo assim para o comércio de luxo da cidade.<sup>24</sup> Conforme aborda Mary Del Priori (2016), a exemplo das livrarias, estabeleceram-se nas capitais das províncias, estrangeiros que desenvolviam diversas atividades e serviços, como marceneiros, ferreiros, modistas e também comerciantes que vendiam produtos como vidro, cobre, lã, ferro, sapatos, tecidos vindos da Inglaterra e da França. Para a autora, a busca por esses produtos importados era uma maneira de escapar do considerado “mau gosto” português ou dos objetos feitos em casa pelos escravos. Naquele momento, tudo o que vinha da França ganhava prestígio, as senhoras mais chiques queriam se pentear à moda francesa para ir à ópera, aos bailes, saraus que passaram a ocorrer com maior frequência.<sup>25</sup>

As formas de sociabilidade se diversificaram e ganharam importância na vida social da Corte, assim se tornaram mais frequentes jantares, bailes, reuniões, saraus, espetáculos, passeios pelos centros comerciais, dentre outros. Existia um Rio de Janeiro que buscou ares europeizados, que introduziu hábitos e costumes “ditos civilizados” por meio de uma nobreza pequena, funcionários do Paço que desfrutavam de regalias como alimentação, moradias, cavalos e etc. A sociedade aristocrática ditou regras do bom gosto, contribuiu para o incremento do comércio nas casas comerciais destinadas a atender essa parcela restrita da população.<sup>26</sup>

Ao mesmo tempo em que a vida social se tornava mais dinâmica, com novas formas de sociabilidades e com a pretendida civilidade proporcionada pela presença da Corte, era possível observar, por outro lado, os costumes das populações pobres, com seus festejos de rua

---

<sup>22</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 44.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>24</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 48.

<sup>25</sup> DEL PRIORI, Mary. Histórias da gente brasileira. São Paulo: Leya Editora, 2016, p. 109-111.

<sup>26</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 41- 42.

que certamente foram considerados como rudes pela elite, contando ainda com presença da escravidão, que desenhou uma cena bastante contrastante.<sup>27</sup>

Outra problemática que perpassou o Brasil Imperial foi a questão da educação, também necessária para criar um ambiente de civilização ao redor da Corte. Após a expulsão dos jesuítas em 1759, foram estabelecidas as aulas régias de primeiras letras, que consistiam em aulas de gramática, retórica, filosofia, e grego, mas eram escassamente espalhadas pelas capitânias.<sup>28</sup> Contudo, essas medidas se mostraram ainda incipientes, pois confrontando a civilização pretendida, o analfabetismo da população foi uma situação que perpassou todo o século XIX. E assim, os primeiros passos da imprensa andaram ao lado da cultura oralizada e de práticas de leitura em voz alta e coletivas.<sup>29</sup>

Durante o século XIX, as letras impressas não predominaram imediatamente sobre as formas oralizadas de transmissão, como bem salientado por Vinícius Gagliardo (2016). Conforme o autor, o mundo dos impressos misturava-se ao da oralidade, a imprensa chegava as pessoas pelas leituras coletivas, realizadas em diversos pontos da cidade, como ruas, praças, cafés, restaurantes e residências, assim as letras impressas eram mais ouvidas do que lidas.<sup>30</sup>

De acordo com Carlos Costa (2007), foi ainda nas duas primeiras décadas do século XIX que, embora as altas taxas de analfabetismo, observaram-se experiências pioneiras como *As Variedades ou Ensaio de Literatura* de 1812, que circulou na Bahia e também *O Patriota*, que foi publicado entre janeiro de 1813 e dezembro de 1814 pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro. Essas duas últimas consideradas pelo autor como as primeiras revistas brasileiras.<sup>31</sup>

Sobre *As Variedades ou Ensaio de Literatura*, Carlos Costa (2007) afirma que se assemelhava a um livro, com textos e artigos: “Sobre a Felicidade Doméstica”, “Costumes e usos no México”, “Instrução Militar”; “Quadro Demonstrativo ou Cronologia da Filosofia Antiga”; “Teoria Nova e Curiosa sobre a Origem dos Gregos”; “Da Ciência e das Belas Artes”; “Anedotas e Bons Ditos”. Já *O Patriota* foi um periódico considerado como uma revista de cultura, que teve a participação de literatos como Domingos Borges de Barros (o visconde da

---

<sup>27</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. p. 46.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 49-50.

<sup>29</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p 28.

<sup>30</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 37- 39.

<sup>31</sup> De acordo o autor (2007), existe uma imprecisão ou anacronismo em utilizar o termo “revista” para esse período. Para ele, ainda não estava definido o que era constitutivo de uma revista ou de um jornal, tanto que algumas revistas se referiam a si próprias como jornal. Assim, Carlos Costa (2007) afirma que a melhor palavra para designar as publicações dessa época seria “periódico”, deixando os termos “revista” ou “jornal” para designar apenas os impressos surgidos no último quartil do século XIX. p. 55.

Pedra Branca), Mariano José Pereira da Fonseca (marquês de Maricá), Saldanha da Gama, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, bem como funcionários da administração imperial, como José Bonifácio de Andrada e Silva e Alexandre de Gusmão.<sup>32</sup>

Ainda nos primeiros passos da Corte no Brasil, foi possível observar as movimentações que a presença da família real causou no Rio de Janeiro. Foi preciso realizar mudanças urbanísticas na cidade, a criação de instituições para a administração e uso cultural dos novos habitantes da América Portuguesa, que dinamizaram a vida na cidade. Dentre as principais instituições criadas, a Imprensa Régia certamente contribuiu para a formação, ainda que tímida, de um público leitor, para o surgimento de novas formas de sociabilidades e para o fomento da vida intelectual e literária do país. Já naquele primeiro momento, além das iniciativas mais formais e oficiais da Imprensa Régia, foi possível observar a instalação de tipografias e de experiências pioneiras como *O patriota* e *As Variedades ou Ensaios de Literatura*. Os anos que se seguiram foram marcados pelo incremento da circulação de impressos, bem como imbricações da política e da literatura na imprensa, que serão abordados a diante.

## 1.1 A imprensa e sua abordagem política

A liberdade de imprensa passou a ser possível em 1821, por meio da Constituição decorrente da Revolução do Porto e nesse ensejo foi abolido também o monopólio estatal que não permitia que outras tipografias funcionassem.<sup>33</sup> Até então, o poder de censura foi exercido por instituições criadas após a chegada da Corte, como a Junta Diretora e depois pelo Desembargo do Paço, que baseava seu trabalho em critérios religiosos, políticos e morais.<sup>34</sup>

Ainda nessas duas primeiras décadas do século XIX, de acordo com Marco Morel (2013), surgiu no Brasil, incentivada por meio dos impressos, a opinião pública, recurso que legitimou posições políticas e ao mesmo tempo foi instrumento simbólico, que tendeu a transformar algumas demandas mais particulares de alguns setores em uma vontade geral. O autor explica que a opinião pública desempenhou um papel muito importante na constituição dos espaços públicos e no desenvolvimento de consciências políticas. Diante do poder absolutista, os letrados fizeram uso público da razão, construíram leis morais, abstratas e gerais,

---

<sup>32</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 55.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>34</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 49.

fonte de crítica do poder e consolidação de uma legitimidade política, uma opinião que possuía o poder de influenciar os negócios públicos e até mesmo de julgar os limites do privado.<sup>35</sup> Nas palavras do autor, as relações com a imprensa se davam da seguinte maneira:

Realizando-se, sobretudo, nos periódicos impressos, essa opinião pública tinha dois sentidos básicos na época de seu surgimento. Ou era vista como “rainha do mundo”, fruto da elaboração dos sábios ilustrados e enciclopedistas, como sinônimo da soberania da razão, isto é, uma simbiose entre reino da opinião e a república das letras. Ou então, num sentido mais jacobino ou revolucionário, afirmada como resultado da vontade da maioria de um povo, que se expressava através da participação de setores da sociedade em agremiações e organizações políticas, ou seja, vinculada à ideia de democracia direta.<sup>36</sup>

Ainda, para Marco Morel (2013), o momento crucial para emergência da opinião pública se deu justamente nos anos de 1820 e 1821, ocasião que antecedeu a Independência. Para Carlos Costa (2007), os anos anteriores à independência podem ser considerados um dos mais efervescentes e criativos da imprensa brasileira. Conforme o autor, o movimento liberal conhecido como “Revolução do Porto” proporcionou algumas medidas para o Brasil, sendo uma delas o fim da censura prévia de publicações em 1820, que mesmo aprovada pela Junta de Governo da Revolução Constitucional Portuguesa, entrou em vigência também para as terras da América.<sup>37</sup>

A Revolução do Porto proporcionou um processo que culminou na ruptura entre Portugal e Brasil. Os debates de ideias e posicionamentos em ambos os países alimentaram discussões que transpareceram na imprensa do período. Marcello Basile (1990) afirma que desde a transferência da Corte, Portugal passou por uma crise econômica e perda de privilégios que nutriu um ressentimento ligado ao novo status de metrópole que o Brasil desfrutou, e entraves políticos, econômicos e sociais vieram como consequências.<sup>38</sup> Nesse mesmo sentido, Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999) explicam que Portugal enxergou-se numa situação opressiva, sem a presença do seu soberano e, em Lisboa, desde a partida da Corte, muitos jornais se posicionavam contra a inversão de papéis, que ocorria entre Brasil e Portugal,

---

<sup>35</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 33.

<sup>36</sup> *Ibidem* p. 33-34.

<sup>37</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. *A revista no Brasil, o século XIX*. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 63.

<sup>38</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. *O império brasileiro: panorama político. Parte B: Consolidação e crise do Império*. In: LINHARES, Maria Yedda. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 193.

insistindo na concepção de que o centro do Império luso-brasileiro deveria voltar para as terras portuguesas.<sup>39</sup>

De acordo com Marcello Basile (1990), o movimento foi influenciado por ideias liberais e teve início com uma ação militar, que atingiu outros ramos da sociedade, sobretudo a burguesia comercial, que instalou um governo provisório, convocou as antigas Cortes, transformando-as de órgão consultivo em deliberativo, a fim de elaborar uma constituição, subordinando a Coroa ao poder legislativo.<sup>40</sup> Outro objetivo seria reformar as relações econômicas no interior do Império, com o intuito de tirar Portugal da crise econômica que se achava.<sup>41</sup>

No decorrer das movimentações, D. João VI se viu compelido a voltar para Portugal e, assim, Pedro, seu filho, assumiu o governo do Brasil como uma autoridade central, que deveria articular-se com as demais províncias em um momento em que se preparava para as eleições dos deputados às Cortes de Lisboa. Contudo, foi um período difícil economicamente e politicamente, ao passo que os cofres públicos estavam desfalcados, dada a partida da Corte para Portugal e pela insubordinação política das províncias ao norte, pela falta de apoio financeiro das províncias do sul, apesar da lealdade ao príncipe regente, ficando Pedro à mercê economicamente de Lisboa.<sup>42</sup>

Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999) enfatizam que por diversas vezes chegaram ao Brasil notícias bastante defasadas, em cerca de três meses, causando desencontros de informações. Dentre essas informações, algumas indicavam que as Cortes tendiam cada vez mais a restabelecer a supremacia da Corte de Portugal, que culminou no pedido de retorno de D. Pedro para o velho continente.<sup>43</sup> Para Marcello Basile (1990), esse pedido gerou um descontentamento no Rio de Janeiro, fazendo surgir a conhecida campanha do Fico, que aspirava a permanência do príncipe regente no país, sendo na opinião do historiador, um dos

---

<sup>39</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 67.

<sup>40</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte B: Consolidação e crise do Império. In: LINHARES, Maria Yedda. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 193.

<sup>41</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 68-69.

<sup>42</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte A: A independência e a formação do Estado Imperial. In: LINHARES, Maria Yedda. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 95-96.

<sup>43</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 78.

primeiros sinais de que o governo reagiria de uma forma mais independente em relação às Cortes.<sup>44</sup>

Esses acontecimentos repercutiram em grande proporção nos jornais de Portugal e do Brasil, iniciando assim, como explicam Lucia Maria Neves e Humberto Machado (2000), a circulação de uma variada literatura política em formato de jornais, folhetos e panfletos que veiculavam e debatiam ideias liberais e constitucionais, que faziam uso do caráter polêmico, mas também didático.<sup>45</sup> Essas folhas e jornais foram discutidos nos espaços de sociabilidade indo além dos públicos letrados como pode ser visto na fala de Marinalva Barbosa:

É preciso considerar também que as ideias que circulam de maneira virulenta pelas folhas impressas, voltam, por sua vez, ao mundo da oralidade. Lidos e comentados nas ruas, nos cafés, nos teatros e nas residências, esses impressos se multiplicam pela força do comentário. Essa tendência de as notícias serem ouvidas e vistas, mais do que lidas, será uma marca da sociedade brasileira até mesmo depois do surgimento de uma imprensa de massa, já no século XX.<sup>46</sup>

Nesse contexto esboçado brevemente acima, multiplicaram-se publicações em todo o país. De acordo com Carlos Costa (2007), só no Rio de Janeiro, no intervalo de 1821 a 1822, sugeriram jornais como *O Amigo do Rei e da Nação*, *O Bem da Ordem*, *O Conciliador do Reino Unido*, *O Despertador Brasiliense*, *O Diário do Rio de Janeiro*, *O Espelho*, *O Jornal de Anúncios*, *A Malagueta*, *O Reverbero Constitucional Fluminense*, *A Sabatina Familiar dos Amigos de Bem Comum*.<sup>47</sup>

Carlos Costa (2007), apoiado em Dulcília Buitoni (1981), explica ainda que, como característica daquele tempo, as publicações circulavam por um curto período, por serem projetos voluntários e sem planejamento econômico. Contudo, salienta que a vida efêmera deles não diminuiu a importância que tiveram, visto que exerceram sua participação no processo que culminou na independência brasileira e por possibilitarem novos espaços de leituras que alcançaram as populações não letradas. Esse incremento de publicações não ficou restrito apenas à Corte, mas também avançou por outras províncias ainda no intervalo de 1821 e 1822,

---

<sup>44</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte A: A independência e a formação do Estado Imperial. In: LINHARES, Maria Yedda. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 97-98

<sup>45</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.71.

<sup>46</sup> BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 52-53.

<sup>47</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 63.

como no Pará, Maranhão, Pernambuco e anos depois Ceará, Paraíba, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo.<sup>48</sup>

Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999) explicam que após a Revolução do Porto e as incompatibilidades entre as Cortes de Lisboa e os interesses do Brasil que culminaram na independência, as questões políticas mantiveram-se no Rio de Janeiro, dados os embates entre as facções ou partidos que procuravam o apoio do imperador D. Pedro I. Sobre isso, os historiadores explicam que de um lado esteve a facção liderada por José Bonifácio, com os denominados “coimbrãos”, que possuíam uma experiência na vida pública do Império luso-brasileiro, estando mais próximos da esfera cortesã, e de outro lado esteve o grupo de Joaquim Gonçalves Ledo, com os mais jovens chamados “brasilienses”, que haviam vivido sua juventude no período dos debates entre o Brasil e as Cortes, estando mais circunscritos à realidade brasileira e de uma camada média urbana.<sup>49</sup>

O Imperador, de acordo com Marcello Basile (1990), identificava-se mais com o pensamento autoritário e conservador de José Bonifácio do que com as ideias da outra corrente. Não lhe agradava, por exemplo, como sugeriu a vertente de Ledo, ter seu poder limitado pelo Parlamento.<sup>50</sup> Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999) afirmam que D. Pedro I se aproximou dos coimbrãos, emprestando autoridade a José Bonifácio, que declarando a presença de perturbadores da tranquilidade e da ordem pública, abriu uma devassa que desarticulou os brasilienses e seus jornais, prendeu e deportou membros do grupo alegando que eram demagogos, anarquistas e republicanos.<sup>51</sup>

Sobre uma das características repressivas daquele período, a liberdade de imprensa que havia sido estabelecida pelo decreto de 18 de junho de 1822, permaneceu até 1823, quando foi substituída por um projeto de lei elaborado pelos deputados da Constituinte, onde ficou assentado que nenhum escrito ou impresso estava sujeito à censura, sendo livre a qualquer pessoa imprimir, publicar, vender e comprar livros, escritos e impressos. Entretanto, existiram ressalvas sobre os casos considerados como abusivos, que se configuravam quando se contrariava o governo monárquico e constitucional, incluindo a proibição de difamar e injuriar a Assembleia Nacional, crimes contra a religião, os bons costumes e pessoas públicas ou

---

<sup>48</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 64-65.

<sup>49</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 85.

<sup>50</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte B: Consolidação e crise do Império. In: LINHARES, Maria Yedda. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 209.

<sup>51</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 86.

particulares, podendo ser impostas multas e prisão, sendo as penas mais graves aplicadas aos que incitassem rebeliões.<sup>52</sup>

O imperador D. Pedro I fez uso da imprensa e publicou seus textos em jornais. Para Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999), havia uma preocupação por parte do Imperador em conduzir a opinião do cidadão brasileiro e, por isso, buscava esclarecer suas atitudes. Dessa forma, escreveu cartas anônimas aos jornais de sua época, publicando artigos contra os redatores que lhe faziam oposição política.<sup>53</sup>

De acordo com Miriam Dolhnikoff (2017), temendo que a Assembleia aprovasse um texto que enfraqueceria o poder Executivo, o governo de D. Pedro I fechou a Assembleia Constituinte.<sup>54</sup> Com a diluição, a Constituição de 1824 foi elaborada por um Conselho de Estado. Nela ficou estabelecido a divisão de poderes em Executivo, Judiciário e Legislativo, acrescentando-se o Moderador.<sup>55</sup> Essa Constituição ficou notabilizada pela centralização política, administrativa e pela concentração de poderes nas mãos do Imperador, o que causou violentas reações em províncias como a Bahia e Pernambuco e não deixou de reverberar na imprensa também.<sup>56</sup>

Afetadas pelas perseguições políticas que se seguiram à Independência e à dissolução da Assembleia Constituinte, os jornais revigoraram-se com a inauguração da primeira legislatura, expandindo-se não só no Rio de Janeiro, mas também na Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará, e surgindo, a partir de então, em Minas Gerais (1823), no Ceará (1824) e em São Paulo (1827), no Rio Grande do Sul (1827) e em Goiás (1830).<sup>57</sup>

Miriam Dolhnikoff (2017) explica que, desde o fechamento da Constituinte em 1823, os parlamentares se distanciaram do imperador e as divergências entre ambos os lados ficaram evidenciadas com a reunião do parlamento em 1826. Posteriormente, as divergências entre a manutenção do tráfico negreiro os desgastes ocasionados com a guerra travada contra Buenos Aires pela Cisplatina colaboraram com a situação. Na nova legislatura que se iniciou em 1830, a maioria dos deputados eleitos fizeram oposição a D. Pedro I.<sup>58</sup>

---

<sup>52</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 87.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>54</sup> DOLHNIKOFF, Miriam. História do Brasil Império. São Paulo: Contexto, 2017, p. 38.

<sup>55</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte A: A independência e a formação do Estado Imperial. In: LINHARES, Maria Yedda. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 93-94.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 213.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 218.

<sup>58</sup> DOLHNIKOFF, Miriam. História do Brasil Império. São Paulo: Contexto, 2017, p. 45-47.

Marcello Basile (1990) narra os debates políticos que havia entre opositores e governo na imprensa e afirma que correram rumores de que o imperador estava preparando um golpe absolutista, planejando a dissolução do congresso, o que ocasionou reuniões conspiratórias nas sociedades secretas, atritos e garrafadas entre brasileiros e portugueses nas ruas do Rio de Janeiro e de outras províncias. O historiador relata que aconteceram vários ajuntamentos em diferentes pontos da cidade, com cerca de 4 mil pessoas no campo Sant'anna composto por parlamentares, redatores de jornais, juizes de paz, batalhões inteiros do exército, redatores de jornais e populares. Esses episódios tiveram como desfecho D. Pedro I renunciando na madrugada de 7 de Abril, deixando o trono a favor de seu filho.<sup>59</sup>

Nos finais dos anos de 1820, pôde-se observar a explosão dos pasquins. Conforme Carlos Costa (2007), aproveitaram-se das calorosas discussões em torno do imperador e sua permanência ou não nessa posição e seguiram-se para o período regencial. Normalmente foram redigidos por uma só pessoa, que enviava à tipografia, impresso ainda de maneira artesanal em oficinas rudimentares onde o ofício era aprendido. Eram vendidos nas mesmas tipografias de origem, mas também em boticas e nas livrarias que existiam nesse momento. Possuíam um estilo panfletário como entonação e poucas páginas, que na maioria das vezes não passavam do primeiro número.<sup>60</sup>

O autor então cita como exemplo da proliferação dos pasquins: *Enfermeiro dos Doidos, Médico dos Malucos, Velho Casamenteiro, A Cegarrega, O Ferrabraz, A Bobaza, O Burro Magro, O Caolho, O Esbarra, O Maçado ou Palhaço da Oposição, O Par de Tetas, O Rusquentinho, A Mutuca Picante*. Soma-se a esses exemplares a família *Simplício* de 1831, composta de *O Neto do Simplício, O Simplício da Roça, Verdadeira Mãe do Simplício, A Mulher do Simplício ou A Fluminense Exaltada*.<sup>61</sup>

Embora o momento de ebulição política tenha influenciado a imprensa e vice-versa, Marco Morel (2013) salienta que nem todos os jornais se enveredaram pelo caminho do debate político, como foi o caso do *Jornal do Commercio*, criado em 1827, o *Diário de Pernambuco*, criado no Recife em 1825, e o *Jornal de Anúncios*, criado em 1821, que de acordo com o autor

---

<sup>59</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte B: Consolidação e crise do Império. In: LINHARES, Maria Yedda. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 218-221.

<sup>60</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 65.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 65.

se puseram mais à tendência mercantil e noticiosa, mesmo que por vezes fosse inevitável acompanharem a política da época.<sup>62</sup>

Foi ainda no final dos anos de 1820 que surgiu a primeira publicação dedicada ao público feminino, *O Espelho Diamantino - “Periódico de Política, Literatura, Belas Artes, Teatro e Modas”*. A publicação circulou de 20 de setembro de 1827 a 28 de abril de 1828, impresso na tipografia do francês Pierre-René François Plancher de la Noé.<sup>63</sup> O seu primeiro editorial, de acordo com Constância Duarte (2017), abordou a urgência da instrução feminina e pretendia que as leitoras se mirassem nesse espelho para nele encontrar as respostas e esclarecimentos que procuravam:

Devemos aqui declarar que o título de Espelho Diamantino não foi meramente escolhido por fantasia. O espelho é o confidente mais estimado das Senhoras, e poucas há que com ele se não entretendam um bom bocado cada dia... Além disso, ninguém se persuada que nosso Espelho está simplesmente alegórico [...] Resta-nos implorar a indulgência e a favor do público, e em particular da porção mais amável a qual, inspirados por vivos sentimentos de admiração, respeito e amor, ousamos dedicar o nosso periódico.<sup>64</sup>

O jornal foi dirigido até 7 de dezembro de 1827 por Júlio Floro das Palmeiras, com média de 18 páginas e seções como Política, Literatura, Belas Artes e Teatro. Com uma mudança de editor, a partir de seu sétimo número, ficou responsável por ele Chevalier, com redação localizada na Rua do Ouvidor, o impresso passou a ter as seções Memórias Históricas, Notícias Políticas, Negócios Nacionais, Literatura, Teatro, Crônica e Anedota. Circulou a sua última edição em 28 de abril de 1828, com 28 páginas.<sup>65</sup>

Ainda no início da década de 1830 foi possível observar em Constância Duarte (2016) outros periódicos: *O Mentor das Brasileiras* (1829-1832), concebido pelo professor José Alcebíades Carneiro, *O Manual das Brasileiras* (1830), *O Despertador das Brasileira* (1830 – 1831), *Espelho das Brasileiras* (1831), esse último, como aponta a autora, circulou no Recife, de propriedade de Adolphe Emile de Bois-Garin e aceitou colaborações femininas, tendo Nísia Floresta publicado artigos sobre a condição feminina.<sup>66</sup>

---

<sup>62</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 41.

<sup>63</sup> DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 39-43.

<sup>64</sup> O Espelho Diamantino, Rio de Janeiro, ano I. n° 1, 20 SET. 1827, p. 03-04. In: DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 40.

<sup>65</sup> DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 42.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 55.

Foi nesse período que também surgiu a revista *O Beija-flor* (1831), o primeiro periódico a publicar um folhetim brasileiro na sua seção de “Litteratura”, chamado “*A periquita*”, além de outros estrangeiros. Pioneiro na publicação dos folhetins que serão a febre da segunda metade dos oitocentos, um dos responsáveis pela aproximação das mulheres com a imprensa.<sup>67</sup>

Percebeu-se que durante o Primeiro Reinado, embora a tônica das publicações estivessem muito atreladas às discussões e questões políticas, momento propício a formação de uma opinião pública e para o surgimento dos pasquins, surgiram *O Jornal do Commercio* e *O Diário Pernambucano*, que fugiram da entonação prioritariamente política. Foi nesse momento ainda que surgiram os primeiros periódicos direcionados ao público feminino, que a partir de então se tornariam mais frequentes.

Essa imprensa que destoava dos debates políticos continuou aparecendo durante o período regencial embora toda efervescência política, que, para Ilmar de Mattos (2017), se repetiu em escala ampliada durante esse período.<sup>68</sup> Seguramente, a Regência foi um momento de reorganização dos grupos políticos e diversidade de atores sociais, com suas pautas, que fervilharam não só na capital, mas nas diferentes províncias do Império como pode ser observado em Marco Morel (2003) no seu trabalho *O período das Regências (1831-1840)*.<sup>69</sup>

Para Marcello Basile (2017), o período regencial foi um momento crucial de constituição da nação brasileira e, concorda com Marco Morel (2003), que afirma ter sido o período, um laboratório político e social, onde diversas formas políticas foram elaboradas e testadas e onde foram postos em pauta temas como: monarquia constitucional, absolutismo, republicanismo, separatismo, federalismo, diferentes formas de organização de Estado, como centralização, descentralização, posições intermediárias, identidades regionais, formas de associação, palavra imprensa ou falada, entre outros.<sup>70</sup>

Com a renúncia de D. Pedro I, o trono ficou com Pedro de Alcântara, seu filho, que na ocasião possuía apenas 5 anos. Logo no dia seguinte, com a impossibilidade de assumir o poder,

---

<sup>67</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 76.

<sup>68</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff. O gigante e o espelho. In: O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil imperial. 2 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 28.

<sup>69</sup> MOREL, Marco. O Período das Regências (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 09. Ainda, conforme Morel, por muitas vezes, a Regência é tachada de caótica, período desordenado e turbulento, claramente um reflexo do trabalho de historiadores monarquistas do século XIX, que teve seus ecos na historiografia mais recente, aponta o autor. Por outro lado, o foco nas rebeliões do período, que trazem à tona temas como resistência e opressão, acabam sendo vistos com óticas anacrônicas, estabelecendo relações com o presente, prejudicando a compreensão daquelas lutas. (MOREL, 2003, p. 07).

foi composta a Regência Trina Provisória, formada por Nicolau Pereira, Joaquim Carneiro de Campos e Francisco Lima e Silva. O novo governo alinhou-se aos liberais moderados, e nas eleições para a regência permanente foram escolhidos o mesmo Francisco Lima e Silva, juntamente com João Bráulio Muniz e José da Costa Carvalho, sendo nomeado como ministro da Justiça, Diogo Feijó.<sup>71</sup>

Marcello Basile (1990) preocupou-se em analisar em seus trabalhos, os três grupos políticos que estavam em cena na Regência, os moderados, exaltados e caramurus.<sup>72</sup> Como de costume para o período, os três grupos fizeram uso das associações políticas e da imprensa para sua atuação no espaço público. Os moderados já contavam, anteriormente, com o *Aurora Fluminense*, *O Independente*, os exaltados, com o *Nova Luz Brasileira* e *O exaltado*, tendo então os restauradores ou caramurus apoio do *O Carijó* e *O Caramuru*, que veicularam disputas políticas acirradas a fim de formar uma opinião pública de acordo com seus ideais, angariando apoio para seu grupo.<sup>73</sup>

Com os moderados no poder, os exaltados e restauradores encontravam-se excluídos do Executivo e por isso precisavam alcançar seus objetivos por outros meios, recorrendo então à ação direta no espaço público, realizada pela pregação das ruas, livrarias, tavernas e pelos jornais, que colaboraram com revoltas populares e levantes militares em diversas províncias.<sup>74</sup> Sobre isso, para Ilmar Mattos (2017), o Brasil regencial se viveu muito mais na praça pública. As movimentações do período ocorreram não só nas ruas do Rio de Janeiro, mas também nas principais vilas e cidades das províncias, com ajuntamentos, sedições, insurreições e outros tipos de protestos, protagonizados por baianos, pernambucanos, farroupilhas, cabanos, malês, plebe, por escravos, por libertos e etc.<sup>75</sup> Os debates sobre os diferentes projetos para a constituição de um novo corpo político, não se restringiram ao Parlamento, foram para os salões, gabinetes, continuaram pelas páginas dos pasquins e panfletos, estenderam-se para as praças públicas, teatros, seguiram para as províncias e de lá retornaram para o Rio de Janeiro.<sup>76</sup>

---

<sup>71</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte A: A independência e a formação do Estado Imperial. In: LINHARES, Maria Yedda. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 221–222.

<sup>72</sup> Sobre a caracterização dos grupos políticos do período regencial ver Basile (1990; 2017).

<sup>73</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte A: A independência e a formação do Estado Imperial. In: LINHARES, Maria Yedda. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 223

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 223-224.

<sup>75</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff. O gigante e o espelho. In: O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil imperial. 2 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.p. 30-31.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 28.

O período regencial, após o estabelecimento da Regência Trina Provisória, em junho de 1831, consolidou a Regência Trina Permanente, que perdurou 4 anos. Nesse momento uma série de reformas pretendiam ser implementadas visando enfraquecer as bases do Primeiro Reinado.<sup>77</sup> Foi apenas com o ato adicional de 1834 que foi substituída a Regência Trina pela Una, com um regente eleito de 4 em 4 anos, por voto secreto e direto e criava assembleias legislativas nas províncias, com legislaturas bienais.<sup>78</sup>

De acordo com Marcello Basile (2017), as legislaturas de 1834 a 1837 e 1838 a 1841 foram para reparar os efeitos das reformas liberais realizadas anteriormente, que vieram acompanhadas da rearticulação dos grupos políticos que tiveram suas propostas e identidades políticas esfaceladas.<sup>79</sup> Nas eleições da magistratura que se iniciou em 1838, a vitória foi do grupo do Regresso que angariou alianças difusas e insatisfeitas que foram responsáveis pela queda do regente uno Feijó, que renunciou em 1837. Assumiu o cargo Araújo Lima, agora do Regresso, seguido pelo gabinete composto por Vasconcelos e Rodrigues Torres, sendo chamado por Marcello Basile (2017) de “tropa de choque do governo”, que juntamente com o deputado e presidente de província do Rio de Janeiro, Paulino Soares de Souza e Euzébio de Queiróz, chefe de polícia da Corte, formaram um novo grupo político que viria a compor o futuro Partido Conservador.<sup>80</sup>

Marco Morel (2003) relata ainda que foi nesse período que surgiram jornais que discutiam a questão racial, como *O Crioulinho*, *O Homem de cor ou Mulato* e *Brasileiro Pardo*, não podendo se esquecer de um importante livreiro e editor pardo e livre: Paula Brito, de origem pobre, se tornou proeminente na cena pública cultural da cidade do Rio de Janeiro.<sup>81</sup>

Surgiram ainda publicações ligadas às instituições e entidades como a do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). Segundo Miriam Dolhnikoff (2017), a preocupação em constituir uma identidade para a nação foi sistematizada pelo instituto que foi criado em 1838. Para a autora, para a constituição da nação era preciso o conhecimento e a exploração do

---

<sup>77</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil imperial. 2 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.p. 73-74.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>79</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil imperial. 2 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.p. 86. Nesse contexto, Basile explica que as três facções existentes tiveram suas identidades políticas esfaceladas. Os exaltados assistiram sua principal proposta, o federalismo, sendo esvaziada, os Caramurus não conseguiram manter a Constituição intocada, estando os moderados, divididos entre seus princípios e interesses. Dessa forma, abriu-se caminho para a rearticulação do Regresso. (Basile, 2017, p. 86).

<sup>80</sup>Ibidem, p. 91. Basile informa que esse grupo era formado pelos grandes produtores de açúcar do Rio de Janeiro e do Nordeste, comerciantes, burocratas da corte e magistrados, emergentes do café, ex-moderados e caramurus, e novos participantes da política que eram contra as reformas liberais. (Basile, 2017, p. 91)

<sup>81</sup> MOREL, Marco. O Período das Regências (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 41.

seu território e, em relação à história, havia a preocupação em elaborar uma narrativa sobre o passado nacional.<sup>82</sup>

No final do período Regencial, os conservadores saíram vitoriosos com a aprovação da Interpretação do Ato Adicional. Para impedir que a reforma do Código de Processo Criminal também fosse aprovada, os liberais defenderam que a maioria de D. Pedro II, ainda com 15 anos de idade, fosse antecipada. Para os liberais, concretizando-se a antecipação da maioria do imperador, buscariam a nomeação de um ministério do Partido Liberal, que dissolveria a Câmara, que era em sua maior parte formada pela ala conservadora, assim novas eleições seriam realizadas pelo gabinete liberal, que resultaria em sua maioria na Câmara.<sup>83</sup>

Os conservadores, por sua vez, não se opuseram à antecipação, pois viram como uma oportunidade que o imperador estivesse no poder assumindo maiores responsabilidades, em um governo que zelasse pela manutenção da ordem interna. Seguindo os planos, em 1840, o imperador assumiu o trono, nomeou um ministério liberal, a Câmara dos Deputados foi dissolvida e foram marcadas novas eleições, onde os liberais saíram vitoriosos à revelia dos conservadores, que acusaram as eleições de fraudulentas e violentas, o que gerou novamente a dissolução da Câmara e novas eleições. Em 1841, D. Pedro II demitiu o ministério liberal que foi substituído pelo conservador, o que pôde sugerir um maior alinhamento do imperador com o projeto conservador. E assim se iniciava o Segundo Reinado.<sup>84</sup>

O período das Regências foi um momento de intensas formulações políticas e de intensa participação das populações em movimentos e revoltas, conforme apontado por Ilmar Mattos (2017), que alega uma vida agitada nas ruas e nos espaços públicos. Os debates e posicionamentos políticos se fizeram presentes nas folhas impressas do período e a participação de diversos grupos sociais também puderam ser expressas por periódicos que discutiam a questão racial, como salientado por Marco Morel (2013). Evidenciando ainda outras entonações, foi nesse período que surgiram alguns exemplares de revistas e jornais com enfoques científicos, literários e femininos, mostrando que embora a presença de uma intensa imprensa política e dos pasquins, também existiram e foram se consolidando ainda mais no Segundo Reinado.

## **1.2 O Rio de Janeiro, o Segundo Reinado e a diversificação da imprensa**

---

<sup>82</sup> DOLHNIKOFF, Miriam. História do Brasil Império. São Paulo: Contexto, 2017, p. 74.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 66.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 66.

Na esteira das ideias de Lilia Scwarcz (1998), o Rio de Janeiro iniciou os anos de 1840 com a coroação do menino imperador, Pedro II, aos moldes do Antigo Regime europeu. As cerimônias foram programações cobertas de muita pompa e luxo, com preparativos e eventos ocorridos, somaram-se nove dias que foram encerrados com um baile de gala no Paço da cidade.<sup>85</sup> Nas palavras de Marcello Basile (2017), a subida de D. Pedro II envolvia o peso de uma mística e uma tradição monárquica que, aliada à rotatividade periódica de Liberais e Conservadores à frente dos gabinetes ministeriais, auxiliou na contenção de conflitos.<sup>86</sup> Foi a partir de 1848 que o governo imperial foi dirigido pela ala conservadora, sendo estabelecido então o “tempo saquarema” que, nas palavras de Ilmar Mattos (2017):

No momento em que a vida política começava a abandonar rua e o sentimento aristocrático voltava a se impor, as proposições regressistas de Vasconcelos foram desenvolvidas e postas em prática, especialmente por três políticos da província do Rio de Janeiro, a “trindade saquarema”: Paulino José Soares, futuro visconde de Uruguai; Joaquim José Rodrigues Torres, futuro visconde de Itaboraí; e Eusébio de Queirós Matoso Câmara. [...] aquela trindade constituiria o núcleo do grupo que deu forma e expressão à força política que, entre os últimos anos da Regência e o renascer liberal dos anos 1860, imprimiu o tom e definiu o conteúdo do Estado Imperial.<sup>87</sup>

Conforme descreve Ilmar Mattos (2017), a denominação “saquarema” identificava os conservadores fluminenses dos demais membros do Partido Conservador, sinalizando ainda a direção política, intelectual e moral não só do partido, como também da política imperial. Na concepção do autor, essa direção política, intelectual e moral foi possível porque aliaram essas questões à difusão de uma civilização, de conformação dos brasileiros. Assim, precisava-se civilizar a família patriarcal, constituir uma classe senhorial e acomodar os brasileiros.<sup>88</sup>

Sobre esse período, Sidney Chalhoub (2003), ao analisar a obra *Helena* de Machado de Assis, afirma que o famoso literato descreveu e analisou aspectos essenciais para o funcionamento e reprodução das estruturas sociais vigentes do período de hegemonia do projeto saquarema, conforme abordado por Ilmar de Mattos (2017). A história contada por Machado de Assis em *Helena* é situada em meados do século XIX e descreve o vigor de uma hegemonia política e cultural que organizou e reproduziu relações sociais desiguais, que garantiam a

---

<sup>85</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 83.

<sup>86</sup> BASILE, Marcello Otávio N. de. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil imperial. 2 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 99.

<sup>87</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff. O gigante e o espelho. In: O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil imperial. 2 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 32.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 36.

inviolabilidade da vontade senhorial, que não se estendia apenas aos escravos, mas também aos demais dependentes e agregados do senhor. Assim, a ideologia senhorial diz respeito não somente ao poder e à vontade do senhor-proprietário, mas também o seu poder como chefe de família.<sup>89</sup>

Chama a atenção na análise de Sidney Chalhoub (2003), a forma com que Helena, personagem principal do livro, se movimentou dentro desse sistema, em que por sua condição feminina e a fragilidade da situação em que se encontrava, estava sujeita à vontade de Estácio, que exercia a vontade senhorial. Contudo, Chalhoub (2003) mostrou que Helena, analisou por dentro tal ideologia, e foi perspicaz na maneira em que marcava suas pretensões e buscou sobreviver nesse contexto. Dessa maneira, por meio da interpretação do pesquisador, compreende-se aspectos sociais do tempo da hegemonia saquarema, esboçado por Machado de Assis, como as nuances de dependência da vontade senhorial, que era expressa não só na relação senhor-escravo, mas também com seus dependentes familiares e agregados.

De acordo com Ana Luiza Martins (2013), e como pode ser visto até aqui, a imprensa anterior ao Segundo Reinado esteve preferencialmente voltada para as causas políticas, cedendo um espaço menor para as manifestações literárias. Conforme assinala a autora, o debate da maioria foi um dos últimos temas de tratamento político que foi veiculado pela imprensa mais exaustivamente.<sup>90</sup> Vinícius Gagliardo (2016) explica que até a década de 1840 não havia muitos periódicos dedicados à literatura no Rio de Janeiro, com exceção de alguns, que já foram apontados em momentos anteriores. Para o autor, com a subida de D. Pedro II ao trono e a estabilidade política do Império, uma nova fase na imprensa brasileira se impôs, tendo a literatura e as ciências espaços mais privilegiados.<sup>91</sup> Embora o momento fosse propício para uma maior colocação da literatura nos periódicos, não se pode desconsiderar, conforme apontado por Ana Luiza Martins (2013), que os grupos políticos representados pelos partidos Conservador e Liberal também fizeram uso da palavra impressa.

Novo momento político, novo momento para a economia, a partir de meados dos oitocentos o principal agente econômico do período, o café, favoreceu significativas transformações na sociedade e economia brasileira. Essas transformações elevaram um sentimento de progresso e civilização, graças à criação de ferrovias que proporcionaram uma

---

<sup>89</sup> CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

<sup>90</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 45.

<sup>91</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 54.

maior agilidade nas comunicações e comércio.<sup>92</sup> Conforme Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999) apontam, a cidade ganhou certas melhorias no setor de serviços, como a iluminação a gás, a utilização de bondes puxados a burro e depois elétricos. A cidade foi ganhando tons cosmopolitas por receber as novidades europeias e lançava a moda para as outras cidades do Império, que pode ser observado pelo tipo de comércio que a Rua do Ouvidor possuía.<sup>93</sup>

Contudo, mesmo com esses ares de progresso, com uma série de obras públicas e melhorias urbanísticas que ocorriam desde a chegada da Corte em 1808, a cidade não possuía rede de esgoto, água encanada, contando com ruas precariamente pavimentadas e carentes moradias.<sup>94</sup> O paradoxo entre a opulência e a pobreza que já marcava o espaço físico da cidade se manteve. Os bairros que abrigavam os sobrados dos grandes comerciantes, fazendeiros do café e políticos, contrastavam com as moradias mais populares e os cortiços, ao mesmo tempo que a Rua do Ouvidor se impunha como centro cultural e social da elite, outras ruas insalubres aglomeravam escravos e libertos realizando seus trabalhos e cortiços de condições precárias.<sup>95</sup>

Sobre a leitura e a imprensa do período, talvez, por causa das grandes taxas de analfabetismo, conforme aponta Ana Luiza Martins (2013), houve uma segmentação do público leitor ainda tardia. Conforme a sociedade ia se tornando mais complexa, a imprensa foi se especializando, o jornal se encarregava de ser a comunicação oficial de atos do governo e para a comunicação entre as províncias e o poder central. Já o gênero revista, que já se fazia presente desde os primórdios da Imprensa Régia, se difundiu melhor nesse período, e como exemplo apresenta-se a *Guanabara* (1849-1856), que foi categorizada por Ana Luiza Martins (2013) como uma revista de alta literatura, juntamente com a *Lanterna Mágica* (1844), uma das primeiras revistas ilustradas e ainda o primeiro almanaque, o *Almanaque Laemmert* (1844).<sup>96</sup>

De acordo com Vinícius Gagliardo (2016), foi nesse período que personalidades como Justiniano José da Rocha, Bernardo Pereira de Vasconcelos e Torres Homem e importantes literatos como Machado de Assis, José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo passaram a escrever em jornais e revistas. Para o autor, no século XIX, a literatura foi valorizada como

---

<sup>92</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 47. LUCA, Tania Regina de. Histórias do, no e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010, p. 136-137.

<sup>93</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 291-295.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 291.

<sup>95</sup> *Ibidem*, p. 294-296.

<sup>96</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 54-56.

instrumento de formação do povo e de construção da cultura nacional, justamente no momento em que se intensificou a procura por uma identidade, o que muito se deve ao movimento conhecido como Romantismo, em que integrantes constantemente escreveram em periódicos.<sup>97</sup>

Nas leituras de Ana Luiza Martins (2013), foi ainda no bojo das transformações da segunda metade do século XIX que surgiram revistas ilustradas, que já se encontravam em voga pela Europa. Naquele momento, a comunicação pela via do humor ganhou notoriedade e o desenho era um antídoto contra a censura, além de serem as ilustrações de fácil assimilação e comunicação. Afirma a autora que a primeira ilustração em um periódico brasileiro foi impresso no *Jornal do Commercio* em 1837, feita por Rafael Mendes Carvalho, o que não demorou para outros impressos seguirem a moda, como pode ser observado no exemplo das caricaturas da *Semana Ilustrada* (1860).<sup>98</sup>

Como ainda demonstra Arisnete Moraes (2013), em meados dos oitocentos muitos periódicos foram empreendimentos de livreiros estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro. Para a autora, a convivência com o escrito e a busca pela alfabetização têm seus indícios no Rio de Janeiro por meio da ampliação do número de livrarias na segunda metade do século XIX. No início de 1850 existiam apenas 12 livrarias culminando em 45 na última década dos oitocentos.<sup>99</sup>

Dentre os principais editores e livrarias do Rio de Janeiro do século XIX, esteve Paula Brito. Para Tania Bessone (2005), foi ele o primeiro livreiro que criou o costume de promover encontros e debates com os frequentadores de seu estabelecimento, formado por um grupo de artistas, compositores, romancistas, políticos, jornalistas, onde foi criada uma espécie de sociedade cultural, a Sociedade Petalógica.<sup>100</sup> Além de vender livros, Carlos Costa (2007) afirma que Paula Brito editou José de Alencar, Machado de Assis, Nísia Floresta, Joaquim Manuel de Macedo, publicou ainda periódicos como *A mulher de Simplicio*, *A marmota fluminense* e *A marmota da Corte*, revistas sobretudo direcionadas às mulheres.<sup>101</sup>

---

<sup>97</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. *Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista*. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 56.

<sup>98</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempos de Império*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 64-66.

<sup>99</sup> MORAIS, Maria Arisnete C. de. *Leituras femininas no século XIX (1850-1900)*. 1996. 184 f. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, p. 34.

<sup>100</sup> FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura*. *Gênero*, Niterói, v. 5, n.2, 2005, p. 05. De acordo com Carlos Costa (2007) a sociedade Petalógica do Rossio foi uma associação criada a partir dos encontros da livraria de Paula Brito. “Peta” significava mentira. Os encontros da sociedade eram marcados pela presença de intelectuais, músicos, políticos e literatos da época. (COSTA, 2007, p. 120)

<sup>101</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. *A revista no Brasil, o século XIX*. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 120.

### 1.3 Mulheres, leitura e imprensa feminina no Rio de Janeiro

A Europa o século XIX foi marcada pela alfabetização em massa que possibilitou a formação de novos leitores. Sobre isso, Martyn Lyons (1999) expressa que na França revolucionária, cerca da metade dos homens sabiam ler e 30% das mulheres também, na Inglaterra de 1850, esse número era de 70% para os homens e 55% para as mulheres. No final do século, a Europa contava com 90% de alfabetização e com a diminuição das discrepâncias entre homens e mulheres que sabiam ler.<sup>102</sup>

Lá no velho mundo, ainda de acordo com Martyns Lyons (1999), as mulheres formaram parte substancial e crescente do novo público leitor, observada a crescente taxa de alfabetização delas. Para o autor, algumas demandas se impuseram, as mulheres trabalhavam, eram responsáveis pela contabilidade das oficinas artesanais, estavam em contato direto com o público, eram vendedoras, professoras, atendentes e, portanto, era importante que soubessem ler.

Na Europa do século XIX, ainda de acordo com o autor, houve um bom crescimento de revistas para mulheres, evidenciando que elas eram importantes leitoras. Deveriam, por meio da leitura, conservar os bons costumes e fazer uso de obras religiosas, contudo, as mulheres estavam também adquirindo o hábito de ler romances populares e livros, que incluíam instruções sobre os papéis dentro da família, sobre a vida doméstica, dentre outros.<sup>103</sup>

Michelle Perrot (2013), sobre o cenário dos impressos na França, explica que os jornais diários, por seu conteúdo mais direcionado ao político, não eram muito lidos pelas mulheres, ao contrário das colunas que eram compostas por folhetins, ou até mesmo os periódicos de moda, que surgiram ainda no século XVIII. A autora informa que embora a imprensa feminina de seu país fosse primeiramente escrita pelos homens, as mulheres foram paulatinamente entrando no ramo e assim cita os exemplos do *Journal des dames*, que circulou entre os anos de 1750 a 1778 em Paris, e em Londres o *Femele Spectator* que foi publicado em dois anos distintos, 1746 e depois em 1774. A tônica das publicações era sobretudo relacionada à moda, receitas de cozinha, narrativas de viagem com ilustrações e biografias de mulheres ilustres. Para Michelle Perrot (2013), os patrocinadores de revistas procuraram captar consumidoras

---

<sup>102</sup> LYONS, Martyn. Novos leitores do século XIX: Mulheres, crianças e trabalhadores. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). História da leitura no Ocidente. Oxford, 1999, p. 165-166.

<sup>103</sup> LYONS, Martyn. Novos leitores do século XIX: Mulheres, crianças e trabalhadores. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). História da leitura no Ocidente. Oxford, 1999.

potenciais, guiar seus gostos e compras, oferecer cosméticos, utensílios domésticos, dentre outros produtos.<sup>104</sup>

Ainda durante o século XIX, de acordo com Michelle Perrot (2013), foram surgindo periódicos engajados em pautas emancipatórias, onde as mulheres buscaram fazer uso da opinião pública, como o caso de *La Femme libre* que entre os anos de 1830 e 1832 já reivindicava direitos civis, como o divórcio, a liberdade sentimental e sexual, e os jornais publicados por Eugénie Niboyet, Désirée Gay e Jeanne Deroin, veiculados em 1848, que possuíam inclinações mais políticas e sociais, reivindicando direito ao trabalho, salários iguais e a voto feminino.<sup>105</sup>

A escolarização das mulheres e seu melhor acesso à leitura também foi um fenômeno que, guardadas as proporções, aconteceu no Brasil dentre as transformações dos oitocentos que alcançaram a condição feminina. Assim como a *Revista Popular* buscou inserir em seu grupo de leitores as mulheres, outros periódicos já utilizavam essa estratégia e outros exclusivamente femininos começaram a surgir.

Conforme Vinícius Gagliardo (2016), até o início do século XIX, as mulheres brasileiras ficaram reclusas, encerradas no interior das casas. O espaço público esteve relacionado aos homens, aos desordeiros, aos escravos, aos vagabundos, aos criminosos e às prostitutas e, por isso, as mulheres eram constantemente vigiadas e só saíam à rua em ocasiões religiosas sob tutela de um homem da família. Para o autor, foi a partir de 1808 que o cotidiano das mulheres brasileiras foi se transformando e as senhoras da elite passaram a frequentar os espaços urbanos que foram surgindo como cafés, confeitarias, livrarias, lojas, praças, teatros.<sup>106</sup> Como exemplo dessa transformação, o autor cita um trecho do *Jornal das Senhoras* de 1855:

Se compararmos a mulher da sociedade atual com a de cinquenta anos passados, bem clara será a diferença que há de uma à outra. Esta vivia enclausurada voluntariamente dentro de estreitas rótulas, entregue apenas aos serviços domésticos que partilhava com a turma de escravas que a cercava [...].<sup>107</sup>

Constância Duarte (2017) afirma no mesmo sentido de Vinícius Gagliardo (2016), que o marasmo dos tempos coloniais se rompeu com a chegada da Corte em 1808, quando a

---

<sup>104</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. Tradução Angela M.S. Córrea. 2ª ed.: São Paulo, 2013, p. 33-34.

<sup>105</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. Tradução Angela M.S. Córrea. 2ª ed.: São Paulo, 2013, p. 34.

<sup>106</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. *Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista*. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 74-75.

<sup>107</sup> *Jornal das Senhoras* n. 8, tomo 7, 25 de fevereiro de 1855, p. 62 *apud* GAGLIARDO, Vinicius Cranek. *Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista*. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 76.

presença disseminou costumes vindos da Europa, como a etiqueta, os modismos, o gosto pela literatura e a imprensa.<sup>108</sup> Com o passar dos anos, mas principalmente a partir da independência, indicam Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999), que ler, escrever e frequentar as escolas primárias consistiam em elementos necessários para o desenvolvimento das nações civilizadas e, além disso, foi uma maneira de forjar o cidadão e investir no patriotismo. Portanto, o governo Imperial precisou tomar algumas medidas com relação à educação, a fim de expressar a modernidade e civilidade do país.<sup>109</sup>

Na passagem do século XVIII e início do XIX, José Gondra e Alessandra Schueler (2008) sinalizam que, quando os professores régios aportaram no Brasil, direcionados às principais vilas, encontraram aqui uma diversidade de práticas educativas concernentes ao ensino das primeiras letras, dentre elas, existiu a educação doméstica, a contratação de mestres e preceptores, instituições religiosas, irmandades, seminários, recolhimentos, associações filantrópicas, oficinas, corporações de ofício, dentre outras.<sup>110</sup>

No início do século XIX, conforme José Gondra e Alessandra Schueler (2008), foram enviados para a colônia 17 mestres régios de ler e escrever, que foram distribuídos entre o Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Pará e Maranhão. Ao chegar aqui no Brasil, a corte encontrou na cidade do Rio de Janeiro 20 mestres régios, além de profissionais particulares.<sup>111</sup> Foi então que, de acordo com Lucia Maria Neves e Humberto Machado (1999), em 1824 se estabeleceu a gratuidade do ensino elementar, tendo a lei de 15 de outubro de 1827 determinado a criação de escolas primárias nas cidades e vilas, sendo previsto também escola para meninas nos locais mais populosos. Foi com o Ato Adicional de 1834 que as Assembleias Provinciais ficaram responsáveis pela instrução pública primária.<sup>112</sup>

De acordo com José Gondra e Alessandra Schueler (2008), no Rio de Janeiro, após o Ato Adicional de 1834, o governo, regulamentando a instrução pública, criou a Escola Normal para a formação de professores primários, na cidade de Niterói e a Lei Provincial de 1837 que estabeleceu os princípios da instrução primária e secundária, delimitando os currículos para as escolas de meninos e meninas, bem como as formas de recrutamento de professores, os livros

---

<sup>108</sup> DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 14.

<sup>109</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira; MACHADO, Humberto. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 227.

<sup>110</sup> GONDRA, José Gonçalves. SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 20-21.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>112</sup> NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 228-229.

a serem utilizados, dentre outros.<sup>113</sup> Quanto aos currículos, para as meninas ficou estabelecido como saberes, ler, escrever, contar, história nacional, religião católica, poucos elementos de matemática – exclusão do ensino de geometria e limites ao ensino de aritmética – sendo incluída as “ciências da casa”.<sup>114</sup> Dessa maneira, esses autores observam que a educação feminina foi uma medida tida como necessária para impor ordem ao mundo privado que consistia, sobretudo a:

[...] com rebatimento em ações celulares como as de se vestir, comer, beber, exercitar e também a de amamentar, dormir, lavar e amar, dentre outras. Para desclassificar as práticas que o saber científico julgava como inadequadas, se fez necessário construir alianças no tecido social e dentro dos lares, e nos parece que a escola funcionou com um canal para educar a mulher na “ciência da casa”, com base na ação de mestras públicas.<sup>115</sup>

De acordo com José Gondra e Alessandra Shueler (2008), a educação primária das meninas possuiu a finalidade de assegurar um modelo de mulher que exerceria a gestão familiar como mãe e educadora dos filhos - aqueles que seriam os futuros cidadãos do Império. Assim, as diferenças nas matérias ensinadas se inseriam num modelo hierárquico nas relações sociais, que implicava o domínio patriarcal, no qual as funções domésticas foram designadas às mulheres. Contudo, a progressiva inclusão das mulheres no mundo letrado permitiu que aos poucos pudessem participar de redes de sociabilidade, tornar-se professoras e também se posicionarem na imprensa, reivindicando direitos e afirmando sua participação na sociedade.<sup>116</sup>

Nesse sentido, Carlos Costa (2007) assegura que ainda por um tempo, muitas revistas e jornais que se dedicavam ao público feminino foram pensadas por homens, pois a atividade jornalística foi considerada uma profissão de homens. As mulheres ingressaram no mundo do jornalismo efetivamente no final do século XIX, entretanto, já haviam precursoras que se utilizaram da imprensa, até mesmo como um meio de contestação aos papéis sociais comumente a elas reservados.<sup>117</sup>

Foi nesse contexto de possibilidade de escolarização das mulheres que foi se constituindo o público leitor feminino no Brasil. De acordo com Hallewell (2017), do pós-independência até a maioridade de D. Pedro II, o número de leitoras aumentou significativamente, sendo numeroso o suficiente para alterar o equilíbrio do mercado de

---

<sup>113</sup> GONDRA, J. G.; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Educação, poder e sociedade no Império brasileiro. São Paulo: Cortez, 2008, p. 54 – 55.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 54 – 55.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 205-207.

<sup>117</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 132.

impressos.<sup>118</sup> Carlos Costa (2007), nesse mesmo sentido, explica que as leitoras foram se constituindo como um segmento em expansão durante os oitocentos como consequência das medidas relacionadas à instrução feminina. O autor concorda com Ana Luiza Martins (2008), quando afirma que as mulheres eram leitoras assíduas dos impressos desde o Império, mesmo que possuíssem um baixo índice de alfabetização, que ficava restrito aos segmentos sociais mais elevados.<sup>119</sup> De fato, como aponta Constância Duarte (2017), o censo de 1872, o primeiro realizado no país, informa que apenas 11,5 % das mulheres eram alfabetizadas, assim, os jornais e revistas da época direcionavam-se às poucas leitoras.<sup>120</sup>

Possivelmente, muitos livreiros, autores e editores do país perceberam que seria lucrativo direcionar conteúdos, periódicos e livros ao público feminino, que crescia e era conhecido pela sua assiduidade. A conservação de leitores era um fator importante para a manutenção de jornais e revistas durante os oitocentos. Como lembra Ana Luiza Martins (2013), a mulher enquanto leitora foi alvo de editores em busca de lucro.

A escolarização, alfabetização das meninas, a leitura dos livros, jornais, revistas e seções femininas ficou evidenciada, conforme aponta Maria Arisnete Moraes (1996), pois tornou-se mais comum ver as mulheres lendo. Os salões, bailes e serões já não testemunhavam apenas as últimas invenções da moda e as danças, eram espaços onde elas realizaram leituras em voz alta, indicaram livros e periódicos umas às outras, se informavam sobre as novidades literárias, consolidando assim práticas de leitura. A prática de leitura em voz alta realizada nos saraus, serões e até mesmo no interior dos lares em meio aos afazeres domésticos, o bordado e a costura.<sup>121</sup> Conforme Monica Yumi Jinzenji (2008), a leitura em voz alta foi bastante significativa para contemplar um público que não sabia ler, mostrando assim que até mesmo aqueles que não eram alfabetizados, possuíam acesso a livros, jornais e revistas por meio da oralidade: “No Brasil do início do século XIX, podem ser encontrados indícios da institucionalização da leitura em voz alta, associada à sociabilidade, e também, a leitura de quem sabia ler para quem sabia menos, ou não lia.”<sup>122</sup>

---

<sup>118</sup> HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil. Sua história. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2017, p. 174

<sup>119</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 75.

<sup>120</sup> DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 24.

<sup>121</sup> MORAIS, Maria Arisnete C. de. Leituras femininas no século XIX (1850-1900). 1996. 184 f. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, p. 89.

<sup>122</sup> JINZENJI, Monica Yumi. Cultura Impressa e Educação da Mulher Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832). 249 f. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - UFMG, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, Minas Gerais, p. 71.

Tania Bessone Ferreira (2005), sobre as leitoras cariocas do século XIX, informa que elas conheciam bem a prática da leitura em voz alta. Na obra de Machado de Assis, José de Alencar e outros romancistas, foi comum cenas em que as mulheres ouviam uma história ou o último folhetim em voz alta:

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costura, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos de conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

Uma noite daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. Assenhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio.<sup>123</sup>

Nesse contexto de escolarização das mulheres, os periódicos também exerceram funções educativas. De acordo com Monica Yumi Jinzenji (2008), a leitura dos contos, romances, folhetins, poesias, os conselhos de higiene, os anúncios e as imagens – comuns para a imprensa direcionada às mulheres - poderiam conformar gostos, hábitos, comportamentos que deveriam ser seguidos. Assim, a autora afirma que no século XIX a ação educativa foi exercida por diversas instituições e forças concomitantes à escola, pois também cumpriram a função de transmissão de valores e comportamentos. Dentre essas forças, explica que houve a produção e a circulação de jornais e revistas, bem como sociedades literárias, científicas, entre outros.<sup>124</sup> Pallares-Burke (1998) percebe que para além das instituições formais de educação, jornais e revistas disseminam e organizam informações, criam valores, atitudes e ideias influenciando seus leitores.

Embora publicações voltadas às mulheres pudessem ser encontradas desde o final dos anos de 1820, foi na segunda metade do XIX que se proliferaram. Carlos Costa (2007) elenca nessa segmentação os seguintes periódicos: *Novo Correio das Modas: jornal do mundo elegante consagrado às famílias brasileiras* (1852-1853), *Marmota Fluminense: jornal de modas e variedades* (1852-1857), *O Jardim das Damas: periódico de instrução e recreio, dedicado ao bello sexo* (1851), *Jornal das Senhoras: modas, literatura, belas-artes, theatro e crítica* (1852-1855), *A Marmota* (1857-1864), *O Espelho: revista semanal de Litteratura, modas, indústria e artes* (1859-1860), *Jornal das Famílias* (1863-1878).<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> ALENCAR, José de. Lucíola, p. 54-56 *apud* MORAIS, Maria Arisnete C. de. Leituras femininas no século XIX (1850-1900). 184 f. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, p. 98.

<sup>124</sup> JINZENJI, Monica Yumi. Cultura Impressa e Educação da Mulher Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832). 2008. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) - UFMG, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, Minas Gerais, p. 23.

<sup>125</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 128-129.

De acordo com Constância Duarte (2017), os periódicos femininos do século XIX foram múltiplos, poderiam ser feministas, conservadores, de passatempo, segmentados conforme a idade, de moda, política e lazer. Por vezes, refletiram a dicotomia vigente, uns acompanham as transformações dos tempos, defenderam a educação das mulheres, outros abordaram apenas sua fragilidade, delicadeza, o cuidado com as crianças e a moda. Os periódicos com entonações mais feministas surgiram com mais assiduidade por volta dos anos de 1870.<sup>126</sup>

Até o momento, foi possível compreender os primeiros passos da imprensa e da cidade do Rio de Janeiro como capital do Império. A cidade foi palco de inúmeras transformações políticas, econômicas, sociais, culturais e relacionada à imprensa, assistiu à proliferação de periódicos e formação de um público leitor, dentre ele as mulheres. Ao oposto do que é relatado para o início do século XIX, por volta dos meados do oitocentos, as mulheres puderam desfrutar de maneira mais assídua do espaço público, da escolarização e de formas de leituras proporcionadas pelos romances, folhetins, mas também jornais e revistas direcionadas à elas. Será abordado a partir de então como a *Revista Popular*, um entre outros periódicos, se ocupou da educação das mulheres e revelou suas sociabilidades, costumes e valores.

---

<sup>126</sup> DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 22-25.

## CAPÍTULO 2

### **A REVISTA POPULAR: O PRIMEIRO PERIÓDICO DE GARNIER**

Foi por meio das obras de Joaquim Manuel de Macedo, *Mulheres Célebres*, e Joaquim Norberto de Sousa, *Brasileiras Célebres*, que foi possível conhecer outros livros, periódicos e a trajetória de um dos mais lembrados livreiros e editores do Brasil do século XIX, Louis Baptiste Garnier. O interesse pelas publicações periódicas desse editor foi se concretizando ao compreender, por meio das leituras que as abordaram, que elas, cada uma a sua maneira, se dedicaram ao recreio e educação das suas leitoras.

Ainda que não fosse uma revista exclusivamente feminina, conforme apontaram Miranda e Azevedo (2009) e Alexandra Pinheiro (2002; 2004; 2007), o primeiro periódico editado por Garnier veiculou em suas páginas seções e conteúdos considerados de interesse das mulheres, e assim foi possível estudar uma das faces desse periódico, que foi a primeira experiência no ramo dos impressos periódicos da livraria de Garnier.

A proposta de pesquisa foi se mostrando possível pois, Tania de Luca (2012) explica que por meio das revistas – inclui-se aqui periódicos em geral – pode-se acompanhar como em diversos lugares, os papéis sociais são atribuídos às mulheres, pois dialogam com o seu tempo, permitem acompanhar as mudanças temáticas, são uma espécie de termômetro dos costumes de uma época.<sup>1</sup>

A historiadora Michelle Perrot (2013) abordou em seu livro *Minha História das Mulheres*, ainda que brevemente, o surgimento da imprensa feminina na França e considera que em seu início, mesmo que marcada pelos conselhos de moda, receitas de cozinha, narrativas de viagens, gravuras e biografias de mulheres ilustres, por trás de todas essas “banalidades”, existiu a vontade de emancipação, de educação, do saber e do trabalho, o começo de “brechas em zonas proibidas”<sup>2</sup>. Avaliando os temas que Perrot designou para a imprensa feminina, nota-se que a *Revista Popular* ao propor recreio e instrução às mulheres de sua época, também se utilizou de parte deles.

A *Revista Popular* foi acessada em sua íntegra por meio do portal eletrônico da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.<sup>3</sup> O portal agrupa um conjunto de periódicos e materiais

---

<sup>1</sup> LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In PINKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). Nova História das mulheres. São Paulo: Contexto, 2012, p. 450.

<sup>2</sup> PERROT, Michelle. Minha História das mulheres. Tradução Angela M.S. Córrea. 2ª ed.: São Paulo, 2013, p. 34.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 07 de ago. 2018.

impressos nacionais digitalizados, que perpassaram os séculos XIX e XX. Algumas dessas publicações possuem série completa, como é o caso da *Revista Popular*. Nesse acervo, verificou-se que a publicação se encontra organizada em dezesseis tomos. De acordo com Marcella Abreu (2008), cada um deles reuniu seis dos noventa e seis números publicados durante os quatro anos de existência do periódico.<sup>4</sup> Essa organização pode ser explicada, tendo em vista que, como a circulação da revista foi quinzenal, ao longo de três meses somavam-se seis números de paginação contínua que poderiam ser encadernados, de forma a facilitar o acesso ao exemplar completo.

Ainda sobre procedimentos no trabalho com a fonte, Tania de Luca (2010) também explica que por ocasiões, jornais e revistas não são projetos solitários, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos em um plano coletivo, que agregam pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretendem difundir através da palavra escrita:

Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores.<sup>5</sup>

Sobre o responsável pelo surgimento da revista, conforme Hallewell (1985), Garnier nasceu na França, em 4 de março de 1823, em Paris, contudo existem registros de que teria nascido em Tourville, na província de Normandia.<sup>6</sup> Outra informação controversa foi a da sua chegada ao Rio de Janeiro, apontada por Alexandra Pinheiro (2002) como o ano de 1844, o que contraria a data citada por Arisnete Moraes (1996), que sinaliza o ano de 1846. Conforme foi observado no trabalho de Lígia Machado (2013), Baptiste Garnier nasceu em uma família em que todos os seus irmãos dedicaram-se ao trabalho de livreiros - Pierre Garnier, o mais velho, teria nascido em 1807, Auguste em 1812, e pouco depois, em 1815, Hyppolyte – que formariam um negócio de família em Paris.<sup>7</sup> Auguste e Hippolyte abriram uma livraria-editora em 1833

---

<sup>4</sup> ABREU, Marcella dos Santos. Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862). 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 11.

<sup>5</sup> LUCA, Tania Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 140.

<sup>6</sup> HALLEWELL (1895) *apud* Alexandra Pinheiro (2004) menciona que seis dias após a morte do editor, o Jornal do Commercio, informou que havia nascido em Touville, contrastando com a informação de Hallewell. (PINHEIRO, 2004, p. 01).

<sup>7</sup> MOLLIER (2010) *apud* MACHADO, Lígia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 128.

em Paris, mais precisamente no *Palais Royal*, especializada em literatura leve, reimpressões baratas, políticas, dicionários e clássicos da literatura francesa.<sup>8</sup>

Lígia Machado (2013) afirma que o bom desenvolvimento dos irmãos de Garnier permitiu que Louis Baptiste fosse para o Rio de Janeiro entre o final da década de 1830 e início de 1840, para dirigir uma filial da editora *Garnier Frères*. Segundo a autora, os irmãos de Garnier haviam se especializado na edição de obras em português e espanhol, o que poderia ter contribuído para o editor mandasse obras em português para serem impressas na França.<sup>9</sup> De acordo com Maria Helena Câmara Bastos (2002), a vinda de Garnier para o Brasil também se insere na expansão do mercado editorial do século XIX, especialmente o francês, que dominava culturalmente o cenário da época, que deu aos seus editores condições de atuarem no mercado estrangeiro.<sup>10</sup>

Primeiramente, a livraria de Garnier constituiu-se em uma filial francesa no Brasil que ficava na importante Rua do Ouvidor, nº 69. Além do comércio de livros, como era comum para a época, Garnier vendeu artigos de papelaria e importados.<sup>11</sup>

---

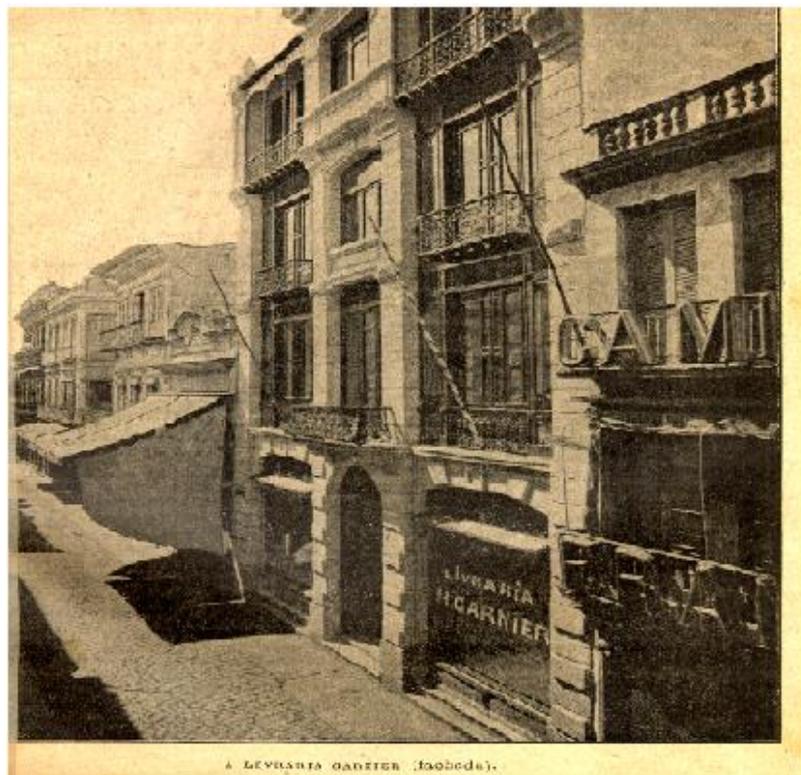
<sup>8</sup> BASTOS, Maria Helena Câmara de. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n.2, p. 172.

<sup>9</sup> MACHADO, Lígia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 128-129.

<sup>10</sup> BASTOS, Maria Helena Câmara de. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n.2, p. 171.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 172.

**Figura 1** – Frente da livraria Garnier



**Fonte:** Almanaque Brasileiro Garnier, 1905 *apud* Pinheiro, 2004, p. 02.

A livraria do Brasil pode ter deixado de ser uma filial da francesa quando os irmãos de Baptiste Louis Garnier passaram a publicar livros proibidos e foram descobertos pela polícia francesa, o que teria ocasionado o desligamento da livraria da Rua do Ouvidor em relação a de seus irmãos.<sup>12</sup> O investimento inicial no Brasil consistiu na difusão de obras clássicas europeias que já possuíam sucesso comercial, eram contos de fadas, literatura de viagens, fábulas, biografias, tratados de educação e obras cristãs. A livraria ainda trabalhou com a oferta de obras de nomes da literatura universal, bem como do romantismo francês, que permitiu a acumulação de capital econômico para a impressão da literatura nacional.<sup>13</sup>

Passados os primeiros momentos de estabelecimento aqui no Brasil, a livraria de Garnier dominou o comércio de livros no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX.<sup>14</sup> Com o tempo, o editor e livreiro foi ganhando prestígio e status, visto que muitos literatos desejavam ter seus escritos editados por ele. Publicou nomes importantes da literatura e autores

---

<sup>12</sup> MACHADO, Lígia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 128.

<sup>13</sup> LEÃO, Andrea Borges. A livraria Garnier e a história dos livros infantis no Brasil – gênese e formação de um campo Literário (1858 – 1920). História da Educação ASPHE. Pelotas, n. 21, 2007, p. 162-163. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em 6/12/2018.

<sup>14</sup> GRANJA, Lucia. Um editor no espaço público; Baptiste Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira. Estudos Linguísticos. São Paulo. V. 45. n. 3, 2016, p. 1205.

de sua época como Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Norberto de Souza, Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Araújo Porto Alegre, Domingos de Magalhães, cônego Fernandes Pinheiro, Tavares Bastos, Taunay e muitos outros.<sup>15</sup> Arisnete Moraes, (1996) destaca um trecho da correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo, onde aquele relata seus livros publicados pela editora:

A Casa Garnier fez uma edição das minhas Memórias Póstumas de Brás Cubas. É a terceira contando por primeira a publicação na antiga revista brasileira. Vai também uma edição nova de Quincas Borba, cuja primeira edição data de 1891, e estava esgotada.

A Casa Garnier reimprimiu ultimamente um dos meus livros mais antigos, os Contos Fluminenses; fê-los sem que eu houvesse revisto o trabalho, e sem aviso prévio, e sem lhe pôr a nota de que era edição nova. Por tudo isso não lhe mando um exemplar. [...] Também lá se está imprimindo o livro de que já lhe falei, Dom Casmurro; não me lembra se lhe confiei o título. O primeiro não é propriamente novo, segundo se vê bem do título, mas também não é reimpressão do outro livro. Dom Casmurro é inédito, veremos o que sairá impresso.<sup>16</sup>

Garnier manteve estreitos laços de amizade com alguns desses autores como sinalizado por Alexandra Pinheiro (2004), que destaca entre eles, José de Alencar, Manuel de Macedo, Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto e Machado de Assis.<sup>17</sup> De acordo com Lúcia Machado (2013), José de Alencar e Machado de Assis por algumas vezes elogiaram o editor por oferecer boas impressões, além de facilitar a publicação de obras.<sup>18</sup> Na ocasião da morte de Garnier, Machado não economizou elogios a seu constante trabalho:

Durante meio século, Garnier não fez outra coisa senão estar aí naquele mesmo lugar, trabalhando. Já enfermo desde alguns anos, com a morte no peito, descia todos os dias de Sta Teresa para a loja, de onde regressava antes de cair a noite. Uma tarde, ao encontra-lo na rua, quando se recolhia, andando vagaroso, com os seus pés direitos, metido em um sobretudo, perguntei-lhe por que não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta: “Pourriez vous résister, si vous etiez force de ne plus faire, ce que vous auriez fait pendant cinquante ans?”. Na véspera de sua morte, se estou bem informado, achando a pé, ainda planejou descer na manhã seguinte para dar uma vista de olhos na livraria.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> MACHADO, Lúcia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 141.

<sup>16</sup> MORAIS, Maria Arisnete C. de. Leituras femininas no século XIX (1850-1900). 1996. 184 f. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, p. 45.

<sup>17</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 07.

<sup>18</sup> MACHADO, Lúcia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 130.

<sup>19</sup> Assis (1938, p.401) *apud* PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 07.

Mary del Priori (2016) traz o depoimento de um viajante italiano, Lombroso Ferrero, que registrou que a livraria Garnier não era apenas um estabelecimento comercial, mas um clube, uma corte de mecenato. A autora ainda descreve, apoiada em Rutzkaya Reis, que no andar térreo, existiam dois extensos balcões de madeira separando as estantes de livros das cadeiras que serviam aos debates literários conduzidos por literatos como Machado de Assis. Sobre esses encontros na Garnier, João do Rio escreveu: “Resolvi então cultivar a relação preciosa em bocados de palestra ouvidos nos balcões de Garnier, por onde todos os dias passa o glorioso escritor”, referindo-se a Machado de Assis.<sup>20</sup> Na figura que segue, pode ser visto o salão ao qual a autora descreveu.

**Figura 2** – Interior da livraria Garnier



**Fonte:** MultiRio – Mídia educativa da cidade In: <http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/65-o-rio-de-janeiro-novamente-corte-o-imperio/2898-ventos-culturais-na-cidade-do-rio-de-janeiro-do-seculo-xix>

Contudo, nem todos os relacionamentos do editor e livreiro foram amigáveis. Embora existissem elogios às impressões de Garnier, que eram feitas na França, tal medida não agradava os tipógrafos nacionais.<sup>21</sup> Alexandra Pinheiro (2004) elencou possíveis motivações para que o editor procurasse imprimir seus livros na França:

Apesar das acusações feitas pelos tipógrafos brasileiros, a partir de 1862, Garnier enviou todas as suas publicações para serem executadas em França. Podemos elencar pelo menos quatro motivos que conduziram tal decisão. O primeiro deles era que a sua firma tinha origem em Paris; o segundo refere-se à tentativa de se conquistar um maior público leitor que, por sua vez, preferia os produtos franceses. A terceira razão era de ordem tecnológica, ou seja, após sua introdução dos navios a vapor nas rotas do Atlântico Sul, reduziu-se de 75 para 22 dias a viagem para a Europa. O quarto

<sup>20</sup> DEL PRIORI, Mary. Histórias da gente brasileira. São Paulo: Leya Editora, 2016, p. 271.

<sup>21</sup> MACHADO, Lígia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 129.

motivo era econômico, já que a impressão francesa era mais barata e de melhor qualidade da que era feita no Rio de Janeiro.<sup>22</sup>

Existiram controversas acerca da imagem do editor, alguns contemporâneos viam Garnier como um aproveitador, que teria enriquecido às custas da exploração de intelectuais, como aponta Alexandra Pinheiro (2004), que cita um trecho publicado no periódico *O Album*, de Arthur Azevedo:

Diz a imprensa que ele prestou serviços à nossa literatura. Effectivamente, o Imperador condecorou-o por esse motivo e nos catálogos da sua livraria figuravam alguns dos primeiros nomes das nossas letras. A verdade é que ele só acolhia de braços abertos os escritores que lhe entravam na casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia “cresça e apareça”. Se o pobre diabo realmente crescesse e aparecesse, poderia contar com o editor.<sup>23</sup>

Para Lígia Machado (2013), de fato, na opinião de outros autores não tão renomados de sua época, Garnier não foi tão bem apreciado. Citando Mariza Lajolo e Regina Zilberman (1998), a autora afirma que para Coelho Neto e Adolfo Caminha o livreiro não passava de um aproveitador ganancioso. A explicação disso se dá tendo em vista que alguns escritores tinham dificuldades em publicar numa editora tão conceituada como havia se tornado a Garnier, que criou um conceituado grupo de intelectuais e escritores a sua volta.<sup>24</sup>

Após 20 anos de estada no Rio de Janeiro, o editor havia solicitado ao Gabinete do Ministério do Império uma condecoração em forma de reconhecimento pelo seu trabalho como livreiro e editor das letras brasileiras. Dois anos depois, Garnier recebeu o título que almejava.<sup>25</sup> No final da década de 1850, Garnier passou a investir na publicação de impressos periódicos. Na concepção de Gisele Venâncio (2013), a *Revista Popular*, foi uma maneira encontrada por Garnier para estabelecer comunicação direta com seus leitores e ampliar seu público. A autora, apoiada em Medeiros (2006), explica que numa situação de concorrência com outras editoras,

---

<sup>22</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 06.

<sup>23</sup> *O Album*, 7 de outubro de 1893 *apud* PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 04.

<sup>24</sup> MACHADO, Ligia Cristina. A *Revista Popular* (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 131.

<sup>25</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 08.

uma revista contribuía para a divulgação de suas edições, bem como para que o amplo público tomasse conhecimento dos autores publicados.<sup>26</sup>

A análise dos aspectos materiais da *Revista Popular* também foram balizados nas considerações de Tania de Luca (2017) que, ao abordar os métodos demandados nas suas pesquisas sobre a *Revista do Brasil*, sinaliza os cuidados necessários ao tomar os periódicos como fonte e objeto, devendo observar as interações dos seguintes aspectos:

Assim, percebeu-se que o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidade sociais.<sup>27</sup>

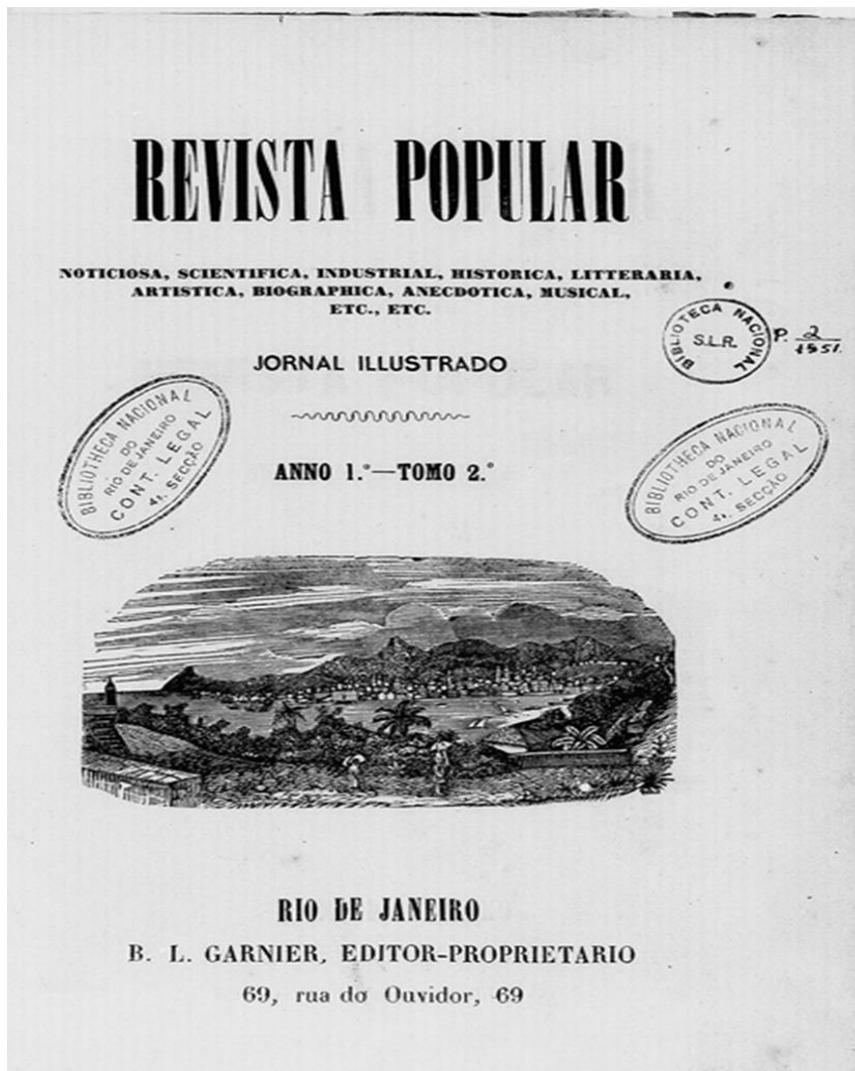
Começando pela capa do periódico, a *Revista Popular* possuiu como epígrafe a descrição “noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical etc, etc”, tendo ainda como subtítulo “Jornal Ilustrado”. Possuía de fundo uma imagem da cidade do Rio de Janeiro, indicava B.L. Garnier como seu proprietário. Designou como endereço de sua livraria a Rua do Ouvidor, como pode ser visto na figura seguinte.

---

<sup>26</sup> VENANCIO, Giselle Martins. Ler ciência no Brasil do século XIX: a *Revista Popular*, 1859-1862. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, 2013, nov., p. 1154.

<sup>27</sup> LUCA, Tania Regina de. A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação. 2ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP Digital, 2017, p. 02

**Figura 3 – Capa da Revista Popular**



**Fonte:** Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859. Acervo BN Digital.

Pelo título duplo do periódico (revista e jornal), deu-se o primeiro cuidado procedimental da pesquisa. De acordo com Rafael Cardoso (2011), os limites entre jornais e revistas se mantiveram bem fluidos durante o século XIX. Era comum que os próprios redatores usassem os termos como sinônimo, às vezes, usando ao mesmo tempo as duas designações.<sup>28</sup> Assim também, Ana Luiza Martins (2008) demonstra que existe um trabalho difícil em definir os periódicos desse período, pois por vezes, os limites entre um e outro são bem tênues.

<sup>28</sup> CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. IN: KNAUSS, Paulo et. al. Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ 2011, p. 19.

Mantendo a tradição europeia, de acordo com Ana Luiza Martins (2013), aqui no Brasil a revista consagrou-se como espaço suplementar para a publicação de textos literários, mas também como revistas ilustradas de caricaturas, ganhando proeminência num país de difícil divulgação da palavra escrita.<sup>29</sup>

Para Ana Luiza Martins (2008), o jornal foi o periódico que deu origem à revista e do qual, no passado, se aproximava tanto na forma - folhas soltas e *in folio* - como, por vezes, na disposição do conteúdo. Quando um jornal se tornava revista, abandonava o formato tabloide, as folhas soltas, incorporando uma capa, que facilitava seu manuseio. Dessa maneira, acerca da revista, ela se diferencia do jornal da seguinte modo:

Mais difícil é contrapô-la ao jornal, com periodicidade assídua, geralmente diária e muito semelhante no formato, sobretudo quando a revista se apresenta com páginas soltas, *in folio*. O que distingue com frequência é a existência da capa na revista, acabamento não ocorre no jornal; mais do que isso, é a formulação de seu programa de revista, divulgado no artigo de fundo, que esclarece o propósito e as características da publicação.<sup>30</sup>

Ainda, diferenciando as tipologias revista e jornal, Ana Luiza Martins (2008) afirma que o primeiro possui um propósito de informação imediata, com circulação diária, enquanto a segunda possui uma elaboração mais cuidada, aprofundando temas, de caráter fragmentado, com uma periodização mais espaçada, podendo ser semanal, quinzenal, mensal, trimestral, semestral ou até mesmo anual.

Com base no exposto, analisando as considerações e as informações fornecidas por Ana Luiz Martins (2008) e Rafael Cardoso (2011) acerca das características dos jornais e revistas desse período, o entendimento que prevalece neste estudo é o de que a *Revista Popular* perfaz uma estratégia muito mais alinhada à tipologia revista do que jornal. Primeiramente, já pelo seu subtítulo: “noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anecdótica, musical, etc, etc”, a variedade de seções que possuía e os seus editoriais que demonstram, ao menos em primeira instância, que a publicação objetivava abordar um temário diverso, com vistas a angariar e agradar um público amplo.

O padrão das capas do periódico se manteve durante os quatro anos de circulação, com a mesma imagem da cidade do Rio de Janeiro. Embora a revista circulasse por outras cidades brasileiras e do exterior, é inegável a sua relação com a capital do Império, local onde era

---

<sup>29</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: Martins, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (org.). História da Imprensa no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 64.

<sup>30</sup> MARTINS, Ana Luiza. Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ FAPESP, 2008. p. 46.

impressa, onde residiam e circulavam os seus colaboradores, talvez seus principais leitores, e o cotidiano o qual abordou.

A versão a que se teve acesso para esta pesquisa consistiu em uma compilação trimestral dos seis exemplares que circularam quinzenalmente naquele período. Conforme foi observado na dissertação de Marcella Abreu (2008), a *Revista Popular* teve ao total dos anos de circulação noventa e seis números individuais; geralmente cada número possuía 68 páginas que, quando encadernados, certamente faziam com que a publicação se assemelhasse mais a um livro, pois cada tomo poderia ter em torno de 350 a 400 páginas. Mediu 25x17 cm, possuindo gravuras de moda que, ainda de acordo com a autora, foram impressas em papel *couché* de 27 x 20 cm dobradas, a maior parte ilustradas por Anaís Coulin Toudouze, Jules David e Comte-Calix, artistas franceses reconhecidos pela produção de figurinos de modas. Até julho de 1861, em seu 11<sup>a</sup> tomo, a revista foi impressa na tipografia Quirino e Irmão e a partir de outubro daquele mesmo ano passou a ser impressa pela tipografia de Pinheiro & Cia, ambas situadas no Brasil.<sup>31</sup>

Não foi possível identificar a tiragem da Revista, nem ao certo em quais cidades circulou, nem indícios sobre seus assinantes. Maria Helena Câmara Bastos (2002) informa apenas que a publicação era vendida pelo sistema de assinaturas e distribuída nas grandes cidades do Brasil, em Lisboa e em Paris.<sup>32</sup>

O título do primeiro periódico de Garnier reserva alguns indícios das suas intenções, mas também algumas contradições. O nome *Revista Popular* à primeira vista poderia indicar a intenção de angariar um público amplo e de todos os segmentos sociais. Todavia, a revista custava um valor de aquisição que parecia não ser tão acessível: a assinatura anual custava 20\$000 réis para a Corte e 22\$000 para as demais províncias, 10\$000 réis na semestral e 5\$500 trimestralmente.<sup>33</sup> Maria Lígia Machado (2013) aponta que em 1859 publicações como *O monarchista* era oferecido por 8\$000 ao ano, e 4\$000 no preço semestral, *A marmota* por 5\$000 o semestre. Continuando a comparação, para a autora, muitos livros ficavam em torno dos

---

<sup>31</sup> ABREU, Marcella dos Santos. Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862). 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 11.

<sup>32</sup> BASTOS, Maria Helena Câmara de. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n.2, 2002, p. 174.

<sup>33</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, p. 68.

2\$000 réis<sup>34</sup>, mostrando que a publicação, assim como também endossado por Alexandra Pinheiro (2002), não era tão popular assim, sendo mais cara que muitos livros que circularam no período.

Tentando ainda perscrutar as intenções da publicação e possibilidades de público, a historiadora Tania de Luca (2010), ao abordar a *Revista da Semana*, explica que o conteúdo diverso desse periódico foi uma estratégia de agradar a diferentes leitores, visto que com um minguido público leitor, o sucesso dos negócios dependia da capacidade de ampliar ao máximo o número de interessados.<sup>35</sup> Sendo assim, conforme a autora considerou para o periódico acima mencionado, pode-se ter um vislumbre das intenções da *Revista Popular*. Já em sua primeira edição, a publicação em sua carta dos editores, uma espécie de editorial do periódico, destacou suas intenções e público pretensamente alvo:

Escrevemos de tudo para todos. [...]  
[...] É preciso que saiba um pouco de tudo, e que em nenhum ramo de conhecimento seja totalmente hóspede. Aprofundá-los todos é impossível, mas desconhecer os princípios gerais de algum, quase é vergonha. [...]  
[...]falaremos em termos que todos entendam. Não teremos mistérios reservados para os iniciados. Quando falarmos ao lavrador queremos que o financeiro nos compreenda, quando nos dirigimos ao engenheiro, que o filósofo não fique em jejum. [...]  
[...] Nem sempre sérios pois sérios, procuraremos também contribuir para o recreio de nossos leitores. Mas recreando, pode-se instruir disfarçadamente, não nos esqueceremos disso. O recreio, que se busca nos livros, deve ser uma instrução amena.<sup>36</sup>

As próximas cartas dos redatores vieram a público nas edições que comemoravam mais um ano de circulação. Nelas a intenção de se dirigir a um público amplo e diverso se manteve, como pode ser visto no trecho abaixo:

A directoria da Revista começou bem e perseverou, e depois de um anno o seu livro tornou-se o verdadeiro livro do povo e das famílias. Na corte e nas províncias, nas casas mais conspícuas, como nas mais simples a Revista Popular é o livro, em que os homens e mulheres, velhos e moços, estadistas e eruditos, comerciantes e industriaes, lavradores e artífices buscão e achão artigos e noticias, que os instruem, os divertem, os entretem sem causar-lhes fadiga. Bem se ve; que um tal livro era uma verdadeira necessidade, porque nem todos tem o tempo de estudar os in-folio das bibliotecas, e, de outro lado os jornaes se occupão com certas e determinadas questões.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> MACHADO, Lúgia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas. São Paulo: Alameda, 2013, p. 136-137.

<sup>35</sup> LUCA, Tania Regina de. Histórias do, no e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010, p. 121-122.

<sup>36</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p. 03. Acervo BN Digital.

<sup>37</sup> Revista Popular, tomo V, jan-mar de 1860, p. 06. Acervo BN Digital.

Certamente, esse público diverso pretendido pela revista reflete o número extenso de seções que compuseram suas edições. Algumas possuíam vida perene durante a circulação da publicação, entretanto outras pouco apareceram como pode ser visto no quadro da sequência.

**Quadro 1:** Seções, Tomos e Datas da Revista Popular

Ano	Tomo	Data	Seções
1	I	Jan-Mar/1859	Agricultura, Crônicas, Casas Recomendáveis, Comércio e Indústria, Contos e Narrativas, Crítica e Análises, Descrições, Economia Política, Emigração e Colonização, Esboços Biográficos, Higiene, Instrução e Educação, Geografia, Música, Física, Poesias, Romances, Variedades.
1	II	Abr-Jun/1859	Crônicas, Colonização, Casas Recomendáveis, Contos e Narrativas, Descrições, Economia Política, Esboços Biográficos, Instrução, Literatura, Marinha, Poesia, Romances, Ciências Naturais, Teatro, Variedades.
1	III	Jul-Set/1859	Agricultura, Bibliografia, Catequese, Colonização, Crônicas, Economia Política, Esboços Biográficos, Literatura, Filologia, Poesia, Romances, Ciências Naturais, Variedades.
1	IV	Out-Dez/1859	Agricultura, Anacyclico, Casas Recomendáveis, Astronomia, Bibliografia, Crônicas, Dramas, Economia Política, Literatura, Poesias, Romance, Ciências Naturais, Variedades, Esboços Biográficos, Geografia, Heráldica.
2	V	Jan-Mar/1860	Agricultura, Crônicas, Economia Política, Esboços Biográficos, Geografia, História, Higiene, Literatura, filologia, Poesias, Romances, Ciências Naturais, Teatro, Variedades, Viagens.
2	VI	Abr-Jun/1860	Agricultura e Criação, Bibliografia, Contos e Narrativas, Crônicas, Descrições, Economia Política, Esboços Bibliográficos, História, Literatura, Máximas e Pensamentos, Navegação, Poesias, Romances, Ciências Naturais, Variedades, Viagens.
2	VII	Jun-Set/1860	Aerostática, Agricultura e Criação, Aforismos (Máximas e Pensamentos), Bibliografia, Crônicas, Colonização, Contos e Narrativas, Descrições, Economia Doméstica, Esboços Biográficos, História, Higiene, Literatura, Poesias, Romances, Ciências, Variedades, Viagens.
2	VIII	Out-Dez/1860	Aforismo (Máximas e Pensamentos), Bibliografia, Crônicas, Contos e Narrativas, Descrições, História, Higiene, Literatura, Poesias, Romances, Ciências, Teatro, Variedades, Viagens.
3	IX	Jan-Mar/1861	Agricultura, Crítica, Crônicas, Esboços Biográficos, Geografia, História, Higiene, Literatura, Poesias, Romances, Ciências Naturais, Teatro, Variedades, Viagens.
3	X	Abr-Jun/1861	Bibliografia, Crônica, Economia Doméstica, Esboços Biográficos, História, Literatura, Poesia, Romances, Ciências Físicas e Naturais, Teatro, Variedades, Viagens.
3	XI	Jul-Set/1861	Agricultura, Bibliografia, Crônicas, Descrições, Esboços Biográficos, História, Poesia, Romances, Ciências Físicas e Naturais, Variedades.

3	XII	Out-Dez/1861	Bibliografia, Contos e Narrativas, Crônicas, Descrições, Esboços Biográficos, Literatura, Filosofia Natural, Poesias, Romances, Ciências, Variedades.
4	XIII	Jan- Mar/1862	Agricultura, Bibliografia, Crônicas, Contos e Narrativas, Descrições, Esboços Biográficos, Estudos Etnográficos, Estudos Históricos, Literatura, Poesias, Romances Variedades.
4	XIV	Abr-Jun/1862	Agricultura, Bibliografia, Crônicas, Descrições, Esboços Biográficos, Estudos Literários, Filosofia Moral e Cristã, Poesias e Romances.
4	XV	Jul- Set/1862	Agricultura, Bibliografia, Crônicas, Descrições e Narrativas, História, Literatura, Máximas e Reflexões, Poesias, Romances, Ciências, Variedades.
4	XVI	Out-Dez/1862	Agricultura, Bibliografia, Crônicas, Descrições e Narrativas, História Literatura, Máximas e Reflexões, Poesias, Romances e Variedades.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Como evidencia o Quadro 1, a *Revista Popular* circulou e manteve sua assiduidade em todos os quatro anos de existência. As suas seções abarcaram os diversos gêneros do conhecimento, dando espaço para a literatura, para o teatro, para o conhecimento da história e da geografia brasileira, conhecimentos na área da agricultura, em economia política, nas ciências naturais, dentre outros, cumprindo com seu objetivo de informar a todos os gostos e profissões, bem como fazendo jus à sua extensa epígrafe. Conforme apontado por Alexandra Pinheiro (2002), aqui se pode encontrar o sentido de “popular” que dá nome ao periódico, que embora negado pelo valor de suas assinaturas, se expressava na sua intenção eclética de público.<sup>38</sup>

No exame das seções do periódico, foi possível perceber que algumas integraram todos os 16 volumes trimestrais, outras apareceram com menos frequência, mas ainda assim não deixaram de ser assíduas, algumas pouco apareceram, existindo seções que integraram a publicação apenas uma vez como pode ser visto no quadro a seguir.

**Quadro 2 – Seções e ocorrência nos tomos da *Revista Popular***

	Seção	Número de Ocorrências	Tomos
1	Agricultura/ Agricultura e Criação	12	I, III, IV, V, VI, VII, IX, XI, XIII, XIV, XV, XVI.
2	Chronica da Quinzena	16	I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI.
3	Casas Recomendáveis	2	I, II.
4	Comércio e Indústria	1	I.
5	Contos e Narrativas/ Narrativas	9	I, II, VI, VII, VIII, XII, XIII, XIV, XVI.
6	Crítica/Critica e Análises	2	I, IX.

<sup>38</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, p. 63.

7	Descrições	11	I, II, VI, VII, VIII, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI.
8	Economia Política	6	I, II, III, IV, V, VI.
9	Emigração e Colonização/colonização	4	I, II, III, VII.
10	Esboços Biográficos	13	I, II, III, IV, V, VI, VII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV.
11	Higiene	5	I, V, VII, VIII, IX.
12	Literatura	13	II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XII, XIII, XV, XVI.
13	Instrução/Instrução e Educação	2	I, II.
14	Geografia	4	I, IV, V, IX.
15	Física/ Ciências Físicas	3	I, X, XI.
16	Poesias	16	I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI.
17	Romances	16	I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI.
18	Variedades	15	I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XV, XVI.
19	Marinha/Navegação	1	II, VI.
20	Ciências Naturais/ Ciências	10	II, III, IV, V, VI, IX, X, XI, XII, XV.
21	Teatro	5	II, V, VIII, IX, X.
22	Anacyclico	1	IV.
23	Bibliografia	12	III, IV, VI, VII, VIII, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI.
24	Filologia	2	III, V.
25	Drama	1	IV.
26	Heráldica	1	IV.
27	História	9	V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XV, XVI.
28	Viagens	5	VI, VII, VIII, IX, X.
29	Aforismo/ Máxima e Pensamentos	5	VI, VII, VIII, XV, XVI.
30	Aerostática	1	VII.
31	Economia Doméstica	2	VII, X.
32	Filosofia Natural	1	XII.
33	Filosofia Moral e Cristã	1	XIV.
34	Estudos Etnográficos	1	XIII.
35	Catequese	1	III.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar o quadro supracitado, percebe-se que algumas seções estiveram presentes em todos os tomos, ou seja, circularam pelo menos uma vez a cada 3 meses em que a revista foi a público, sendo elas as Chronica da Quinzena, Romances e Poesias. Por essa assiduidade e volume de seções, talvez como muitos pesquisadores mencionaram, a revista tenha sido considerada um periódico de entonação literária. Soma-se a essas seções as Contos e Narrativas (com 9 ocorrências), Literatura (com 13 aparições), seguida pela seção Bibliografia (com 12 ocorrências).

Conforme Alexandra Pinheiro (2004), a *Revista Popular* orientou-se de fato por uma inclinação literária, mas a pesquisadora não deixou de considerar que ela também possuiu

intenções informativas e políticas.<sup>39</sup> Sílvia Azevedo (1990), citada por Kátia Miranda e Sílvia Azevedo (2010), também evidencia o aspecto literário da publicação quando afirma que ela foi própria de um momento em que o interesse pela literatura suplantou as discussões políticas.<sup>40</sup>

Alexandra Pinheiro (2004) compara a proposta da *Revista Popular* com outros periódicos como o *Correio Brasiliense*, *Armazém literário* (1808-1822), *Revista Filomática* (1833), *Niterói*, *Revista Brasiliense*, *Ciência e Arte* (1836), *Revista do Instituto Histórico Geográfico* (1838), *Minerva Brasiliense* (1843-185), *Guanabara* (1849-1857), *O Novo Mundo*, *periódico ilustrado do Progresso da Idade* (1870-1875), que foram marcadas por suas inclinações literárias e nacionalistas.<sup>41</sup>

Ainda como uma marca do período em que circulou, Maria Eunice Moreira (1996), citada por Alexandra Pinheiro (2002), indica que o periódico foi uma revista literária no bojo do romantismo, como pode ser visto na apreciação da autora:

(...) Revista Popular (...), órgão do Romantismo, a Revista Popular é considerada (...) centro dinâmico na renovação de ideias literárias. O interesse da revista pelos assuntos nacionais e o endosso ao programa nacionalista pode ser comprovado pelas publicações de um de seus colaboradores mais assíduo: Joaquim Norberto de Souza e Silva.<sup>42</sup>

A comparação com outras revistas literárias e sua inserção no romantismo também foi realizada por Kátia Miranda e Sílvia Azevedo (2010), que explicam que a *Revista Popular* não apresentou grandes novidades quanto a outros periódicos de seu tempo, tendo Garnier se baseado na experiência de revistas de sua época. As autoras balizam sua concepção acerca da publicação, baseando-se no seguinte trecho de Wilson Martins (1977):

A Revista Popular era um jornal ilustrado da Editora Garnier, circulando a 5 e 20 de cada mês. Publicaram-se-lhe 16 volumes até 1862, quando se transformou no não menos famoso Jornal das Famílias [...]. Foi, ao mesmo tempo, como era próprio da época, um órgão do Romantismo [...] e também do nacionalismo literário, que, apesar das aparências, completava-o e dava-lhe sentido. Foi na Revista Popular que Joaquim

---

<sup>39</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 08.

<sup>40</sup> MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; AZEVEDO, Sílvia M. Revista Popular (1859-1863) e Jornal das Famílias (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier. TriceVersa: Assis, v. 3, n. 2, 2010, p. 157.

<sup>41</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 09.

<sup>42</sup> MOREIRA (1996, p. 54) *apud* PINHEIRO, Alexandra Santos. Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, p. 36.

Norberto publicou os capítulos esparsos de sua projetada História da Literatura Brasileira.<sup>43</sup>

Na ótica dos redatores da *Revista Popular*, a literatura foi um meio de instruir, mas com amenidade, como pode ser visto no trecho:

Nem sempre seremos pois sérios, procuraremos também contribuir para o recreio de nossos leitores. Mas recreando póde-se instruir disfarçadamente, não nos esqueceremos disso. O recreio, que se busca nos livros, deve ser uma instrução amena. A poesia (prosa o verso) e a musica acharão lugar nas nossas páginas, mas sobretudo será buril do gravador que, auxiliando poderosamente a pena do escritor virá amenizar as nossas paginas. (...)

Longe de banir a literatura estrangeira, dar-lhe-hemos generosa hospitalidade, mas nunca esqueceremos que escrevemos no Brasil e em língua portuguesa.<sup>44</sup>

Alexandra Pinheiro (2002) afirma que a *Revista Popular* trouxe a público muitos poetas e literatos de seu tempo e registrou o pensamento de importantes intelectuais do período que habitavam no Rio de Janeiro e colaboraram com a publicação, com estudos e críticas literárias, contos, romances, crônicas e também ensaios de história. A autora explica que embora muitos nomes de colaboradores não serem lembrados pela história da literatura brasileira, o contexto histórico da publicação foi importante para o desenvolvimento das letras brasileiras.<sup>45</sup>

Sobre esses nomes da literatura e intelectuais do período, entre os mais conhecidos tem-se Joaquim Norberto de Sousa (que publicou peças de teatro, textos de crítica literária, poesias, trechos de manuais de História, poesias, crônicas e as biografias de “Brasileiras Célebres”), Joaquim Manuel de Macedo (provável escritor de parte das “Crônicas da Quinzena”), Casimiro de Abreu, Luís de Castro, Fernandes Pinheiro, Álvares de Azevedo. Marcella Abreu (2008) lembra ainda como colaboradores do periódico Augusto Emílio Zaluar, Francisco Bernardino de Souza, Fernando Wolf, José Maria Velho da Silva, Luis Antônio Burgain, Antônio Joaquim de Macedo Soares e Homem de Mello.<sup>46</sup>

Na seção de “Romances”, ao todo foram publicados 14 textos, estando entre eles *Os Guaribaldinos*, de Alexandre Dumas, *Os Estudantes de Heidelberg*, de Charles Desley e A

---

<sup>43</sup> Martins (1977, p. 111-112) *apud* MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; AZEVEDO, Silvia Maria. *Revista Popular (1859-1863) e Jornal das Famílias (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier*. TriceVersa: Assis, v. 3, n. 2, 2010, p. 158.

<sup>44</sup> *Revista popular*, tomo I, jan-mar de 1859, p. 03. Acervo BN Digital.

<sup>45</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, p. 70-71.

<sup>46</sup> ABREU, Marcella dos Santos. *Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862)*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 08.

*Luneta* de Mme. de Girardin. Dentre os assinados por brasileiros, por Lino de Almeida, tem-se *Botão de rosa*, P.E. de Albuquerque com *Hippolyto e Isabel*, *Lampo* de P. Henriques, *Filha de Affonso III*, por Luis de Castro, *Raio*, do pseudônimo Insulano, e *Relicário de Ouro* assinado como P.S. Os outros, *Agrião e a cicuta*, *Aventuras sentimentais de uma amante abandonada*, *Lenda de mimosa*, *Romance de um moço pobre e Dívida de Jogo* não foram assinados. Nas narrativas e nos contos, caracterizados como mais curtos por Alexandra Pinheiro (2002), compuseram a publicação o total de 33 textos, sendo frequente a presença de Luís de Castro, Cônego J.C. Fernandes Pinheiro. Desses 33 textos, 20 foram assinados com nomes ou pseudônimos.

A seção “Variedades” despertou o interesse de alguns pesquisadores pela suspeita de que Machado de Assis teria publicado textos nela, porém Marcela Abreu (2008) explica que essas suspeitas ainda não se confirmaram, precisando que os textos que lhes são atribuídos, sejam melhores apreciados. A autora comenta que normalmente são atribuídos 3 textos da Revista ao autor, assinados com os pseudônimos “X. e M.”.<sup>47</sup>

De acordo com Alexandra Pinheiro (2002), são atribuídas a Machado os contos “Memórias de um grão de café”, publicado no tomo IV de 1859, “Confidências de um jornal velho”, do mesmo tomo anterior e “O pavão” no tomo VIII, de 1860. Contudo, a autora também salienta que é preciso que sejam feitas análises mais substanciais, que levem em conta a linguagem e o estilo dessas narrativas com o estilo machadiano.<sup>48</sup>

Já as poesias tiveram um começo acanhado na *Revista*, já que no primeiro tomo apenas uma foi publicada, *A morte da Donzela*, de Luis de Castro. Contudo, durante a circulação, essa seção foi ganhando mais fôlego e no fim dos 4 anos, foram publicadas mais de 150 poesias, que para Alexandra Pinheiro (2002), quando de autores nacionais, estavam em sintonia com os temas abordados pela segunda geração do romantismo, dentre eles, o amor, a morte, o elogio à natureza, a exaltação do passado, fuga da realidade e sentimentos nacionalistas. Foram escritas por colaboradores como Luís de Castro, Porto Alegre, Bithencourt da Silva, Casimiro de Abreu, Juvenal Galleno, Macedo Junior, Bruno Seabra, Joaquim Norberto, Álvares de Azevedo, Gonçalves de Magalhães dentre outros.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> ABREU, Marcella dos Santos. *Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862)*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 06.

<sup>48</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, p. 202.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 72-75.

Como foi esboçado até aqui, a literatura ocupou um importante espaço da *Revista Popular*, que foi inserida pelos pesquisadores que a estudaram, como engajada na segunda geração do romantismo, como fica balizado pela presença de alguns autores e temas. Com efeito, no Segundo Reinado, a imprensa ampliou as suas entonações, indo para além do debate político. Foi nesse momento que surgiram com mais intensidade publicações que atendiam os interesses literários, humorísticos, satíricos, noticiosos, religiosos, femininos, de moda, médicos, musicais, teatrais, artísticos e científicos como evidenciado por Vinícius Gagliardo (2016).

Nesse período, para Ana Luiza Martins (2013), coube às revistas um espaço maior, que embora já circulassem desde os primórdios da imprensa, experimentaram maior sucesso, dadas as suas características de leitura amena, com ilustrações, uma boa leitura para uma população sem tradição nessa prática.<sup>50</sup> Certamente, a *Revista Popular*, como outras publicações de sua época, possuiu uma entonação literária latente e cumpriu sua missão de instruir por meio do recreio, permitido pela leitura dos contos, narrativas, romances e poesias. Contudo, suas intenções de instrução não ficaram restritas somente à literatura. O estudo realizado fornece elementos para ampliar esse escopo editorial para além do campo literário.

Ainda observando o Quadro 2, foi possível identificar a ocorrência de seções de conhecimentos das ciências naturais e físicas como Agricultura e Criação (12), Ciências Naturais (10), Higiene (5), Ciências Físicas (3), filologia (2), dentre outras. De acordo com Vinícius Gagliardo (2016), o período em que a *Revista Popular* circulou, além de ter sido favorável para que a literatura tivesse um maior espaço, também foi um momento adequado para que os temas científicos se consolidassem dentro dos periódicos.<sup>51</sup>

A preocupação da *Revista Popular* em informar sobre a ciência também ficou expressa no trabalho de Gisele Venâncio (2013), que observou os assuntos científicos que compuseram seções como Indústria, Higiene, Física e Ciências Naturais. Para a autora, essas seções evidenciam a preocupação com a educação por parte do periódico, que além de divulgar a atividade científica nacional, apregoava as novidades da ciência veiculadas pela imprensa estrangeira. A autora afirma que os temas abordados como a botânica, astronomia, luz elétrica,

---

<sup>50</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: Martins, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (org.). História da Imprensa no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 63.

<sup>51</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 56.

água, sistema métrico decimal, microscopia e a seca foram classificados como científicos pela revista, que os julgava como conhecimentos úteis para a população em geral.<sup>52</sup>

Para Gisele Venâncio, do ponto de vista dos grupos letrados, tais como produtores e consumidores da *Revista Popular*, para que a construção da nação se realizasse, era necessário que fosse elaborado um olhar do brasileiro sobre o país, também levando em conta a sua ciência:

Embora a revista tivesse caráter informativo, definindo-se pela inclusão de enorme diversidade temática, os assuntos referentes à elaboração de uma história e, especialmente, de uma ciência nacional ganharam destaque, justamente no momento em que se julgou importante construir as bases para o desenvolvimento científico brasileiro como forma de contribuir para a invenção da nação. A *Revista Popular* tornou-se, naquele momento, um espaço de difusão e divulgação do que se considerava ser os mais importantes conhecimentos, novidades e avanços científicos alcançados no país.<sup>53</sup>

Por outro lado, conforme Venâncio, ao criar a revista, Garnier investia num gênero de periódico de grande difusão na Europa do Oitocentos, que condensava assuntos para divulgação do conhecimento enciclopédico. Para os editores da *Revista Popular*, oferecer o “mínimo conhecimento sobre os mais variados assuntos era condição que então se impunha aos leitores.<sup>54</sup> Dessa forma, de acordo com a autora, o periódico possuía a intenção de formar um público leitor esclarecido, que apoiasse e legitimasse a atividade científica nacional. Amparada em Eliana Dutra (2005), Gisele Venâncio explica que a Livraria e Casa Editorial Garnier se dirigiam especialmente ao público culto ou semiculto.<sup>55</sup>

Somam-se às seções de assuntos científicos e literários, temas em voga no momento em que a revista circulou que perpassavam temas econômicos, sobre a mão-de-obra escrava e imigrante, visto que o tráfico negreiro já era proibido desde o início dos anos de 1850. A preocupação com a economia trouxe textos que abordavam crises comerciais, economia mundial, questões bancárias.<sup>56</sup>

Em um momento em que se valorizava também os conhecimentos sobre o Brasil, visto que o país ia se constituindo enquanto nação, além da proeminência de uma literatura nacional, pode-se observar seções que versaram sobre a sua história, geografia e personagens célebres de sua trajetória, uma tendência que poderia ser observada, por exemplo, na Revista do Instituto

---

<sup>52</sup> VENANCIO, Giselle Martins. Ler ciência no Brasil do século XIX: a *Revista Popular*, 1859-1862. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, nov., 2013, p. 1156.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 1160.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 1154.

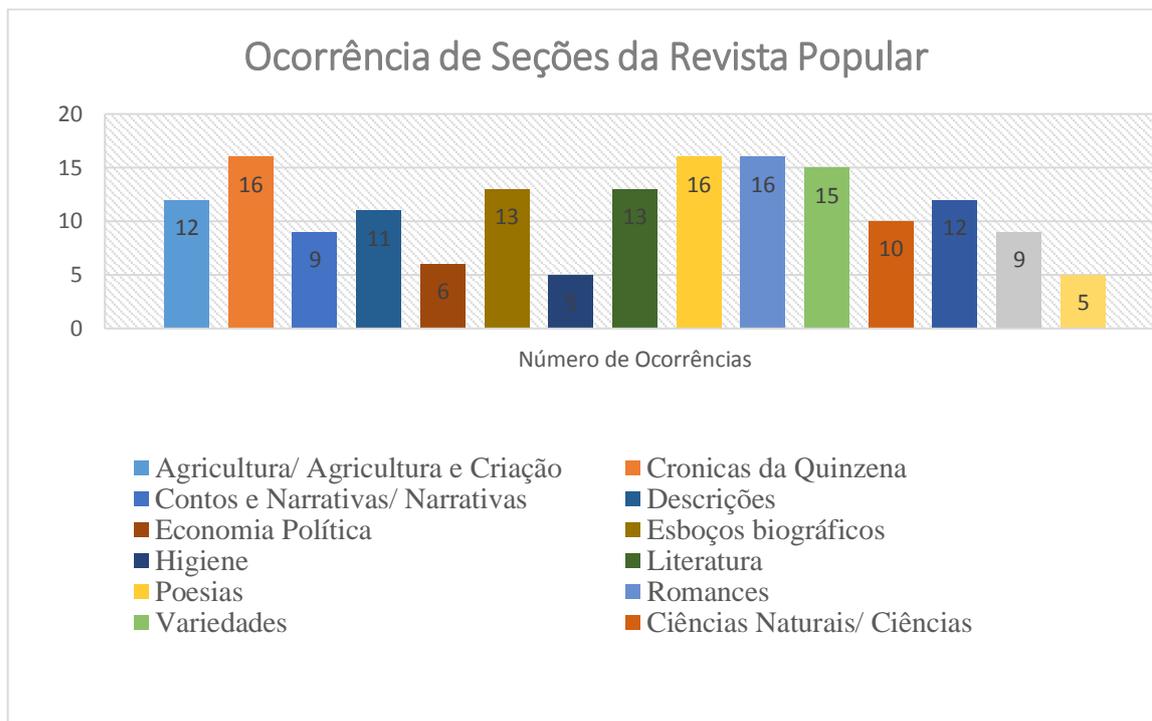
<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 1555.

<sup>56</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, p. 121.

Histórico Geográfico Brasileiro. Além de todas essas áreas do conhecimento, com suas entonações literárias, científicas e informativas, a seção de “Variedades” trouxe uma gama de textos que poderiam ser contos, cartas, ensaios, escritos que abordavam a literatura nacional, aspectos da educação no Brasil, crônicas e até mesmo notícias de outros países.

Como pode ser visto no gráfico a seguir, embora muito lembrada por ser um periódico literário, por diversos pesquisadores, a *Revista Popular* também possuía inclinações informativas, científicas, acrescida ainda de importantes saberes relacionados à constituição do país, sua história, seu povo, sua geografia. Composto por seções que tiveram ocorrência em mais de um ano, observa-se os assuntos e áreas de conhecimento mais abordados pela publicação.

**Gráfico 1 – Ocorrência de seções da Revista Popular**

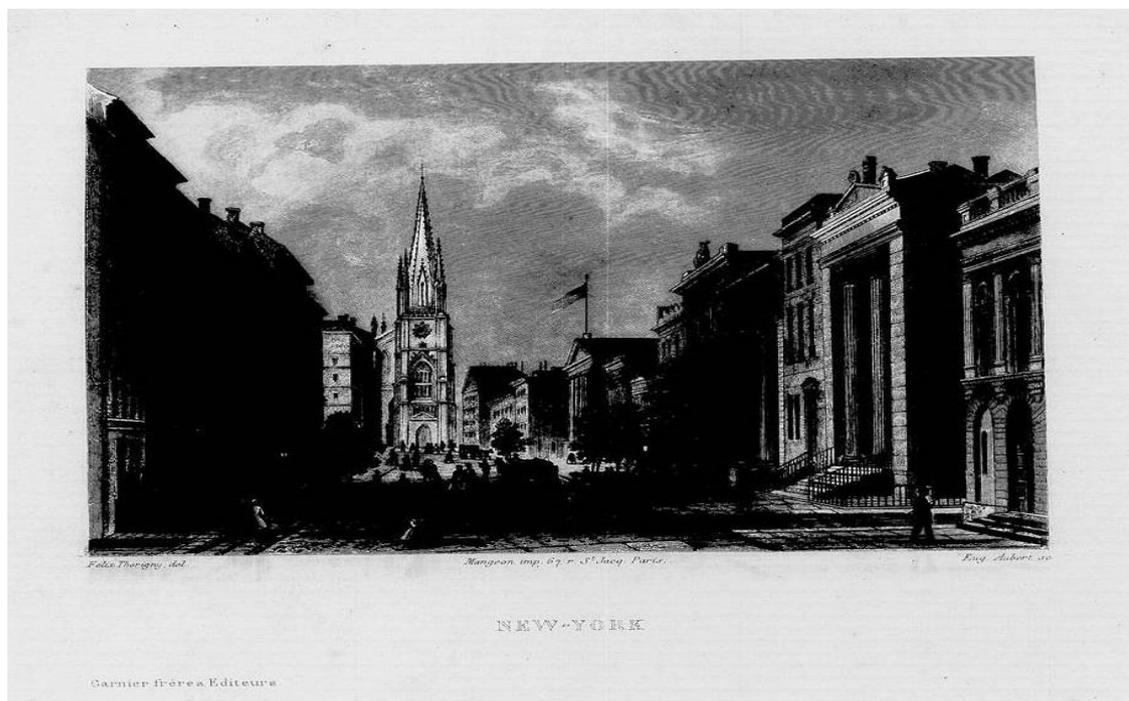


**Fonte:** Elaborado pela a autora.

As seções mais frequentes são expressas pelas 16 ocorrências dos temas Chronica da Quinzena, Poesias e Romances, seguidas pelas Variedades, com 15 ocorrências. A intenção de abordar o conhecimento histórico é evidenciado pelas 13 aparições dos Esboços Biográficos e 9 das seções de História. O conhecimento na área das ciências é sustentado por 10 ocorrências na áreas de ciências naturais, 12 no âmbito da agricultura. O que revela mais facetas da *Revista Popular* além do âmbito da literatura.

Outro ponto que merece atenção é a presença de ilustrações ou seções ilustradas no periódico. Dentre as gravuras, algumas edições vieram a público com vinhetas ornamentadas, letras desenhadas, com ilustrações de personagens que estiveram presentes nas seções de biografia, ou de cidades e monumentos nacionais e do exterior que estavam relacionadas à seção “Descrições”, que geralmente detinha-se a esboçá-las, evidenciando seus festejos populares ou religiosos, natureza e pontos históricos. Na maioria das ocasiões, as ilustrações vieram em folha sem texto, separada, revelando uma dificuldade das técnicas de impressão da época, como apontado por Rafael Cardoso (2011), em colocar imagens e textos numa mesma página<sup>57</sup>, como pode ser visto na figura a baixo, relacionada a seção de “Descrições”, sobre a cidade de Nova Iorque:

**Figura 4** – Imagem da cidade de Nova Iorque



**Fonte:** Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859. Acervo BN Digital.

Foi comum que a revista trouxesse ilustrações, como o exemplo acima, de diversas cidades bem conhecidas do mundo ainda no século XIX como parte da seção que descrevia elas. Era uma maneira de conhecer as cidades, sua cultura e história por meio da publicação. Essa tendência também foi tomada em relação às cidades brasileiras, que além de serem

<sup>57</sup> CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. IN: KNAUSS, Paulo et. al. Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ 2011, p. 24.

abordadas nas seções de “Descrições”, também foram expostas na de “Viagens”, uma espécie de relato de expedições.

Pela gama de seções e temas abordados pela *Revista Popular* e por sua intenção em instruir a população em áreas do conhecimento literário, histórico, geográfico, econômico e científico, entende-se que a revista buscou informar seus leitores com conhecimentos necessários para formar conhecedores da sua terra, seu país, seus saberes, economia e literatura. Eliane Dutra (2005) afirma que as duas publicações periódicas de Garnier possuíram características recreativas e instrutivas. Ao criar a revista, Martins (2005), citada por Venâncio, (2013), explica que a Garnier investiu num gênero de periódico de grande difusão na Europa do Oitocentos, celebrado principalmente pela “possibilidade de condensação de assuntos para divulgação do conhecimento enciclopédico”.<sup>58</sup>

A *Revista Popular* não só expôs um conjunto de saberes considerados importantes e necessários para informar e instruir seus leitores brasileiros, como os abordou por meio de um conjunto de literatos e intelectuais em evidência no século XIX. Sobre isso, nem sempre o primeiro periódico de Garnier deixou claro em suas páginas os membros efetivos do seu corpo editorial. Em seu primeiro aniversário de circulação, em janeiro de 1860, a carta dos editores da revista afirmou que entre os colaboradores da publicação estavam os mais distintos literários do país. Dizia ainda o editorial que os redatores eram conhecidos dos leitores e assim destaca Domingos José Gonçalves de Magalhães como um deles.<sup>59</sup>

Na capa do periódico, foi indicado que Garnier fora seu editor-proprietário e apenas nas edições que vieram a público a partir de julho de 1860, referente ao tomo XVII, o nome de seus colaboradores e redatores, como Joaquim Norberto de Souza, Cônego Fernandes Pinheiro, Joaquim Manuel de Macedo, Casimiro de Abreu, Manuel de Araújo Porto Alegre, entre outros, como pode ser visualizado como na figura que segue.

---

<sup>58</sup> VENANCIO, Giselle Martins. Ler ciência no Brasil do século XIX: a *Revista Popular*, 1859-1862. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, nov.,2013, p.1154.

<sup>59</sup> *Revista Popular*, tomo IV, out-dez de 1869, p. 05-06.

**Figura 5** – Contracapa Revista Popular – Colaboradores e Redatores



**Fonte:** Revista Popular, tomo VII, Jul-mar de 1861. Acervo BN Digital.

Gisele Venâncio (2013), apoiada em Eliane Dutra (2005), evidencia a importância da *Revista Popular* para o cenário ao qual circulou pela sua lista de colaboradores, que reuniu os mais relevantes nomes dos meados do século XIX, que se dedicavam a pensar e a escrever sobre o Brasil e as suas principais questões.<sup>60</sup> Dentre os colaboradores da revista, é notável a presença de autores que tiveram seus livros editados e impressos por Garnier, que faziam parte das reuniões de sua livraria também.

Lúcia Granja (2016) explica que a partir do início dos anos 1860 escritores e intelectuais brasileiros começaram a se reunir em torno de Baptiste-Louis Garnier, fazendo com que “se configurasse, entre editor e escritores, uma relação de interdependência, na qual se cruzavam, naquele momento brasileiro, os interesses muitas vezes divergentes dos campos editorial e literário”<sup>61</sup>. Gisele Venâncio (2013) ainda relaciona alguns colaboradores da *Revista Popular* com membros do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, como Manuel Ferreira Lagos, Antonio Gonçalves Dias, Manuel de Araújo Porto Alegre, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Joaquim Norberto de Souza e Silva, Joaquim Manoel de Macedo e Francisco Adolpho Varnhagen. A autora lembra também que o grupo do IHGB foi formado pelos

<sup>60</sup> VENANCIO, Gisele Martins. Ler ciência no Brasil do século XIX: a *Revista Popular*, 1859-1862. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, nov., 2013, p. 1160.

<sup>61</sup> GRANJA, Lucia. Um editor no espaço público: Baptiste Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira. Estudos Linguísticos. São Paulo. v. 45. n. 3, 2016, p. 1209.

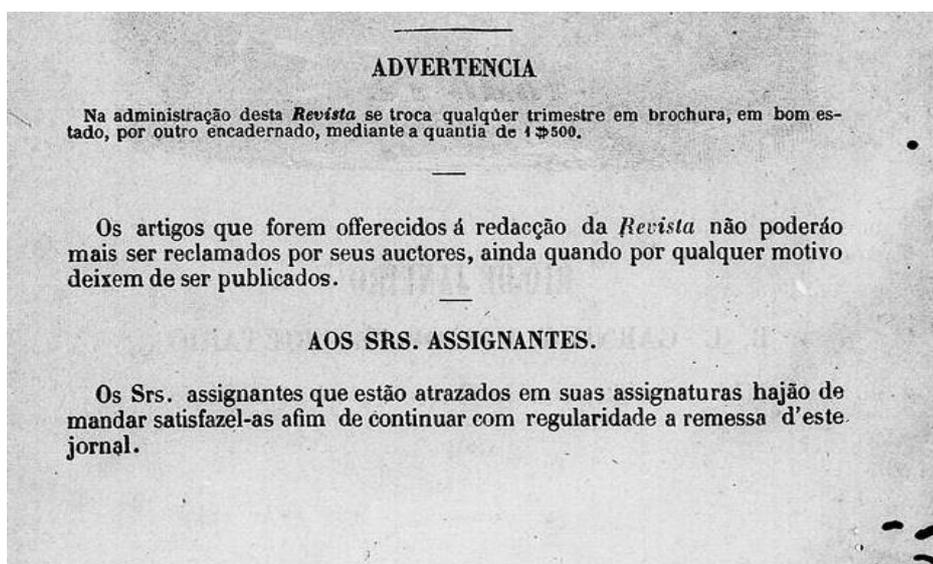
membros mais próximos do imperador Dom Pedro II, um grupo que conforme mencionou Lilia Schwarz (1998) era ‘palaciano’.<sup>62</sup>

Ao final de quatro anos de circulação, em dezembro de 1862, a *Revista Popular* anunciou seu fim e informou que se transformaria em um periódico dedicado às famílias, o *Jornal das Famílias*, que circulou até 1878.

[...] certos de que as assinantes da Revista Popular continuarão a ser também as do Jornal das famílias brasileiras, lhes remittiremos mensalmente o novo jornal. As mães de famílias não devem recear que ele penetre em seu santuário. Haverá todo cuidado, como na Revista Popular, para a escolha dos artigos.<sup>63</sup>

Conforme expresso por Pinheiro (2004), é possível deduzir que Garnier, ao modificar a entonação e o público do seu periódico, buscou investir nas mulheres, afinal, não é sem razão ou motivo que muitos pesquisadores lembrem do tino comercial que o editor possuía.<sup>64</sup> Além disso, a mudança do enfoque de uma publicação eclética para uma dedicada às mulheres pode ser explicada pela baixa de assinaturas que a *Revista Popular* demonstrou a partir do seu 3º ano de circulação, conforme também aponta Pinheiro (2002). No tomo IX da revista foi possível observar uma advertência que passou a ser recorrente nos próximos tomos, que solicitava aos assinantes que regularizassem as assinaturas atrasadas:

**Figura 6** – Contra-capa Revista Popular – Cobrança de assinaturas



Fonte: Revista Popular, tomo IX, jan-mar de 1861. Acervo BN Digital.

<sup>62</sup> VENANCIO, Giselle Martins. Ler ciência no Brasil do século XIX: a *Revista Popular*, 1859-1862. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, nov., 2013, p. 1160.

<sup>63</sup> Revista Popular, tomo XVI, out-dez de 1862, p. 361. BN Digital.

<sup>64</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 10.

Soma-se a essa hipótese um importante texto publicado na seção “Chronica da Quinzena”, que circulou no tomo X, na data de 26 de abril de 1861, início do 3ª ano de circulação do periódico. Carlos, cuja autoria é atribuída no final da crônica, afirma que precisa fazer aos seus leitores uma importante solicitação, inicia seu pedido fazendo uma reclamação aos filantes dos jornais, que não deixariam prosperar nenhum melhoramento literário e explica:

Apezar dos inauditos esforços postos em practica pela redação, ainda não foi possível exterminar o inqualificável abuso de ser o número dos leitores da Revista equivalente o decuplo do dos seus assinantes. Não julgo procedente a razão de dar-se o mesmo facto com todas as publicações feitas no paiz; o vosso jornal ainda não pude estabelecer o indispensable equilíbrio entre a receita e a despeza, e é com summo dissabor que o seu editor, hábil financeiro e economista inteligente, ainda aguarda a ocasião de apresentar-vos balanço geral das operações, exonerado de um deficit sempre crescente.<sup>65</sup>

O autor das crônicas solicitou que os leitores e leitoras os ajudassem a engrossar as fileiras dos contribuintes dedicados, utilizando-se da linguagem persuasiva, indicou os benefícios da publicação para sustentar a revista. Confirma que os redatores e colaboradores disponibilizariam qualquer informação necessária que precisassem.

Respeitáveis e muito dignos Srs. Assignantes da Revista Popular. Sustentar o equilíbrio das finanças, a que deva o vosso jornal a sua estabilidade, e que fação a sua futura grandeza; manter a concórdia entre todos os leitores por meio de artigos instrutivos e recreadores, que harmonisem bem entendida liberdade da imprensa com a necessária cautela de ser respeitado o sacrario das familias; diffundir a instrucção e deleitar o povo; promover o desenvolvimento dos immensos recursos de que dispõe a nossa mocidade; tem sido o objecto dos constantes desvelos da redacção da Revista, e sel-o-hão, como até agora, também os vossos.<sup>66</sup>

Nesse contexto, em seu quinto ano de experiência na edição e comércio de impressos periódicos, Garnier mudou o foco do seu empreendimento, que destinado a um público amplo e eclético, agora se destinava aos interesses femininos e domésticos. Contudo, desde a *Revista Popular*, Garnier já deveria ter entendido que as mulheres eram um público importante, pois não deixou de direcionar seções e conteúdos direcionados a elas, questões que serão abordadas mais detidamente a seguir.

## **2.1 A educação das mulheres e a função social do feminino a partir da *Revista Popular***

---

<sup>65</sup> Revista Popular, tomo X, mar-jun de 1861, p. 186. Acervo BN Digital.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 186.

A inclusão das mulheres como público leitor não foi uma estratégia apenas da *Revista Popular*, uma vez que, como já abordado anteriormente, principalmente em meados dos oitocentos, no Brasil, jornais e revistas passaram a abrangê-las em seu grupo de leitores e também muitos periódicos femininos começaram a se proliferar.

Maria Helena Câmara Bastos (2002) evidencia que a partir da imprensa pode-se examinar os processos pedagógicos, a formação de discursos e enunciados que se propuseram a forjar as mulheres, cristalizando sentidos e práticas sociais. A autora sinaliza que a imprensa periódica, além de ser um produto de consumo, é sobretudo “um veículo de ideias e mensagens, um discurso que permite a formação de outros discursos, enunciados que ecoam e reverberam efeitos no dia-a-dia, na reconstrução cotidiana de laços sociais, na identidade de leitor/leitora.”<sup>67</sup>.

Tania de Luca (2012), explica que os periódicos ensinam, aconselham, propõem, indicam condutas, o que se deve fazer, o que se deve vestir, como agir ou se portar, do que gostar, o que é de bom ou mal tom em situações específicas. Dessa maneira, acabam por cumprir funções pedagógicas que podem influir no processo de constituição do indivíduo, na maneira como esse se autopercebe e se relaciona com o mundo a sua volta.<sup>68</sup> Por essa passagem da autora, chega-se à noção de representação.

Losandro Tedeschi (2012) aponta que quando o historiador se propõe a abordar e a analisar as representações sobre as mulheres, um possível caminho é a aproximação com a História Cultural, ao passo que ela possui um apreço pelos grupos sociais esquecidos pela história, como operários, camponeses, escravos, pessoas comuns, dentre esses, as mulheres.<sup>69</sup> Nesse sentido, as concepções teórico-metodológicas da História Cultural que contribuíram para a ampliação de fontes, temas e objetos, como pode ser visto no trabalho de Sandra Pesavento (2008), também colaboraram para a análise da vida cotidiana e privada e para fazer as mulheres aparecerem no espaço público.

Roger Chartier (1990) explica que a História Cultural tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Em seu livro, *A história Cultural entre Práticas e Representações*, ajuda a compreender a noção de representação no seio da história cultural:

---

<sup>67</sup> BASTOS, Maria Helena Câmara de. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n.2, p. 170.

<sup>68</sup> LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). Nova História das Mulheres. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 463.

<sup>69</sup> TEDESCHI, Losandro Antonio. As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica. EDUFGD, 2012, p. 21

Em suma, as representações sociais são determinadas pelos grupos. São percepções do social, discursos que produzem práticas e buscavam legitimar ou justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas, ou seja, as representações demandam práticas que resultam na construção de um mundo social e de uma identidade. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas), que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas.<sup>70</sup>

Em seu trabalho *A História ou a leitura do tempo*, Chartier (2010) explica que as representações, sejam elas individuais, coletivas, mentais, textuais e iconografias, não são como simples reflexos verdadeiros ou falso da realidade, mas como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social.<sup>71</sup> Por essas menções, compreende-se aqui que as representações são percepções do social, são discursos que produzem práticas, que guiam as escolhas, as condutas, as formas de agir, de pensar, dos indivíduos.<sup>72</sup>

De igual forma, conforme aponta Losandro Tedeschi (2015), como contribuição da História Cultural, a noção de representação possibilita, para os estudos históricos das mulheres e de gênero, pensar que homens e mulheres incorporam representações e constroem suas práticas dentro de uma lógica social. Então, a noção possibilita compreender os mecanismos de produção dos papéis sexuais e daquilo que é imposto como masculino e feminino, levando ao questionamento do como essas representações são construídas e impostas.<sup>73</sup>

Roger Chartier (2010) elucida que o objeto fundamental da História Cultural é analisar a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e como seus enunciados se situam, o que por sua vez leva a se considerar as tensões de dois lados, em que em um fica as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e no outro lado as restrições, que de maneira mais ou menos clara lhes confere o que é possível pensar, dizer e fazer para as práticas mais ordinárias do cotidiano.<sup>74</sup>

Compreende-se, nesse âmbito, a partir dos autores acima, que a imprensa é um produto cultural, que veicula representações também para o feminino, mas que a capacidade de leitura, que também é tão criadora quanto a capacidade de enunciar, permite gerar práticas que se localizam entre as capacidades inventivas, mas também entre restrições impostas pelas

---

<sup>70</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1990, p. 35.

<sup>71</sup> CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 07.

<sup>72</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

<sup>73</sup> TEDESCHI, Losandro Antonio. *Representações*. IN: TEDESCHI, Losandro Antonio; COLING, Ana Maria. *Dicionário Crítico de Gênero*. EDUFGD, 2015. p. 578.

<sup>74</sup> CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 49.

representações. Dessa forma, acredita-se que a imprensa também constrói representações para as mulheres, e a *Revista Popular* veiculou representações sobre as mulheres e sua educação.

Conforme analisou Maria Arisnete Morais (1996), Louis Baptiste Garnier e sua livraria possuíram importante participação para as práticas de leitura feminina, visto que os romances que publicavam tendiam a um público composto de mulheres.<sup>75</sup> Garnier, editor celebrado por sua astúcia comercial, atento ao seu público e seus gostos, possivelmente deve ter compreendido a relevância da mulher enquanto leitora e consumidora também de periódicos e, por isso, destinou algumas seções e temas também na *Revista Popular*. Assim, ficou afirmado na revista que nada seria vedado às mulheres, mas haveria seções que melhor serviriam ao público feminino:

Houve tempo, em que a mulher só cultivava o coração, hoje cultiva também o espírito. Não haverá pois na Revista parte alguma que por qualquer princípio vos seja vedada, formosas filhas de Eva; mas haverá uma privativamente vossa, pelo que ficareis melhor aquinhoadas. (Assinaí pois ou fazei assinar vossos pais ou maridos, que é o mesmo.) Os trabalhos de agulhas para as solteiras, a economia doméstica para as casadas, e as modas para todas – tudo isto é do vosso exclusivo domínio.<sup>76</sup>

Embora apresente que em toda a revista nada fosse vedado às mulheres, o editorial indicou seções ou temáticas que melhor lhes serviriam, como os trabalhos de agulha, as modas e a economia doméstica, que formariam “um cantinho”, um lugar separado para a sua leitura. Nesse sentido, Chartier (1990) faz uma importante consideração acerca dos condicionamentos da leitura:

(...) o leitor é sempre pensado pelo autor, comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar conjuntamente a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. Esta tensão fundamental pode ser trabalhada pelo historiador através de uma dupla pesquisa: identificar a diversidade das leituras antigas a partir de seus esparsos vestígios e reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia uma leitura forçada. Dessas estratégias, umas são explícitas, recorrendo ao discurso (nos prefácios, advertência, glosas e notas) e outras implícitas, fazendo do texto uma maquinaria, que necessariamente, deve impor uma justa compreensão.<sup>77</sup>

Nessa linha, a *Revista Popular*, logo em seu primeiro editorial, buscou condicionar uma leitura apropriada para as mulheres. A publicação não foi um periódico essencialmente

---

<sup>75</sup> MORAIS, Maria Arisnete C. de. Leituras femininas no século XIX (1850-1900). 1996. 184 f.. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, p. 44.

<sup>76</sup> *Revista Popular*, tomo I, jan-mar de 1859, p.03. Acervo BN Digital.

<sup>77</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1990, p. 123

feminino e, portanto, haveria seções que seriam mais apropriadas do que outras, de acordo com o que o periódico atribuía como assunto relativo ao feminino.

Nesse sentido, Maria Helena Câmara Bastos (2002), embasada em Anne-Marie Thiesse (1984), explica que os periódicos não são um conjunto uniforme, mas funcionam como um espaço sexualmente dividido, onde cada seção, dependendo de como se relaciona com a vida privada, é destinada à leitura feminina ou masculina.<sup>78</sup> A partir disso, compreende-se que a *Revista Popular* também se constituiu como um espaço dividido sexualmente, onde os temas estavam, de certa forma, divididos entre assuntos mais apropriados aos homens e outros às mulheres.

Conforme apontado por Alexandra Pinheiro (2007), as seções propostas às mulheres na *Revista Popular* foram as de Economia Doméstica, Higiene, Poesias e Narrativas e Contos. Contudo, na pesquisa realizada, com base nos procedimentos sugestionados por Tania de Luca (2010), analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida, ampliou-se esse escopo também para alguns textos das seções de “Instrução e Educação”, “Variedades”, “Gastrosophia”, “Fragmentos de um livro”, que fornecem indícios para pensar os pressupostos da educação feminina no periódico, o acesso à leitura pelas mulheres, bem como a localização de textos assinados com nomes femininos.

Foram identificadas ainda as seções “Chronica da Quinzena” e os anúncios “Casas Recomendáveis”, que proporcionaram relatos e indícios acerca das sociabilidades femininas do cenário em que circulou a revista, bem como a disseminação de valores e práticas para as mulheres. Essas seções ofereceram importantes pistas sobre as formas de consumo da moda feminina e como ela era disciplinada mediante as sugestões de uso. Já os textos “Brasileiras Célebres”, que compunham a seção de “Esboços Biográficos”, reuniram um conjunto de biografias e representações de mulheres que viveram no Brasil e que poderiam ser consideradas, guardadas suas particularidades, padrões e modelos para as leitoras.

A identificação dessas seções foi balizada pelas considerações de José Gondra e Alessandra Shueler (2008) que delinearam os pressupostos envolvidos na educação das mulheres da elite oitocentista, segmento social ao qual a revista se dirigia, pelo menos em primeira instância, que consistia na aprendizagem de saberes referentes à administração da vida familiar, bem como a aquisição de normas de condutas e hábitos de civilidade e sociabilidade

---

<sup>78</sup> BASTOS, Maria Helena Câmara de. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n.2, 2002, p. 184-185.

apropriados da cultura urbana e burguesa europeia.<sup>79</sup> Também foram tomadas as considerações de Michelle Perrot (2013) que, mesmo abordando a imprensa feminina francesa, explica que ela se constituía de conselhos de moda, receitas de cozinha, narrativas de viagens, gravuras e biografias de mulheres ilustres.<sup>80</sup>

### 2.1.1 A Educação e o papel social da mãe

Ao analisar os textos que abordaram a educação das mulheres na *Revista Popular*, observou-se que eles evidenciaram também o desempenho da maternidade. Além da seção de “Instrução e Educação”, serão abordados os demais textos que forneceram indícios sobre como a educação/instrução feminina foi vislumbrada pela publicação e seus colaboradores.

No primeiro tomo, a temática da educação feminina foi abordada em um texto de autoria de J. C. Fernandes Pinheiro, que colaborou assiduamente em outras seções da publicação.<sup>81</sup> De acordo com Carlos Augusto de Melo (2007), Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro foi um carioca que iniciou seus estudos no Seminário Episcopal de São José, foi professor de Teologia, Retórica, Poética, História Universal no mesmo seminário. Doutor em teologia pela Universidade de Roma, exerceu cargos no Instituto dos Meninos Cegos, foi professor no Colégio Pedro II, tendo participado ainda do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Sociedade Amante da Instrução do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico da França, dentre outras.<sup>82</sup>

Pinheiro propôs-se a pensar sobre a educação das mulheres, um interesse que julgava ser de todos os leitores do periódico. Talvez, como em seu editorial a *Revista Popular* já havia destinado um “cantinho” para a instrução e recreio das leitoras, seria interessante esboçar como a publicação ou um de seus colaboradores enxergavam a questão, a fim de evitar qualquer mal-entendido a uma temática ainda sensível para o momento.<sup>83</sup> Fernandes Pinheiro incentiva a educação para as mulheres, pois assim desempenhariam de melhor maneira a educação de seus filhos, considerados o futuro da sociedade:

---

<sup>79</sup> GONDRA, José Gonçalves. SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Educação, poder e sociedade no Império brasileiro. São Paulo: Cortez, 2008, p. 210

<sup>80</sup> PERROT, Michelle. Minha História das mulheres. Tradução Angela M.S. Córrea. 2ª ed.: São Paulo, 2013, p. 33.

<sup>81</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar, p. 330 -333. Acervo BN Digital.

<sup>82</sup> MELO, Carlos Augusto de. As histórias literárias do conego Fernandes Pinheiro e o cânone literário brasileiro. Terra Roxa – Revista de Estudos Literários. v. 9, 2007, p. 62.

<sup>83</sup> O texto referido se encontra na Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p. 330-333.

Nas modernas sociedades, diz Lemernier, nos dão nossas mãis os primeiros sentimentos e as primeiras ideias; é a mãe quem reconhece o caráter e o gênio de seus filhos, aplaude sua vocação, sustenta-a contra o descontentamento paterno, consola-o, fortifica-o, e entrega-o à sociedade.<sup>84</sup>

O autor, a propósito das resistências quanto à educação da “metade do gênero humano”, questiona se é indiscutível a influência que a mãe exerce sobre o futuro de seu filho, então por que não prepará-la adequadamente para a sua “sublime missão”? Critica, nesse sentido, a educação que era dispensada às mulheres, onde seriam educadas para a “arte de agradar pelos dotes físicos”, para a paixão pelo luxo, para o capricho, chegando sem preparo à idade de constituição de família.<sup>85</sup>

O texto sustenta a ideia de que a “sciencia da educação” pertence mais a mulher, pois elas seriam as responsáveis pela formação dos corações, pela moralização da infância, pelas suas características afetuosas. Teria o amor da esposa e da mãe o poder de corrigir pelo amor. Para o autor, a abnegação da mulher, sua dedicação ao lar e aos filhos teria o poder de constringer e influenciar atitudes de correção não somente nos filhos, mas também no esposo:

Treme o menino diante do pai, e continua a ser travesso; nega-lhe um sorriso a mãe, e ele corrige-se. Volta o libertino da caça de jogo, onde perdera o último real, encontra a jovem esposa curvada sobre o trabalho, para que a´ mingua não pereção os filhos; envergonha-se, e corrige-se.<sup>86</sup>

O autor faz uma ressalva correntemente em seu texto, afirma que a educação e ampliação dos conhecimentos direcionados às mulheres só tem um intuito, o desempenho das suas funções educadoras de mãe e não a emancipação feminina:

Não somos utopista; não sonhamos a emancipação da mulher no sentido, que desejão alguns escriptores modernos. O teatro do sexo feminino é a família, é o lar doméstico o campo de suas operações. Sempre nos parecerão aberrações a mulher guerreira, politica, agiota, &c.; mas quiséramos que se ampliasse a esfera dos seus conhecimentos, para que ella podesse bem desempenhar a tarefa de educadora da mocidade.<sup>87</sup>

As mulheres, para o autor, seriam ideais para atuarem frente à instrução primária, uma vez que nesse momento, as crianças de ambos os sexos ainda seriam neutras e, portanto, nada as prejudicaria em seus bons costumes. Seria esse modelo, de acordo com o texto, uma prática já adotada em diversos países europeus como a França, a Inglaterra e a Alemanha. No texto, uma das justificativas de ser a mãe ideal pessoa para tal missão, se encontra no pretexto de que

---

<sup>84</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p. 330-331. Acervo BN Digital.

<sup>85</sup> Ibidem, p. 331.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 331.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 331.

por mais que os pais tentassem se dedicar ao lar, seus deveres sociais e suas ausências não o permitiriam educar as crianças melhor que as mulheres, pois esse deveria ser um trabalho contínuo, não sendo suficiente a atividade paterna. Educadas pela mãe, estariam as crianças mais preparadas para a ilustração dos colégios, mas ressalta o texto que o ensino de ambas as partes seria necessário. Indica o autor todo o cuidado com a escolha dos colégios que devem ser baseados em uma moral “escrupulosamente guardada”, pois, por vezes, a quantidade de alunos não permitiria a observância da moralidade de cada um.

A educação das crianças deveria ainda estar calcada no ensino religioso, que não fosse realizado mecanicamente, como gravar catecismos e recitar preces, mas por meio dos exemplos dos livros santos, da meditação, na leitura dos evangelhos, que quando proferido por uma mãe e por ela comentado, fica gravado no coração do menino afastando-o das imperfeições, aproximando das virtudes.

Em todo o escrito do autor, percebe-se que ele faz uma separação do que seria ilustração e educação. Ele compreende por educação os elementos relacionados à moralidade, o processo poderia ser realizado em casa com as mães e a ilustração se relacionaria mais aos saberes científicos que poderiam ser aprendidos na escola. Sendo assim, todo cuidado deveria ser tomado quanto à ilustração das mulheres.

Em outro texto de autoria de J.B. Calógeras<sup>88</sup>, são abordadas as falhas dos pais na criação dos filhos, e no mesmo tom do texto anterior, destacou o papel das mães, acreditando que essas acabavam por vezes formando os meninos com vaidades, não se atentando para uma educação sem vícios:

Mães extremosas! Não são estas por certo vossas intenções; mas taes são infelizmente os resultados do vosso amor irreflectido. Estes deveres não espreaeis que outros do que vós os possuão. Dignamente preencher. Lembrai-vos que viveis para os filhos e não os filhos para vós; sabeí sacrificar uma satisfação efêmera ao futuro das vossas criaturas; renunciái a todas estas aparências fúteis e perniciosas e cuidai da alma. Tenha o menino por toda parte exemplos de fé em Deos, amor ao próximo, humildade, respeito aos anciãos, discrição nos actos e nas palavras; acostumai-o ás privações, à moderação, à singelsa. Conservai por todos os meios a sua santa inocência. Sem estes princípios que só na educação domestica o menino póde adquirir, tornão-se inúteis os esforços dos insttuidores.<sup>89</sup>

No trecho acima, o autor incentivou que as mães se dedicassem exclusivamente a educação dos filhos, que deveria ser baseada na fé católica, na caridade e humildade. Calógeras lamenta que por vezes a educação do colégio fosse realizada sem simultaneidade com a

---

<sup>88</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p. 95 - 99. Acervo BN Digital.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 96.

educação doméstica e afirmou que os melhores resultados são obtidos por aqueles que fazem da educação escolar e da educação doméstica duas aliadas. Em resumo, as mães deveriam ser as principais agentes na educação de seus filhos, e tratar desse assunto com muito zelo, pois delas dependia o futuro deles.

Luis de Castro, outro importante colaborador da revista, trouxe no tomo II na seção de “Variedades” outro texto denominado de *A mulher*, onde discutiu como deveria ser educação feminina.<sup>90</sup> No texto, o autor advogou que a cada “metade do gênero humano”, uma missão especial foi dada, ambas complementar-se-iam, contribuindo para a moralidade. Dessa maneira, ao homem caberia o trabalho, por sua força física e espírito empreendedor e à mulher estaria reservado o “santuário doméstico” e os “brandos trabalhos da família”, atividades ajustadas às suas características meigas, tímidas e compassivas. O autor continua: “São estes os fins, a que ambos devem tender, auxiliando-se mutuamente; quem d’elles se desviar, aberrará da sua própria natureza, nem a mulher varonil é menos um monstro, do que é um aborto o homem affeminado.”<sup>91</sup>

Para o autor, investindo na educação dos filhos, estariam as mulheres contribuindo para o “governo do mundo”, como se o seu trabalho no lar, garantisse o melhor funcionamento das instâncias do mundo público:

A mulher ve-se excluída do governo, mas do fundo do seu toucador dirige ella os ministros, faz-se obedecer dos representantes da nação, nomeia e escolhe os mais altos funcionários. Não comparece pessoalmente nos exércitos, mas comanda os generaes, retarda ou precipita um movimento, e decide a sorte da guerra. Não empunha a vara do juiz, mas não lhe faltão caminhos seguros, por onde penetrar no sanctuario da justiça, e dictar as sentenças. O financeiro duro e avaro, so atento ao brilho do ouro, vae depor a sua fortuna ao pes da mulher, que se digna despoja-lo.<sup>92</sup>

O excerto acima constrói o argumento de que se a mulher possui o “poder” de influenciar, por meio da educação das crianças o futuro da nação, seria imprescindível que ela fosse educada com os pressupostos ideais à sua condição e, por isso, recorrentemente salienta “a mulher é a casa”, “Se tal é a influencia da mulher, já se ve quanto é mister pôr na sua educação. Sim, educae, paes, educae as vossas filhas, mas – a mulher é a casa- não o esqueçaes nunca”<sup>93</sup>.

Segundo o texto, à educação da mulher conviria ainda a correção dos vícios da vaidade, que faria com que elas se mostrassem sensíveis aos adornos, aos enfeites, ao apego da beleza.

---

<sup>90</sup> O texto referido se encontra na Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p. 298 – 311.

<sup>91</sup> Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p. 299. Acervo BN Digital.

<sup>92</sup> Ibidem, p. 304.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 304.

Assim, deveriam ser ensinadas a se vestir com simplicidade e bom gosto, evitando a beleza para além do extraordinário.

Para esse autor, a educação para as meninas realizadas em colégios seria aceitável em casos de extrema necessidade, pois uma educação brilhante não deveria ser o objetivo para as meninas, somente a educação moral, baseada nos princípios da religião, da razão e da virtude. Incentiva o gosto pela costura, que no primeiro momento aparece no hábito de coser para as bonecas, mas logo seria aproveitado para a aplicação no lar:

Ensinae mães, ensinae a vossas filhas todos os trabalhos de mão próprios do seu sexo; ensinae-as a cortar, a fazer os seus próprios vestidos, ensinae-as a governar uma casa a tomar sobre si todo o pezo da administração interna; ensinae-as até a engomar e a cozinhar, embora não tenham, de o practicar, do que alias nenhuma stá segura; ninguém sabe mandar bem n'aquilo, que ignora com se faz, e uma boa dona de casa em nenhum dos misteres da mesma deve ser hosedada. Ensinae-lhes também artes agradáveis: ensinae-lhes o dezenho, que lhes aperfeiçoará o gosto, que lhes fornecrá riscos, para os seus bordados; ensinae-lhes a musica, a dansa, o canto, talentos sempre recreativos, e ás vezes uteis. Podem eles, prendendo o marido á casa, oferecer-lhe n'ella o encanto, que ele alias iria buscar fora, talvez com risco do bem estar e da paz da família.<sup>94</sup>

Sobre a instrução nos âmbitos fora do lar, o texto expressou que as mulheres não precisavam ficar sempre na ignorância, não se limitando aos aspectos domésticos, pois com as mesmas faculdades seriam capazes de aprender as coisas próprias do seu sexo. Seria a instrução um “veneno salutar” que deveria ser dosado convenientemente para não correr o risco de ser mortal, desviando-as de sua verdadeira missão. As mulheres poderiam aprender um pouco de história e um pouco de filosofia, que lhes inspirassem a resignação e o sofrimento, mas que não incentivasse a busca por muitos livros, recorrendo de preferência às conversas. Explica que é interessante os ensinamentos em forma de história, para que elas mesmas entendam suas aplicações: “Mostrae-lhes, sob a fôrma agradável e indirecta d'um conto, como uma donzela, dotada dos mais nobres sentimentos, e dos mais rígidos princípios”<sup>95</sup>. Além de coibir a atividade de leitura em excesso, também não enxergou bem as atividades da escrita, indagando qual marido que gostaria de ver a mulher atenta a escrever, deixando de lado o governo da casa e dos filhos? Dessa maneira, “entregando-se à mania de escrever”, deixariam de lado a felicidade de seus maridos, criar e educar os seus filhos.<sup>96</sup>

Os textos referentes à educação feminina na *Revista Popular* não assumem uma tônica dissonante em sua época. Foi observado que os autores defenderam uma melhor educação para

---

<sup>94</sup> Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p. 307. Acervo BN Digital

<sup>95</sup> Ibidem, p. 308.

<sup>96</sup> Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p. 310. Acervo BN Digital.

as mulheres, até mesmo a formação primária, mas com o objetivo da melhor administração do lar, melhor cuidado da prole e do marido. Fica claro que não incentivavam a educação para a emancipação nem esperavam que as mulheres se tornassem literatas graças à aquisição da alfabetização.

Pode-se considerar que a *Revista Popular* propagou algumas características que foram apresentadas como naturais às mulheres durante o século XIX, sempre relacionadas ao mundo privado, à família e à maternidade. Essa ideia foi reforçada em meados do século XIX, onde as diferenças biológicas propuseram espaços diferentes para homens e mulheres, sobre isso, a historiadora Margareth Rago (1985) elucida que nesse período, foi principalmente recorrendo ao problema do aleitamento materno natural e condenando o uso de amas de leite que se deu a valorização do papel da mulher como guardiã do lar.<sup>97</sup> Elisabeth Badinter (1985) explica que, desde o início do século XVIII, houve certa valorização da maternidade, pois alguns médicos recomendavam que as próprias mães amamentassem seus bebês, o que não era um costume anteriormente. Nesse sentido, a autora explica que o “mito do amor materno” e a definição da nova mulher dos oitocentos tem origem, principalmente na obra do iluminista francês Jean-Jacques Rousseau.<sup>98</sup> De acordo com Margareth Rago (1985), o pensamento do filósofo francês ressoou também aqui no Brasil, onde suas concepções pedagógicas foram assimiladas por médicos e sanitaristas.

Margareth Rago (1985) explica que na obra *Émile*, Rousseau evidencia a representação burguesa da mulher e descreve Sofia, esposa de Émile, como frágil, submissa, passiva e complemento do masculino.<sup>99</sup> Na concepção de Rousseau, enfatizada por Elisabeth Badinter (1985), a educação das mulheres, enquanto futuras esposas e mães, deveria estar voltada para o lar e para a formação de uma boa mãe:

Do cuidado das mulheres depende a primeira educação dos homens; das mulheres ainda dependem seus costumes... Assim, educar os homens quando são jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los... eis os deveres das mulheres em todos os tempos.<sup>100</sup>

---

<sup>97</sup> RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 75.

<sup>98</sup> BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 180.

<sup>99</sup> RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 81.

<sup>100</sup> Rosseau, Émile, livro V, p. 703 *apud* BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 180.

Continuando sobre a submissão feminina, de acordo com Rousseau, citado por Mareli Graupe (2015):

Para que elas tenham o necessário, para que elas estejam em seu estado, é preciso que lho demos, que nós as estimemos dignas disso; elas dependem de nossos sentimentos, do valor que damos a seu mérito, do caso que fazemos de seus encantos e de suas virtudes. Pela própria lei da natureza, as mulheres tanto por elas como por seus filhos, estão à mercê do julgamento dos homens; não basta que sejam belas, é preciso que agradem; não basta que sejam bem comportadas, é preciso que sejam reconhecidas como tal, sua honra não está apenas na sua conduta, está na sua reputação, e não é possível que a que consente em passar por infame seja um dia honesta. O homem, agindo bem, não depende senão de si e pode desafiar o juízo público; mas a mulher, agindo bem, só cumpre metade da sua tarefa, e o que pensam dela lhe importa tanto quanto o que é efetivamente.<sup>101</sup>

Para Mareli Eliane Graupe (2015), Rousseau defendia a ideia de que homens e mulheres deveriam ser educados de forma diferente, sendo as mulheres preparadas para a sua função de boa mãe e mulher submissa, ela deveria ser a rainha do lar, teria direito a educação para cumprir adequadamente as suas obrigações, referente a sua posição de esposa agradável e de uma mãe carinhosa. Divulgou a ideia da feminilidade natural da mulher, que ela deveria ser doce, tranquila, responsável pelas atividades domésticas e familiares e pela educação de seus filhos, que perdurou na sociedade ocidental.<sup>102</sup>

Elisabeth Badinter (1985) afirma que a tarefa que Rousseau designava às mulheres precisou de algumas décadas para se consolidar, principalmente por meio de sermões, requisitórios, dentre outros mecanismos que deveriam contribuir para que as mulheres cumprissem o seu papel de mãe.<sup>103</sup> A autora argumenta que seria um erro acreditar que os escritos do filósofo, dos moralistas e médicos do final do XVIII influenciaram tão rapidamente os costumes, foi necessário que o papel da mãe fosse reforçado durante todo o século XIX para se concretizar no XX. Durante esse período, a maternidade passou dos 9 meses, ou do período em que a criança estava fisicamente fora de perigo, mas que sua tarefa deveria assegurar toda a educação dos filhos, inclusive a sua formação intelectual. As mulheres deveriam formar o bom cidadão, o bom cristão.<sup>104</sup>

Sobre a educação das crianças durante o século XIX, Badinter (1985) ainda elucida que foi da mãe o papel dessa atribuição, para ela o amor materno não se resumia apenas a

---

<sup>101</sup> ROUSSEAU, 1992, p. 432 *apud* GRAUPE, Mareli Eliane. Rousseau Jean Jacques. In: TEDESCHI, Losandro Antonio; COLING, Ana Maria. Dicionário Crítico de Gênero. EDUFGD, 2015. p. 587-588.

<sup>102</sup> GRAUPE, Mareli Eliane. Rousseau, Jean Jacques. In: TEDESCHI, Losandro Antonio; COLING, Ana Maria. Dicionário Crítico de Gênero. EDUFGD, 2015. p. 588.

<sup>103</sup> BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 180.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 236

amamentação ou às necessidades do recém-nascido, mas sobretudo em educar as crianças. A educação a qual a autora aborda tem sentido ainda mais amplo que a instrução, seria a transmissão dos valores morais. E educar as crianças não era tarefa simples, era preciso que a mãe se dedicasse exclusivamente a essa tarefa. O título de educadora era feminino, o instinto materno que guiaria as mulheres nessa atribuição, a mãe se tornara a mentora por excelência.<sup>105</sup>

Para Dagmar Meyer e Maria Schwengber (2015), no Brasil, a maternização das mulheres seguiu os pressupostos que percorreram o mundo ocidental no final do século XVIII, atentando-se para os diversos âmbitos da vida social, indo para as ideias científicas, políticas e para o mercado de trabalho. Era necessário educar as mães e essa ação vinha carregada de uma certa tensão, pois contradiziam a ideia de uma natureza e instinto maternal.<sup>106</sup>

Karoline Carula (2013) explica que, por meio da busca por uma cultura burguesa e moderna no século XIX, o espaço privado do lar passou por rearranjos que modificaram as experiências nesse espaço. A ideia de modernização e civilização da nação passava pelo âmbito da família que atribuiu às mulheres o papel preponderante de “rainhas do lar”, gestora da casa, cuidadora dos filhos e do esposo. O reforço do papel de mãe, como a principal função da mulher na sociedade, objetivava que ela deveria zelar pela sua prole, atentando-se para sua saúde física, mas também moral, pois essa atribuição extrapolava o âmbito do espaço público, já que as crianças seriam o futuro da nação.<sup>107</sup>

Nesse sentido, o interesse em educar as mulheres cingiu-se da explicação que seria para que elas desempenhassem adequadamente as competências que lhes eram esperadas. Assim, passa-se a valorizar uma educação feminina, composta pelos saberes científicos que fossem necessários aos seus papéis de mãe e esposa.<sup>108</sup> Karoline Carula (2013) aborda então, o papel da imprensa para essa empreitada:

Nesse sentido, a imprensa, como integrante da sociedade civil, comprometida com projetos modernizadores da nação, se empenhou em educar a mulher brasileira, a fim de que esta se modelasse nos parâmetros burgueses. Além de promover a educação por meio de seus artigos informativos, as publicações também discutiam a importância da mesma para a sociedade e progresso da nação. Jornais e revistas, tanto

---

<sup>105</sup> BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 255.

<sup>106</sup> MEYER, Dagmar Estermann; SCHWENGBER, Maria Simoni. Maternidade. In: Losandro Antonio; COLING, Ana Maria. Dicionário Crítico de Gênero. EDUFGD, 2015. p. 442 – 443.

<sup>107</sup> CARULA, Karoline. A educação feminina em A Mãe de Família. In: CARULA, Karoline; ENGEL, M.G.; CORRÊA; M.L. (Orgs.). Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p.86

<sup>108</sup> Ibidem, p. 87.

direcionados às mulheres quanto os voltados a um público amplo, dedicaram-se à tal causa civilizadora e modernizadora.<sup>109</sup>

Embora muitos periódicos se propuserem à “instrução e educação”, de acordo com Mônica Jinzenji (2008), principalmente quando se tratavam de periódicos direcionados às mulheres, o uso do termo nem sempre coincidia com as definições encontradas nos dicionários da época. Apesar de “educação” e “instrução” sempre aparecerem relacionadas, sem diferenciação, os discursos que alegavam a “instrução” se relacionavam mais ao sentido de “educação” como conotação do cultivo de virtudes e qualidades morais.<sup>110</sup>

Nessa perspectiva, sobre os sentidos de “instrução” e “educação”, Pinto (2013), apoiada em Silva (2011), afirma que embora esses conceitos guardem carga semântica distinta ao longo do processo histórico da constituição educacional brasileira, no primeiro caso é habitualmente atribuído aos itens elementares do processo institucional de aquisição de conhecimentos, como ler, escrever e contar e o segundo caso mais voltado às práticas sociais que deveriam ser ensinadas na família, em primeira instância.<sup>111</sup>

Sobre essas considerações, pondera-se que os textos da *Revista Popular* direcionados à educação das mulheres, embora se relacionassem mais ao sentido de educação como cultivo de boas qualidades, moralidades e virtudes, não dispensaram a instrução, quando esses saberes pudessem oferecer um melhor desempenho das suas atividades como mãe e esposa, chegando a defender, que a instrução das crianças, em nível primário, fosse feita pelas mulheres, pois pelas características maternas, desempenhariam melhor esta função. Esse posicionamento também se evidencia no texto de Luís de Castro, quando ele afirmou que a educação para uma ilustração impecável para as mulheres, onde fossem incentivadas a serem literatas, deveria ser evitada. Nos textos sobre educação na revista, observa-se que todos os seus autores foram homens, o tom dos escritos parece estar também direcionado aos pais e aos esposos, como se apresentassem os motivos pelas quais as suas filhas e esposas deveriam ser educadas e como essa tarefa deveria ser realizada.

## **2.2 Mulheres leitoras e escritoras na *Revista Popular***

---

<sup>109</sup> CARULA, Karoline. A educação feminina em A Mãe de Família. In: CARULA, Karoline; ENGEL, M.G.; CORRÊA; M.L. (Orgs.). Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p.87.

<sup>110</sup> JINZENJI, Monica Yumi. Cultura Imprensa e Educação da Mulher Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832). 249 f. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - UFMG, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, Minas Gerais, p. 22-23.

<sup>111</sup> PINTO, Adriana Aparecida. Nas páginas da imprensa: a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910. 2013. 349 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, p. 21.

Ao longo dos tomos da publicação, poucos textos foram escritos por mulheres, embora existissem aqueles que foram direcionados à elas ou sua educação, mas escritos por homens. Entre os textos assinados por nomes femininos, um foi publicado na seção de “Variedades”, no primeiro tomo da revista e foi nomeado “Cartas escriptas de Botafogo”<sup>112</sup>, assinado pelo nome Carlota. O texto abordou diversos assuntos que diz a autora compartilhar com seus primos, sendo um deles Frederico.

No primeiro texto, a autora aborda uma série de medidas pelas quais trabalharia se pudesse adentrar o mundo da política, sendo uma delas o casamento civil entre pessoas de religiões diferentes. Outra medida que tomaria se pudesse adentrar a política seria o fim da escravidão, a autora se mostrou bastante insatisfeita com essa questão quando refletiu sobre a punição de um escravo, que em sua concepção era inocente, mas fora condenado por um assassinato. Também escreveu que incrementaria a vida social do Rio de Janeiro, com bailes e com a criação de um teatro.

Abordou diversas reuniões familiares em que seus primos estudantes conversavam sobre diversos assuntos, direcionando a ela “pequenas migalhas”, contudo explicou que não lhe interessavam alguns temas, à medida que não gostaria de ser uma literata como as que existiam, consideradas rabugentas e impertinentes, que seriam “a vergonha do nosso sexo, o desespero dos maridos, o flagelo da vida doméstica.”<sup>113</sup>. Nesse sentido, quando a autora se propôs a comentar algumas obras, afirma que fez a leitura juntamente com Frederico, e que seu entusiasmo pelas ciências era ingênuo diante de sua pouca inteligência, mas nem por isso deixar-se-ia limitar, pois buscava satisfazer “as aspirações inquietas do meu coração ambicioso e oprimido”<sup>114</sup>. Sobre sua condição, a autora continua:

Por que não me havia eu de poder consagrar ao culto da sciencia, apesar do meu sexo! [...] Com que direito, caro redactor, se reservarão os homens o previlégio exclusivo dos estudos superiores, como monopolisárão tantas outras vantagens, em que nos negão o nosso quinhão? Consolemo-nos porém, pobres mulheres, que somos, já que nos deixarão, sem no-lo disputarem, o sacerdócio do amor. Aproveitemol-o pois!!... Demais, pela parte que me toca, não faço reclamações; uma pouca de felicidade repartida com Frederico me basta; uma choupana e seu coração!<sup>115</sup>

Durante o seu texto, fica evidente que Carlota nutria o gosto pela leitura, pelas artes e pela ciência, mas faz questão de explicar que fazia isso na companhia de um homem, como se

---

<sup>112</sup> Textos encontrados na Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, com recorrência nas páginas 176 a 184 e depois 243 a 249.

<sup>113</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p. 183. Acervo BN Digital.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 244.

<sup>115</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p. 244-245. Acervo BN Digital.

ele indicasse uma tutela enquanto lia. Lamentou que seu sexo não podia se dedicar às ciências e ao mesmo tempo evitou se relacionar ao estereótipo das literatas, consideradas pouco afeitas às atividades domésticas, más esposas e mães.<sup>116</sup> Nas palavras de Carlos Costa (2007), pela imprensa, antes mesmo do final do século XIX, algumas mulheres já adiantavam pautas emancipatórias, ainda que não tenha havido um movimento feminista, com o mesmo alcance do movimento abolicionista. Só por meio da imprensa o autor citou a atuação de mulheres como Nísia Floresta, Narcisa Amália, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, Joanna Paula Manso de Noronha, Júlia Lopes de Almeida, Presciliana Duarte de Almeida e, depois, Virgilina Salles Pinto.<sup>117</sup>

Outro texto com autoria feminina foi publicado na seção “Economia Doméstica”, consistia em uma carta enviada para a redação por Albertina. Como já mencionado na primeira carta dos redatores, foi prometida uma seção de Economia Doméstica que demorou 7 tomos para aparecer. Justamente no tomo VII foi publicada a carta de Albertina<sup>118</sup>, que cobrou da revista mais matérias desse cunho:

É pretensamente a Revista Popular entre todos os jornaes, que se publicação no império, o único que merece ser lido pelas senhoras brasileiras, e com quanto vos tenhaes esmerado para tornal-a de dia em dia mais interessante, digno órgão de uma população de trezentas mil almas e representante intelectual da grande capital da America do Sul, resta-vos ainda consagrar algumas páginas do vosso jornal aos conhecimentos uteis e necessários ás senhoras brasileiras.<sup>119</sup>

Para a autora, muitos livros de economia doméstica foram publicados na Europa e sinalizou que teve acesso a alguns deles em língua estrangeira. Contudo, lamentou que tais saberes não fossem tão divulgados no país, pois acreditava que poderiam auxiliar as donas de casa. Reclamou dos serviços feitos por escravos, que segundo ela, seriam “mal amestrados, estúpidos, e saudosos dos seus bárbaros costumes”<sup>120</sup>. Explicou que o número de criados bons era reduzido, por isso era necessário que as mulheres ganhassem melhores conselhos sobre a economia doméstica.

---

<sup>116</sup> A partir do tomo X sob assinatura de D. Ignez d’Horta, os textos intitulados “Gastrosophia” lançaram suspeitas sobre a autoria de uma mulher dos textos “Cartas escriptas de Botafogo”. Revista Popular, tomo X, abr-jun de 1861, p. 223 Acervo BN Digital.

<sup>117</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. A revista no Brasil, o século XIX. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 132-133.

<sup>118</sup> Revista Popular, tomo VII, jul-set de 1860, p. 243-246. Acervo BN Digital.

<sup>119</sup> Ibidem, p. 243.

<sup>120</sup> Ibidem, p. 243.

No tomo X, na seção de “Variedades” sob o título “Gastrosophia”<sup>121</sup>, um texto assinado por Ignez d’Horta criticou a falta de escritoras na *Revista Popular*, já que em sua compreensão havia passado o tempo em que as mulheres aprendiam a ler apenas para “fazer rol da roupa suja, que entregava á lavadeira”<sup>122</sup>. Salientou que a educação feminina abrangia todos os conhecimentos humanos, as ciências, as artes liberais e as principais línguas vivas, podendo as mulheres conversarem sobre todos os assuntos. Continua a sua crítica à revista:

Assim armada de todos os dotes do espirito marcha a melhor metade do genero humano a passos de gigante para a sua completa emancipação. Desceu de há muito á arena da imprensa, e não há ramo de literatura em ella não tenha digníssimas representantes. Só a Revista Popular não conta na sua numerosa redacção uma única literata!<sup>123</sup>

Ignez solicitou que seu nome fosse colocado entre os colaboradores da revista, petição atendida apenas no 13º tomo. Depois, a autora fez uma segunda solicitação, para ela foi uma falta de cortesia apenas por seu nome no final de seu texto como “Ignez Horta” e não “D. Ignez Horta”: “Não ficava mais bonito pôr D. Ignez do que simplesmente Ignez, como se tratasse d’alguma lavadeira?”<sup>124</sup>. Para a autora, esse pedido não foi uma presunção, nem um favor, pois ela viria de uma família nobre e histórica e que seu pedido era uma forma de ser respeitada enquanto mulher em um mundo onde deveria estar constantemente reivindicando seus direitos. O assunto que abordou na revista “gastrosophia”, de acordo com a autora, constituía-se de uma ciência sobre a alimentação, totalmente conveniente ao sexo feminino. Explicou uma série de benefícios à saúde, à beleza e que, portanto, seria uma ciência muito importante.

Nota-se que Ignez teceu uma importante crítica à revista que, de fato, concedeu pouco espaço para os escritos de mulheres. Em sua fala, fica claro que acreditava que a educação feminina deveria ultrapassar a conveniência das atividades maternas e domésticas, podendo abranger os diversos conhecimentos humanos, como as ciências e as artes. Contudo, ainda argumentou que a “gastrosophia” seria uma ciência apropriada às mulheres, pois proporcionaria a saúde e a beleza por meio da boa alimentação.

Um conjunto de textos publicados sob o título “Fragmentos de um livro” na seção de “Variedades” também foi assinado por um nome feminino, Maria Amália. Contudo, essa informação foi questionada por Andréa Correa Paraiso Müller (2015) em seu artigo *A leitura feminina sob tutela na imprensa oitocentista*, que acredita que os textos foram escritos pelo

---

<sup>121</sup> Textos referentes aos tomos X, p. 223, 281; XI, p. 33, 75, 141, 200, 338; XII, p. 67, 216.

<sup>122</sup> *Revista Popular*, tomo X, abr-jun de 1861, p. 223. Acervo BN Digital.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 223.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 288.

crítico Nunes Alvares Pereira e Sousa, um colaborador da revista. Sua suspeita se explica, pois em sua primeira aparição, o texto veio precedido de uma introdução de Nunes Alvares, que afirmou que estava revelando algumas cartas de uma moça que fora sua amiga e se dedicou ao estudo e a meditação e assim, logo em seguida iniciou os escritos de Maria Amália.<sup>125</sup>

Circularam pela primeira vez no tomo XII de 1861, voltando a aparecer nos tomos XVIII, XIV e três vezes no XVI.<sup>126</sup> Os textos, sobretudo, abordaram os sentimentos da moça, suas impressões sobre o seu sexo, os livros que lia e como poderiam ser instrutivos para as mulheres, suas amizades e suas passagens por alguns bailes. Já no primeiro texto demonstrou a intenção de ter um livro para registrar algumas impressões tristes e alegres de sua vida. Lamentou-se afirmando que o coração de uma mulher é muito sensitivo e que o mundo nunca iria compreender a sua natureza e delicadeza. Contou ainda que voltou triste de um baile onde haveria dançado com rapazes que nada faziam além de elogiar a sua beleza. Observou que esses elogios deveriam ser assuntos comuns em um baile, porém lamentou que os rapazes entretinham as moças com futilidades e com moda.

No texto que compôs o tomo XVIII, Maria Amália escreveu emocionada, pois teria acabado de ler “os mais belos episódios da vida” do seu poeta favorito, tratava-se da obra *Confidência* do poeta francês Lamartine. Demonstra ter lido uma outra obra do autor *Graziela* e coloca suas impressões sobre ela:

Eu nunca amei, nunca meus lábios murmurarão d’essas phrases ardentes, que lhes arranca do coração, um olhar queixoso e melancolico; entretanto se amasse, se um dia dêsse os affectos de minha alma a um homen, eu quizera amar como tu, oh Grasiella! Prender-me d’essa vida que é tão doce; boiar á tona desse lago de infintas emoções e como o cysne.<sup>127</sup>

Arriscou ainda em seus textos, escrever poemas, como um em homenagem a Casimiro de Abreu que acabava de falecer. Afirmou ter escrito há poucos meses juntamente ao seu túmulo:

Casimiro de Abreu  
Dorme em paz sohador! A primavera  
Te Junque a campa de viçosas flores;  
É um tributo que merece o bardo,  
Pois foi ella na terra os seus amores!

Dorme em paz sohador! De paro orvalho

---

<sup>125</sup> MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. A leitura feminina sob tutela na imprensa oitocentista. Recorte (UninCor), v. 1, 2015, p. 05.

<sup>126</sup> Os textos estão localizados nos tomos XIII, p. 21; XIV, p. 213; XVI, p. 22, 96, 178; XII, p. 271.

<sup>127</sup> Revista Popular, tomo XIII, jan-mar de 1862, p. 22. Acervo BN Digital.

A tua campã cubrã os arvoredos,  
E a brisa que sussurra entre os palmares,  
E os seus perfumes te digã mil segredos!

E... perdã se perturbo o teu repouso!  
E recebe um beijo meu de despedida;  
A um poeta, a um sonhador de amores,  
Tãbã beijou a rainha Margarida!

E ninguã ousou dizer que a nobre moça  
Era uma louca assim n'esse abandono;  
Um poeta, oh meu Deus! É tua imagem,  
A sua musa é mais que um nobre throno!<sup>128</sup>

No último tomo da revista, foram publicados três textos de Maria Amália.<sup>129</sup> No primeiro, a autora dividiu relatos de sua amizade com uma menina com quem estudou chamada Eugênia, a única filha de um coronel de infantaria, cuja mãe havia falecido. Contou que Eugênia era conhecida por sua inteligência que a distinguiu diante de suas companheiras, principalmente por suas habilidades em matemática e ciências. Seriam seus poetas favoritos Gonçalves Dias e Lamartine, curiosamente dois de alguns dos poetas preferidos de Maria Amália. Eugênia, de acordo com a amiga, foi conhecida por seus talentos nos trabalhos de agulha, sendo reconhecida por suas singelezas e cortesias, que lhe faziam ser uma boa amizade. Seu pai havia sido enviado para trabalhar em alguma parte extrema do Império, e mesmo permitindo que ficasse na escola, a menina quis acompanhá-lo.

Eugênia trocava muitas cartas com Maria Amália que teriam espelhado toda a pureza de sua alma. Na opinião da autora, seriam as mulheres as únicas que saberiam compreender a verdadeira amizade. Porém, por dois meses, as cartas de Eugenia demoraram a chegar e depois de um tempo, seu pai lhe escreveu lamentando a morte de sua filha por uma febre. Com muita tristeza, Maria Amália confessou estar entre a vida e a morte, lamentando-se que nunca mais poderia conhecer a verdadeira felicidade. Seis meses após teria morrido o pai da menina, apegado a um pedaço de seus cabelos.

No relato, Eugênia é coberta de bons atributos, sendo uma boa filha, uma menina inteligente, que amava as ciências, mas também gostava de momentos de leitura com obras de seus poetas prediletos. Nas palavras de Amália, Eugênia também foi muito prendada. Teria ela preferido acompanhar seu pai, não o abandonando, demonstrando sua abnegação. Sua nobre tarefa de acompanhar o seu pai pelas regiões mais distantes do Império lhe causou a sua morte por uma febre, talvez um sentido de devoção sem limites a figura de seu pai, que pouco tempo depois também veio a falecer pela falta da menina. É perceptível nesse pequeno texto a

---

<sup>128</sup> Revista Popular, tomo XIII, jan-mar de 1862, p. 23. Acervo BN Digital.

<sup>129</sup> Revista Popular, tomo XVI, ano IX, out-dez de 1862, p. 22 – 25, 96 - 98, 178-179.

dispensação de valores como a amizade, o cuidado com a educação, as boas leituras, a atenção aos trabalhos de agulha e pressupostos para ser uma boa filha, uma leitura certamente pedagógica.

Teceu uma crítica à educação das meninas ao abordar a maneira com que os homens armam conversas com as mulheres. Maria Amália comentou que nos bailes os rapazes falavam apenas sobre modas e banalidades e que em parte essa culpa era das moças, que pouco cuidavam da sua educação, atentando-se a poucas lições de piano e canto, mas nada a mais. Assim, aconselhou livros que poderiam ser lidos para modificar esse panorama, como *Família*, de Janet e Dagort, *Mulher no século XIX*, de madame Roieu, a *Mulher Catholica*, do padre Ventura. Esses livros, para a autora, estavam cheios de sentimentos, contribuindo para os verdadeiros dotes que uma mulher deveria possuir e, então, finaliza que se entristece que ainda veja “tão enublado o céu que há de um dia produzir mulheres que compreendam a sua nobre e verdadeira missão sobre a terra”<sup>130</sup>.

O último texto publicado no tomo XVI fez um esboço da obra de Joaquim Norberto, *Brasileiras Célebres*, o mesmo que foi originado a partir da seção de biografias da *Revista Popular*. Primeiramente, elogiou os feitos do autor pela literatura nacional, pelo seu trabalho com a história do país e por suas poesias. Comentou que, ao contrário do que faziam alguns escritores de sua época, que apenas esquadriavam os defeitos das mulheres para lançá-las nos pelourinhos da opinião pública acusando-as de pomo da discórdia e fogo de Pandora, reuniu mulheres com a base fecunda na religião, boas mães, esposas e filhas. Acreditava que o livro de Joaquim Norberto deveria andar de mãos dadas com as famílias e recomendou que fosse utilizado pelos colégios, pois inspiraria as mulheres a respeitar os mais velhos, amar seu país e se ufanarem do seu solo rico por natureza.

Como também observado por Andréa Correa Paraiso Müller (2015), ao comentar sobre um livro lançado contemporaneamente à publicação da revista, mais suspeitas são lançadas sobre a autoria de Maria Amália.<sup>131</sup> No primeiro aparecimento desses textos, Nuno introduziu-os afirmando serem eles as cartas que já guardava há um tempo de uma amiga, como poderia ter guardado há um tempo um texto que comentava uma publicação atual à publicação daquele tomo?

---

<sup>130</sup> Revista Popular, tomo XVI, out-dez de 1862, p. 97. Acervo BN Digital.

<sup>131</sup> MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. A leitura feminina sob tutela na imprensa oitocentista. Recorte (UninCor), v. 1, 2015, p. 07.

Os textos de “Fragmento de um livro” no geral, falaram sobre os nobres e puros sentimentos de uma moça, abordou as leituras da suposta “Maria Amália”, seus escritores e poetas preferidos. Aconselharam sutilmente comportamentos e leituras apropriadas para as mulheres e sua educação. Provavelmente, esse conjunto de textos, diferente dos que abordaram a educação feminina assinados por homens e que talvez se direcionavam primeiramente a outros homens, por carregar a assinatura de uma mulher, com uma linguagem mais parecida com devaneios e com conselhos que apareciam nas “entrelinhas”, direcionavam-se às leitoras da revista.

Certamente, a partir de meados do século XIX, a leitura foi se tornando uma atividade mais frequente entre as mulheres e, por isso, deveria ser um tema de muito cuidado. O tema da educação feminina, com suas formas institucionalizadas ou não institucionalizadas, principalmente a partir de meados dos oitocentos, experimentou debates acerca de seus benefícios e da forma como deveria ser realizada. Esses debates contavam com os posicionamentos favoráveis, que consideravam que as mulheres também deveriam ser educadas. Contudo, na maior parte das vezes, essa educação foi vista como uma maneira de melhor desempenho das atividades domésticas e maternas, pois um lar saudável significava uma nação saudável, filhos bem instruídos e educados significavam um bom cidadão para a nação. Ainda serviria para uma polidez dos modos, contribuindo para uma formação mais sofisticada.

Por outro lado, permaneciam algumas incertezas quanto à educar e instruir as mulheres, como o risco de que pudessem buscar a emancipação e aplicarem seus saberes para fora do âmbito privado e familiar. Por isso, muitos posicionamentos apoiavam a educação e a instrução feminina, desde que feitas sob muito cuidado. A seguinte citação ajuda a esclarecer essas variações sobre a educação feminina:

[...] os liberais defendiam a melhoria do sistema de ensino, pois a Educação era vista como chave para o progresso. Ainda assim, o direito das mulheres frequentarem a escola secundária e superior enfrentou forte resistência por parte da sociedade que considerava tais estudos desnecessários para a formação das jovens. O androcentrismo da família patriarcal reservava aos homens os benefícios da cultura e se encarregava de excluir as mulheres desse universo. Por isso a imposição de uma educação diferenciada como forma de respeitar as “diferenças biológicas e morais” de cada sexo. Aos homens, uma educação que os preparasse para o mundo do trabalho; às mulheres bastava a “educação da agulha”, saber se comportar dentro da casa. Numa formação mais sofisticada, a jovem aprendia francês, música, pintura, as quatro operações, e ainda a etiqueta, catecismo, culinária e princípios morais, o suficiente

para formar a mulher que o discurso senhorial prescrevia: educada, meiga, acomodada.<sup>132</sup>

Os periódicos, afirma Constância Duarte (2017), refletiram a dicotomia vigente, alguns acompanharam as transformações do seu tempo, acreditando ter as mulheres o direito de frequentar escolas e o espaço público, outros reiteraram as suas supostas fragilidades e delicadezas, considerados atributos do seu sexo. A autora apresenta ainda que tais posicionamentos poderiam até se misturar no mesmo periódico, onde poderiam se encontrar artigos progressistas e outros mais conservadores.<sup>133</sup> Esse tipo de contradição pôde ser observada nos textos que se referem à educação feminina na *Revista Popular*, enquanto alguns defendiam a educação das mulheres apenas para o melhor desempenho das funções domésticas e familiares, foi possível identificar a exemplo do texto de Ignez d’Horta, um posicionamento que defendia uma educação que consistia nos mais diversos saberes humanos, criticando ainda a falta de colaboradoras na revista.

Carlos Costa (2007), ao abordar a imprensa feminina no século XIX, explica que, embora em meados do século pudesse observar algumas mulheres escrevendo na imprensa, essa atividade só se intensificou à medida que foi se aproximando o século XX. Entretanto, a falta de mulheres no mundo dos impressos não impediu que os homens atentos às mudanças no público leitor direcionassem a elas jornais e revistas.<sup>134</sup>

Nesse momento em que as mulheres passaram a poder frequentar escolas e serem alfabetizadas, mesmo sendo representadas como ávidas leitoras, ainda escreviam de forma mais tímida. Sobre essa questão, conforme assinala Maria Helena Câmara Bastos (2002) amparada em Martine Poulain (1990), em relação às mulheres, existiram mais ilustrações que representavam a prática da leitura do que a prática da escrita, o que pode significar que a área da escrita ainda se encontrava interdita e pouco estimulada às mulheres, ao passo que enquanto a leitura poderia ser formativa e socializadora, a escrita permitiria a emancipação individual.<sup>135</sup>

A *Revista Popular*, sendo um periódico que possuía a colaboração majoritariamente masculina, se configura como apontado por Ana Maria Coling (2014), como um discurso não

---

<sup>132</sup> DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 24-25.

<sup>133</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>134</sup> COSTA, Carlos Rodrigues. *A revista no Brasil, o século XIX*. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo, p. 132.

<sup>135</sup> BASTOS, Maria Helena Câmara de. *Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878)*. *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n.2, p. 169-214, 2002, p. 187.

formulado pelas mulheres, “uma linguagem feita por outros, um espaço desenhado por outros, em uma trama de razões que os outros pensaram”<sup>136</sup>. Alexandra Pinheiro (2004) afirma que o segundo periódico de Garnier, o *Jornal das Famílias*, possuiu um período de circulação muito significativo para um veículo século XIX. Na concepção da autora, a experiência do segundo empreendimento de Garnier pode ter se dado à medida que seu editor evitou abordar a emancipação feminina, optando por manter um tom mais conservador em relação à condição da mulher.<sup>137</sup>

Pode-se dizer que esse tom conservador do *Jornal das Famílias* já se fazia presente na *Revista Popular*, visto que o editor deu pouco espaço a escrita e pontos de vista femininos. Quando elas fizeram uso do espaço da revista, os temas abordados pouco avançaram em direção às pautas mais progressistas em relação às mulheres, sendo os escritos de Ignêz d’Horta o discurso mais emancipatório. A leitura feminina na *Revista Popular* parece ter sido uma atividade mais aceitável que a escrita.

---

<sup>136</sup> COLLING, Ana Maria. Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história. Dourados: EDUFGD, 2014, p. 15.

<sup>137</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2004, p. 11.

## CAPÍTULO 3

### **“CHRONICA DA QUINZENA” E “CASAS RECOMENDÁVEIS”: A MODA, A VIDA SOCIAL, CULTURAL, OS COSTUMES DAS MULHERES DA ELITE CARIOCA**

A seção “Chronica da Quinzena”, escrita pelos pseudônimos Carlos e O Velho, teve presença assídua nos quatro anos de existência da *Revista Popular*. Neste capítulo as crônicas serão examinadas juntamente com os anúncios “Casas Recomendáveis”, que circularam em apenas dois tomos do primeiro ano da revista, mas veicularam um número considerável de casas, estabelecimentos comerciais e serviços oferecidos na cidade do Rio de Janeiro. Essas seções foram selecionadas para estudo primeiramente, pois, foi por elas que os chamados “trabalhos de agulha” se fizeram presentes. Foi comum que as crônicas descrevessem os modelos de vestidos impressos na revista e sugestionassem locais onde os materiais para confecção poderiam ser adquiridos, bem como onde eles poderiam ser costurados, que por algumas ocasiões coincidiram com os locais que estavam na seção de anúncios.

Posteriormente, ao fazer a leitura das crônicas, foi possível observar que além da sugestão e descrição dos modelos, seus autores abordaram o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, com seus bailes, saraus, jantares, seções de teatro, problemas sociais e atividades políticas. Interessante ainda foi notar que as crônicas abordaram o cotidiano de mulheres que viviam na cidade, relatando sua participação no espaço público, formas de sociabilidades, veiculou representações, os valores e costumes que para elas foram divulgados e compartilhados.

Como já apontado anteriormente, de acordo com Constância Duarte (2017), às mulheres era oferecida uma “educação da agulha”, e quanto mais sofisticado esse processo, poderiam aprender ainda regras de etiqueta e princípios morais. Assim, considerou-se que as crônicas também possuíam características pedagógicas e prescritivas, pois colaboraram com o aprendizado dos trabalhos de agulha e de certas regras de comportamento.

De acordo com Ewald et al. (2007), a crônica assumiu diversas formas ao longo do tempo. Os autores explicam que esse gênero começou no campo histórico, porque relatava fatos ocorridos em algum lugar, seguindo a ordem do tempo. Ao longo dos séculos, ela deixou de ser um gênero ligado à historiografia para ganhar caráter literário. No Brasil do século XIX, embora em outros países europeus a crônica possuísse o caráter de relato histórico, estiveram relacionadas ao jornalismo, espaço onde se consolidaram. Elas possuíam como característica

uma linguagem mais direta e coloquial, criando um espaço mais íntimo e de amizade entre o leitor e o escritor, um espaço até mesmo para confidências.<sup>1</sup>

No trabalho de Edward et al (2007), sobre esses textos os autores escrevem:

Ler essas crônicas é absorver um pouco dos acontecimentos e de como a população carioca reagia a essas mudanças. É entrar nos cafés, andar no Passeio Público as tardes de domingo, ir ao Teatro São Pedro e à regata no Flamengo. É, enfim, flunar, caminhar pelas então povoadas ruas do Rio de Janeiro.<sup>2</sup>

Da primeira edição da *Revista Popular*, janeiro de 1859, até o último trimestre de 1861, as crônicas foram assinadas pelo autor sob o pseudônimo de Carlos e só depois desse período até o término de circulação da publicação, assumiu as crônicas o autor com pseudônimo de O Velho. Foram publicadas nos quatro anos de circulação 93 crônicas que predominantemente versaram sobre o teatro, a moda, literatura, a vida social, o que acontecia nas confeitarias, bailes e saraus. A vida política, as modificações urbanísticas da cidade, os problemas das moléstias que atingiam o Rio de Janeiro Imperial não passaram em branco. O primeiro autor das crônicas, Carlos, além de adiantar os temas pelos quais pretendia transitar, ofereceu também uma boa definição do gênero crônica:

A chronica é hoje uma necessidade a que não póde furtar-se, nenhuma publicação literária e, ainda menos, aquela que se dirige a todas as classes, a todos os gostos, a todas as intelligencias, a todos os interesses, que será procurada pela dama elegante, pelo grave estadista, pela menina descuidosa, pelo literato, pelo operario, pelo artista, pelo negociante, pelo poeta [...]

[...] conversaremos nós, sem pretensão, sobre os pequenos factos da nossa sociedade, sobre todas essas futilidades, que são para alguns breves episódios, mas nas quaes se consome a existência inteira de outros. Falaremos de theatros, de música, de modas, de literatura; repetiremos a conversa dos salões, a anedocta colhida entre duas mesuras dos Lanceiros, a novidade sorprendida nos bastidores, a biografia de um artista, a história de um livro, amores e sonhos de um poeta, os escrúpulos de um deputado novato; analysaremos juntos a comedia nova, a artista que estreia, a mulher sob o peso do seu balão, o homem através do seu plaid, o acontecimento do dia, o baile da noite, o segredo murmurado ao ouvido, o boato que corre pelas ruas, a noticia curiosa [...].<sup>3</sup>

Marcella Abreu (2008), que estudou a moda, teatro e nacionalismo entre as crônicas da *Revista Popular* no campo da literatura, afirma que o primeiro escritor da seção, Carlos, poderia ser pseudônimo de Carlos José do Rosário. Contudo, a autora prefere não endossar essa apreciação de forma mais categórica, pois os textos dessa seção também foram atribuídos a Antônio Arnaldo Nogueira Molarinho por Wilson Martins em seu livro a *História da*

---

<sup>1</sup> EWALD, Ariane P. et al. Crônicas folhetinescas: Subjetividade, Modernidade e Circulação da Notícia. In: FERREIRA, TANIA Maria B. da C.; NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marcos. História e Imprensa - Representações Culturais e Práticas de Poder. Rio de Janeiro: DPA, 2007, p. 241-243.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 257.

<sup>3</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p.56. Acervo BN Digital.

*Inteligência Brasileira* (1977). Entretanto, a autora aponta que o nome de Antônio Arnaldo não foi encontrado no índice de colaboradores da revista e nem nos dicionários bibliográficos da época.<sup>4</sup>

Em sua pesquisa, Marcella Abreu (2008) afirma que o nome de Antônio Amaral Nogueira Molarinho só apareceu no catálogo digital de periódicos raros da Biblioteca Nacional, como um dos proprietários e redatores do *Arquivo literário: jornal familiar, crítico e recreativo*. Esse periódico publicou em sua primeira edição um texto na seção “Variedades” intitulado “Palestra dos primos”, também com a assinatura “Carlos”. Assim, Marcella Abreu (2008) informa que nas edições seguintes, esses textos deixaram de ser assinados, até que na 14<sup>o</sup>, Antônio José Carneiro afirma que o senhor Molarinho não iria mais participar dos textos “Palestras dos primos” e da redação do periódico.<sup>5</sup>

Dessa forma, a autora pondera que embora Antônio Amaral Nogueira Molarinho tenha sido apontado como autor de um texto com a assinatura de “Carlos” no *Arquivo literário*, a formação de Carlos José do Rosário possui relações com os assuntos tratados na primeira fase das “Chronica da Quinzena”. Carlos José do Rosário teria sido um requisitado professor de língua francesa, colaborador de diversos órgãos da imprensa do Rio de Janeiro e também censor do Conservatório Dramático e os assuntos das suas crônicas giravam em torno da moda e costumes importados da França, bem como as peças de teatro e a literatura brasileira.<sup>6</sup>

Alexandra Pinheiro (2002), ainda sobre a autoria das crônicas, explica que o pseudônimo de Carlos também foi um obstáculo para sua investigação, uma vez que Carlos José do Rosário aparece na lista de colaboradores da revista, podendo ser o autor dos textos. Contudo, a pesquisadora também se deparou com a menção de Antônio Arnaldo Nogueira Molarinho por Wilson Martins, mas observa que o nome dele não aparece nos dicionários por ela consultados (Sacramento Blake e Coutinho Menezes), nem na relação de colaboradores da revista. Assim acredita que a autoria da primeira fase da seção seria de Carlos José do Rosário.<sup>7</sup>

Na segunda fase das crônicas, iniciada em novembro de 1861, elas passam a ser assinadas com o nome O Velho, a quem Marcella Abreu (2008) também acredita ser o pseudônimo de Joaquim Manuel de Macedo. Contudo, a autora explica que embora enxergue

---

<sup>4</sup> ABREU, Marcella dos Santos. Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862). 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 32-33.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 32-33.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>7</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, p. 104.

uma incoerência entre Joaquim Manuel de Macedo e a persona construída no primeiro contato com o público leitor pelo O Velho, crê que poderia ser uma forma de despistar a sua real identidade. Salienta ainda que o pseudônimo O Velho contrasta com a idade de Macedo, na época com 41 anos. Sendo assim, como no caso de Carlos, evita afirmar categoricamente que seja realmente Macedo o escritor da segunda fase das crônicas.<sup>8</sup>

Embora as crônicas abordassem diversas temáticas do cotidiano do Rio de Janeiro, o estudo privilegiou as temáticas direcionadas às mulheres, como os apontados pela primeira carta dos redatores da publicação e também os salientados por José Gondra e Alessandra Schueler (2008), Constância Duarte (2017) e Michelle Perrot (2013), que forneceram indícios das temáticas femininas nos periódicos. Dessa maneira, foi possível perscrutar costumes e valores sugestionados às leitoras, como o bom uso da moda, bons comportamentos no espaço público, o desprezo por características relacionadas à vaidade, à competição e etc. Nesse contexto, não se constitui como objetivo esgotar as temáticas das crônicas.

Foi comum, principalmente na primeira fase das “Chronica da Quinzena”, escritas sob o pseudônimo de Carlos, que algumas temáticas fossem direcionadas às leitoras da *Revista Popular*. O empenho do autor em trazer às suas leitoras os assuntos que poderiam agradá-las transparecia em alguns trechos de suas crônicas: “(...) tenho sempre comigo o retrato da mais bella de minhas leitoras afim de que a curiosidade que se lhe descobre nos olhos me furte á prezada ociosidade, e incite-me a escrever a chronica”<sup>9</sup>. Em certos momentos, Carlos demonstrou intimidade com as leitoras, ao relatar, por exemplo, ter sentido falta delas no último baile, sugerindo assim que ele poderia conhecer algumas assinantes ou leitoras do periódico.

As crônicas fornecem indícios das formas de lazer e de como a mulher oitocentista transitou e deveria se comportar fora do âmbito privado. Seguramente, a partir de meados dos oitocentos, com o incremento da vida social, cultural e intelectual do Rio de Janeiro, as mulheres passaram a frequentar mais significativamente os ambientes públicos que em períodos anteriores, como já apontado anteriormente por Vinícius Gagliardo (2016). A anterior proeminência da reclusão ao âmbito doméstico aparece até mesmo nos ditos populares, que sinalizavam existir somente três ocasiões onde as mulheres deixavam o seu lar: para se batizar, para se casar e para ser enterrada, todas esses ritos relacionados à religião, situação que pode ser explicada, pois, o espaço público e a rua foram vistos como espaços masculinos, onde

---

<sup>8</sup> ABREU, Marcella dos Santos. Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862). 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 33.

<sup>9</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar, p. 187. Acervo BN Digital.

havam desordeiros e perturbadores da ordem.<sup>10</sup> A observação de Vinícius Gagliardo (2016) se confirma pelo relato de alguns viajantes estrangeiros que passaram pelo Rio de Janeiro. E. Belman, em 1825, relatava: “Até se casarem quase nunca saem de casa, a não ser quando sob a vigilância da mãe vão à missa.”<sup>11</sup>.

Contudo, embora muitos relatos apontem esse isolamento das mulheres em relação ao espaço da rua, essas afirmações precisam ser ponderadas, visto que outros viajantes relataram a presença de vendedoras nas praças e ruas: “Outras (...) dedicam-se ao comércio de legumes e frutas, instalando-se nas praças; as mais ricas e donas de mercadorias chamam-se quitandeiras.”<sup>12</sup>; “Nossa atenção foi atraída por homens e mulheres apresentando quantidade de artigos para vender; alguns em cestas, outros em tabuleiro ou caixas carregadas na cabeça.”<sup>13</sup>. Sobre essa questão, de acordo com Elisa Verona (2007), a reclusão das mulheres deve ser vista com cautela. A autora relata que por vezes, viajantes estrangeiros generalizavam a condição feminina ao espaço privado, esquecendo-se de que mulheres pobres e escravas usufruíam de considerável possibilidade de ir e vir nas ruas e praças, muitas vezes justificada pelas necessidades de trabalho.<sup>14</sup>

A diversificação das formas de lazer e sociabilidades que possibilitaram as mulheres da elite se colocarem mais no espaço público, passando a frequentar os teatros, cafés, confeitarias, saraus e bailes não significaram, como afirma Margareth Rago (1985), um abrandamento das exigências morais. Ao contrário, às mulheres das camadas mais privilegiadas foram exigidas em sua educação com um preparo para tais situações, que consistiam em saber se portar e vestir adequadamente.

O esforço em capturar o cotidiano foi uma tarefa levada a sério por Carlos. O autor contou constantemente as suas saídas pela cidade do Rio de Janeiro a fim de poder registrar os principais acontecimentos da quinzena. Como já foi apontado por Marcella Abreu (2008), as crônicas de Carlos exploraram assuntos mais frívolos do que as crônicas d’O Velho<sup>15</sup>, abrindo

---

<sup>10</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. *Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista*. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 74.

<sup>11</sup> LEITE, Miriam Moreira. *A Condição Feminina no Rio de Janeiro: Século XIX*. Rio de Janeiro: HUCITEC/Pró-memória Instituto nacional do livro, 1984, p.70.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 97.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 98.

<sup>14</sup> VERONA, Elisa Maria. *Da feminilidade oitocentista*. 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História Direito e Serviço Social, UNESP, Franca, p. 27.

<sup>15</sup> ABREU, Marcella dos Santos. *Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862)*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 101.

espaço para os flertes dos saraus, para as disputas de figurinos nos bailes e pequenos rumores que corriam a boca de seus conhecidos.

Os relatos sobre os bailes e saraus costumavam abordar o local onde ocorriam, seus anfitriões, o clima da noite, a animação das danças, os presentes mais conhecidos, burburinhos e paqueras que poderiam eventualmente ocorrer, como pode ser visto no excerto a seguir:

Ultimamente o sarão do Sr. Dr. P... da S... veio interromper por espaço de uma noite o silencio dos salões fluminenses. A noite chuvosa e triste não permitiu grande concurrencia; mas a falta de alguns representantes do circulo elegante era, senão compensada, ao menos attenuada pela alegria franca que dominava o baile, pela affabilidade dos donos da casa. As horas passarão-se tão rapidamente que a madrugada importuna veio surprender os dansantes quando o baile apenas começava. A este sarão seguio-se de novo o antigo silencio, que reina até nas salas do club, nas noites de partida. Mas a tristeza da corte estende-se também a Petropolis e á Tijuca onde aos tristes dias de chuva sucedem noites ainda mais tristes e mais chuvosas. Antes de despedir-me das leitoras cumpre-me entrar por um instante nos theatros e ver se ha por ahi qualquer novidade que mereça a sua attenção.<sup>16</sup>

As novidades das quinzenas foram constantemente relatadas às leitoras por Carlos, aproveitava para anunciá-las os próximos bailes e saraus, convidando-as a participar justamente para que elas o auxiliassem nos seus registros. Frequentemente, o autor se lamentava do marasmo que afligia a cidade, afirmando ter pouco a escrever:

A chronica é nada mais, nada menos, do que o espelho dos vossos salões; porém se os vossos salões estão solitários, o que há de refletir o espelho? As moças, como as andorinhas, baterão as azas (e os vestidos de hoje que as tem!) e forão com sua presença alegrar outros sítios [...].<sup>17</sup>

Carlos creditou, por vezes, a apatia dos salões ao clima do Rio de Janeiro, no verão por causa das chuvas que não cessavam, no inverno pelo clima mais frio. Contudo, na mesma medida que explicitou sua indignação com as épocas mais calmas, relatava também às suas leitoras aquelas que se mostravam mais acaloradas:

Ahi tendes, minhas leitoras, uma quinzena, recheiada de novidades umas tristes, outras alegres, algumas irrigadas pelas águas pluviaes e poucas, como se costuma dizer, novinhas do trinque. É esta a sorte do chronista: repetir dia por dia o que ja serviu de thema a tantos outros, e não poder, sequer, historiar a seu geito os factos de que é simples registrador!<sup>18</sup>

Como já mencionado, em seus textos, fica a impressão de que Carlos conhecia algumas assinantes ou leitoras da revista e que as via constantemente nos eventos que relatava. Na

---

<sup>16</sup> Revista Popular, tomo I, jan- mar de 1859, p. 125. Acervo da BN Digital.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 251.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 378.

crônica que veio a público no tomo V da publicação, onde foram relatados os festejos de carnaval, o autor demonstrou saber se suas leitoras estavam ou não fazendo uso dos modelos sugestionados por ele nas crônicas anteriores:

[...] a nossa sociedade ainda ignora o que é um baile de phantasia, e não perdoa, se quer, ás leitoras da Revista, que foram ao Club, e não aproveitarão do figurino distribuido no mez de Janeiro.

Com efeito, a critica tem razão; foi tão limitado o numero das senhoras, que pediram á phantasia um traje diverso d'aqueles com os quaes se adornão os dias festivos [...] Não se diga que os vestuarios apropriados a taes bailes são por demais dispendiosos, e que por isso muitas pessoas não se querem sujeitar ao seu uso; há alguns tão simples, commodos e economicos que não só se prestão para a occasião, como mais tarde são susceptiveis de qualquer transformação, e servem para outro baile, para um passeio, para uma visita, ainda mesmo cerimoniosa.<sup>19</sup>

Por vezes, lamentou-se de ir aos salões e não encontrar suas leitoras, mais uma vez um indício de que o cronista poderia reconhecer algumas mulheres que assinavam ou liam a publicação e, por isso, procurava por elas em meio aos eventos da Corte. Demonstrou em algumas situações preferir a conversa com as senhoras do que com os homens, como no trecho transposto abaixo:

Depois de um mez de silencio, a que fui obrigado por causas imprevistas e impossíveis de serem arredadas. Procurei-vos, minhas leitoras, no baile de installação da sociedade Campestre, para pedir-vos e alcançar o perdão, que nunca negaes a quem submisso de vós o solicita, e passei pela triste decepção de não achar-vos reunidas no elegante pavilhão do Paraizo. Às 11 horas transpuz'os degraus exteriores do novo salão, olhei para todos os lados, e á excepção de trinta a quarenta senhoras e meninas, que não se dignão conheceme, apenas vi casacas e gravatas pretas, que não dizem comigo em uma sala de baile.<sup>20</sup>

Ao relatar e comentar os acontecimentos frívolos das suas quinzenas, o cronista abordou as situações de flertes, as disputas de figurinos ou por um par de dança, às vezes revelando apenas as iniciais daquelas que se referia. Esses assuntos, julgava o cronista, serem dignos de relato para suas leitoras, chegando a lamentar quando não ocorriam os bailes com seus “diz-que-diz-que”: “não houve um baile, um saráo destrondo, uma intriga interessante, que valesse a pena de ser trazida ao conhecimento das leitoras da Revista”<sup>21</sup>.

Em uma de suas crônicas, comparou os bailes como pequenas batalhas, onde as moças disputariam a beleza, os pares para as danças, os modelos que desfilavam. Seriam então os bailes ambientes hostis, onde se guardariam rancores e ciúmes entre as danças de valsas e

<sup>19</sup> Revista Popular, tomo V, jan-mar de 1860, p. 316-317. Acervo da BN Digital.

<sup>20</sup> Revista Popular, tomo VI, abr-jun de 1860, p. 383. Acervo da BN Digital.

<sup>21</sup> Revista Popular, tomo III, jul-set de 1859, p. 253. Acervo da BN Digital.

polcas. Irônico, Carlos, para não dizer que suas leitoras recorriam as tais disputas, afirma saber que elas detestariam tais estratégias que só recorreriam a elas se caso instigadas ou desafiadas:

As minhas leitoras, não é de agora, que o sei, detestão estas manobras, teem ogeriza a esse systema de alcançar victoria, e nem dele precízão, porem ha tanta gente, que não se conhece, ha pessoas tão presumidas, que não trepidão em quebrar lanças contra outras. (...)Sede francas, e conversemos um pouco. Se fordes agredidas por uma dessas meninas vaidosas, ou enganadas pelo aço pouco polido do seu espelho, que apesar de receber uma, ou mais repulsas, prossiga no intento de querer avassalar a vossa á sua belleza, cruzareis os braços, ou por outra, achareis os olhos, e deixareis, que a proclamem vencedora? Perdoae-me; esse sorriso, que vos cabe tão bem, em qualquer outra occasião, não é admissível neste momento confesso-vos, que sou fraquissimo entendedor das falas contidas em lábios, que apenas se entreabrem, e que posso dar-lhes uma interpretação mui diversa daquellas realmente encerrão. Muito bem! Não quereis responder-me vocalmente, e sabeis quanto respeito vos devo, para não levar a mal o vosso silencio; mas, ignorante como sou da linguagem dos lábios mudos, cumpre-me dizer-vos, que ensinarão-me a interpretar a dos olhos, e que, embora abaixásseis os vossos, pode colher de sobejo quanto me era necessário, para saber o que pretendia. Se eu fosse vingativo, se tivesse em menor conta o segredo, que me confiastes, diria a todos os leitores da Revista, que a menina vaidosa seria por vós tractada como tal, em quanto não arvorasse o estandarte da rebellião, e que apenas ella ultrapassasse os raios da vaidade, vós a esmagarieis com um.... sorriso de desprezo. Não pretendo, porem, malquistar-me com as minhas leitoras, e tanto, nada contarei aos por curiosos.<sup>22</sup>

No trecho, é possível visualizar certo constrangimento à leitora que fazia uso das disputas e rixas em um baile. O autor representou as participantes dos salões como vaidosas e adversárias, mas ao mesmo tempo parecia ter ressalvas a tais características, pois, elas se tornaram dignas de notas para a sua crônica, ou seja, foi por meio desses episódios que o autor alimentou seus textos.

Ao narrar uma de suas anedotas, Carlos explorou mais uma vez o tema da competição entre as mulheres. Na perspectiva do autor, até mesmo as mais íntimas amigas disputavam os figurinos de moda. Assim, no tomo VIII contou a história de “D.E.” e “D.B.”, descritas como as mais elegantes senhoras de um bairro aristocrata, que se casaram com maridos muito laboriosos, empenhados no alimento dos caprichos e exigências de suas esposas. As duas amigas gastavam seu tempo passeando, fazendo leituras rápidas, principalmente das revistas que possuíam figurinos de moda. Indaga o que fariam mais mulheres casadas com homens ricos, se não alimentar a vaidade?

a verdade o que ha de fazer uma senhora que tem sciencia da sua belleza, e que alem disso e casada com um capitalista forte? Dar-se-hia ao trabalho de fazer a escripta da casa, quereria expor-se de bom grado a fatigar o espirito com um amontoado de algarismos, apenas decifreveis para o guardalivros, que não conta senão comsigo para ganhar o pão de cada dia? Não; o útil por fôrma alguma lhe quadra e por isso razão

---

<sup>22</sup> Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p. 120. Acervo da BN Digital.

tem ella em so pensar no agradável. Se o marido verga-se ao pezo do trabalho e desconhece inteiramente o descanso, em compensação a mulher recreia-se e se distrahe; se aquelle passa todo o dia no seu escriptorio, e não tem mãos a medir para acudir ás variadas transacções, que se lhe oferecem, esta assenta-se na sua cadeira de balanço até dirigir o almoço, mais tarde percorre as lojas da rua do Ouvidor, e á noite medita no vestido com que se hade apresentar no primeiro baile do Cassino.<sup>23</sup>

Carlos afirmou que a rivalidade logo suplantou a amizade, pois cada uma se empenhou na conquista dos melhores adornos e fazendas a fim de serem a mais elegante. Com o tempo, as duas mulheres se puseram em uma guerra, onde D.E. estava ganhando proeminência, fazendo com que D.B. buscasse se vingar. Ao comemorar a aquisição de uma casa de campo, D.B. se propôs a oferecer um jantar em seu jardim e enviou alguns convites onde a primeira contemplada foi D.E., que por ser curiosa, buscou se informar do figurino da amiga. Duas semanas antes do jantar, foram dizer que D.B. havia encontrado numa loja da rua do Ouvidor um corte de seda muito bonito, nunca visto de tão arrebatador.

D.E. buscou a todo custo encontrar um corte igual, foi informada que o tecido era único, e não conformada com a informação, visitou todas as modistas do Ouvidor. Quase desistindo da descoberta, viu um novo estabelecimento de uma modista recém-chegada de Paris, a qual D.B. havia solicitado tal vestido. Encontrou ele sendo confeccionado e implorou à modista que também lhe vendesse um tecido igual. Ao chegar em casa se empenhou nos trabalhos de agulha para a confecção de seu vestido. No dia do jantar, D.E. planejou chegar mais tarde a fim de que todos os convidados visualisassem seu triunfo.

Ao chegar na reunião, as amigas trocaram os cumprimentos e, enquanto isso, uma menina trazia amarrada uma macaquinha que muito agitada fazia brincadeiras arrancando risos dos outros convidados. A macaquinha estava trajada igual a D.E., e a anfitriã D.B., trajava um simples vestido branco. Assustada, D.E. ficou colérica, apenas jantou, não ficou para o baile e despediu-se cedo. Afirmou o autor esperar mais vinganças das amigas para poder relatar em suas crônicas.

Carlos, ao descrever as duas senhoras, afirmou serem as mulheres de camadas privilegiadas extremamente preocupadas com a aparência e competitivas a ponto de não conseguirem manter uma amizade por muito tempo. Apontou que uma das poucas preocupações das duas mulheres foi a atualização da moda francesa e, por isso, os constantes passeios na Rua do Ouvidor. Se compadeceu dos maridos que tanto trabalhariam para satisfazer os caprichos de suas esposas. Ao direcionar as intrigas, as disputas dos bailes de suas crônicas às leitoras, aponta que acreditava que esses assuntos foram temas de interesse feminino, os

---

<sup>23</sup> Revista Popular, tomo VIII, jul-set de 1860, p. 251-252. Acervo da BN Digital.

disse-me-disse, os boatos, as intrigas tidas como assuntos de mulher, como uma das motivações para os bailes se tornarem interessantes.

Nesses relatos, Carlos ofereceu uma representação das mulheres que não era tida como ideal, a mulher extremamente vaidosa, que se afeiçoava de mais pela moda e futilidades, que se dava às disputas e aos mexericos. Possivelmente, as iniciais dos nomes reveladas pelo cronista davam indícios de quem cometia tais inclinações indesejadas às mulheres consideradas como prudentes e bem-educadas, as quais poderia significar a falta de recato e compostura.

Carlos também relatou em suas crônicas como se desenvolviam os namoros e flertes nos bailes e todo cuidado que cercava a situação. De acordo com a historiadora Mary Del Priori (2016), os rituais de namoro, de encontrar um par para uma dança, foram permeados por um conjunto de códigos e a esses as jovens deveriam se atentar. Em um baile, por exemplo, o olhar e a escolha deveriam ser exclusividade masculina e a linguagem das “paixões” femininas nem sempre foram faladas, mas expressadas de forma corporal, com tremores, o rubor das faces, os gemidos e suspiros. A tristeza acentuava a palidez do rosto e a alegria ocasionava rubor.<sup>24</sup>

Na crônica que circulou no dia 26 de novembro de 1860, do tomo VIII, Carlos lamentou-se que em poucos dias não houve nenhum baile ou sarau pela cidade e que com eles também as intrigas. Ponderou que mesmo que acreditasse que uma valsa não seria o suficiente para que “dois corações se atraíssem”, um baile era um “grande recurso para quem não tem a necessária coragem de afrontar a existência melancólica do celibato”<sup>25</sup>. Assim, conforme os códigos mencionados por Mary Del Priori, expõe alguns em seu texto:

Alli se aprende a fallar com os olhos; os lábios prestam- se a exprimir phrases que a mão mais firme não se animaria a traçar, e o leque, o ramallete, a grinalda, participando de uma transformação ás vezes operada em alguns segundos, são auxiliares valentes, que por seu turno faliem, riem e choram muito a proposito. Foi isto pouco mais ou menos o que ha meia hora presenciei no baile do Cassino: vi um leque mover-se com tanta agitação, ouvi as suas varetas estalarem com tanto estrepito, que appliquei olhar investigador e ouvido para saber a quem eram destinados os seus movimentos rápidos e aquelles estalidos incessantes.— Na extremidade opposta do salão notei os galanteios que uma casaca preta dirigia risonha a um vestido de escomilha branca: tinha descoberto a incognita, e resolvido o problema um pouco intrincado da animação do leque.<sup>26</sup>

Durante os saraus e bailes, algumas regras de etiqueta deveriam ser tomadas. De acordo com a historiadora Mary Del Priori (2016), nos saraus as conversas deveriam ser decentes e honestas e o modo de se portar nunca deveria recorrer a gestos “espalhafatosos”.

---

<sup>24</sup> DEL PRIORI, Mary. Histórias da gente brasileira. São Paulo: Leya Editora, 2016, p. 380.

<sup>25</sup> Revista Popular, Tomo VIII, jun-set de 1860, p. 313. Acervo da BN Digital.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 313.

Uma dama nunca deveria demonstrar-se afoita para bailar com um rapaz e comportar-se muito “alegre” ou ruidosa no contato, bem como evitar conversas com rapazes desconhecidos, falar sempre baixo e evitar os excessos da moda.<sup>27</sup> Seguindo essa lógica, o comportamento retratado pelo trecho transcrito da crônica, por mais que se utilizasse dos códigos corporais, chamou a atenção pela falta de discrição.

Ainda conforme Mary del Priori (2016), os namoros à época da *Revista Popular* foram muito raros, conseguir conversar com uma moça era uma tarefa por vezes difícil, dependiam do consentimento dos pais. Se os namoros deveriam ser curtos, os noivados igualmente, ainda com poucas possibilidades de intimidades. Viajantes se admiravam de ver que as moças não andavam sozinhas, estavam sempre acompanhadas de um parente próximo, não podiam ficar acompanhadas do noivo sem a presença de um familiar. Um namoro poderia se caracterizar pelos olhares da janela, para ver na rua seu admirador passar. Caberia um moço interessado em alguma moça driblar os cuidados excessivos para conseguir uma prosa.<sup>28</sup>

No tomo IX, Carlos trouxe o exemplo de um moço que, na busca de um casamento vantajoso, programou-se em ir a uma exposição, estudou os quadros a fim de ser solícito e gentil às moças e suas companhias, geralmente uma avó ou tia mais velha, a fim de iniciar uma conversa que suscitasse o interesse. Na perspectiva do moço relatada por Carlos, sua tarefa seria fácil, pois casamento seria uma aspiração das moças:

Hoje as viúvas, as solteironas de meia idade e as meninas que não pestanejam quando se lhes fala em marido, já poderão o medo ao papão, e acompanhadas apenas de uma velha tia ou uma prima de faces enrugadas, passeiam pela rua do Ouvidor e abalançam-se a entrar no templo das artes. Preciso é eu seja muito infeliz, e não tire partido dos meus dons naturais, para não conquistar uma d'essas senhoras, cuja corda sensível é o casamento.<sup>29</sup>

As crônicas, por algumas vezes, divulgaram poemas que de acordo com seu autor foram enviadas por suas leitoras. No tomo VIII, na crônica de setembro de 1860, o autor explicou que foi confiado a ele uma linda poesia, que fez a indiscrição de transcrever em suas páginas. Foi escrita por uma senhora, que considerando ele uma exceção de regra, entretinha o espírito com os trabalhos literários. Apontou ainda o autor das crônicas que vendo tão delicados versos, não quis privar as leitoras dele e relacionou poesias à feminilidade.<sup>30</sup> Na crônica referente a 10 de setembro de 1861, no tomo XI, Carlos agradeceu a mais duas leitoras que

---

<sup>27</sup> DEL PRIORI, Mary. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya Editora, 2016, p. 253.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 379-381.

<sup>29</sup> *Revista Popular*, tomo IX, jan-mar de 1861, p. 188. Acervo da BN Digital.

<sup>30</sup> *Revista Popular*, tomo VIII, out- dez de 1860, p. 60-61. Acervo da BN Digital.

afirma terem tido a benevolência de dispensar suas primeiras produções dedicadas ao culto das musas. Salientou que ficou feliz em registrar os talentos que crescem à sombra da modéstia, e não faz praça dos seus conhecimentos literários. Tratava-se de dois poemas, o primeiro assinado como Ann. Silva e o segundo como P. Silva.<sup>31</sup> Foi interessante notar que durante a circulação da *Revista Popular* poucos textos possuíam autorias femininas ou supostamente pseudônimos femininos. Contudo, dentre as “Chronica da Quinzena” escritas por Carlos, foi possível localizar cinco poesias que o autor afirma ter recebido de suas leitoras.

No final do 3º ano de circulação da *Revista Popular* assumiu as crônicas O Velho, pseudônimo que pode ser atribuído a Joaquim Manuel de Macedo, como já colocado anteriormente. Esse autor, nascido em Itaboraí, em 1820, formou-se em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, não exerceu a sua profissão, contudo foi professor de corografia e história do Brasil no Colégio Pedro II, Membro do Conselho Diretor da Instrução pública da Corte, integrou a diretoria do IHGB em 1852 e foi ainda deputado provincial e geral.<sup>32</sup>

Escreveu romances como *A Moreninha* (1 ed., 1844), *O Moço louro* (1 ed., 1845), *Os dois amores* (1 ed., 1848), *Roza* (1 ed., 1849/51), *Vicentina* (1 ed., 1853), *O Forasteiro* (1 ed., 1855), *Romances da Semana* (coletânea de folhetins anteriormente publicados em: *A Semana*, e *Crônica do Jornal do Comércio*, 1 ed., 1861), *O Culto do dever* (1865), *Mazelas da atualidade* (em verso, 1867), *A Luneta mágica* (1869), *O Rio do quarto* (romance histórico, 1869), *Nina* (1ª. edição, 1869), *As Mulheres de mantilha* (romance histórico, 1 ed., 1870), *Um noivo e duas noivas* (1871), *A namoradeira* (1870), *Os quatro pontos cardeais* (1872), *A Baronesa de amor* (1876), *A Nebulosa* (poema-romance, 1857), *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* (em estilo romântico, 1862, 63).<sup>33</sup>

Adjovanes Almeida (2013) informa que o autor escreveu ainda inúmeras obras de história, e livros para o seu ensino, como *Lições de História do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio de Pedro II* (1861, 1863); *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primária* (2a. edição, 1865); *Mulheres Célebres* (obra adotada pelo governo imperial para as escolas primárias femininas da Corte, 1878); *O Ano Biográfico Brasileiro* (1876); *Efeméride da história do Brasil* (1877).<sup>34</sup>

Quando O Velho anunciou estar à frente das crônicas no lugar de Carlos, afirmou que esse soube ganhar a estima dos leitores e foi um “bom amigo” deles. Relatou ainda o bom

---

<sup>31</sup> *Revista Popular*, tomo XI, jul-set de 1861, p. 379-380. Acervo da BN Digital.

<sup>32</sup> ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva. Joaquim Manoel de Macedo e o IHGB. *Encontros* (Rio de Janeiro), v. 21, 2013, p. 51-52.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 51-52.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 53-54.

relacionamento que ele mantinha com as leitoras: “um amigo que conversava com vossas filhas na sala do toucador, com vossas esposas na sala de visitas, e que nunca deixara uma idéia menos innocente no espirito um sentimento menos nobre no seio de qualquer d'ellas”<sup>35</sup>. Alertou que o autor não abandonou a publicação e instigou os leitores a buscarem atentamente outros textos assinados com seus pseudônimos.

Assim como Carlos, O Velho explorou os teatros, as manifestações culturais e literárias da cidade do Rio de Janeiro. Esses pontos foram os assuntos mais abordados pelo autor que, diferentemente de Carlos, não mostrou predileção pelo relato dos boatos e pequenos acontecimentos dos bailes, saraus, salões e clubes cariocas e também pela moda. Embora a descrição dos figurinos e os modelos continuassem a compor a revista e as crônicas, a tarefa claramente não foi encarada da mesma maneira que Carlos, que descrevia minuciosamente os modelos. Em comparação com o cronista anterior, pouco conversou com as leitoras da revista.

Um dos temas mais abordados do autor dessa segunda fase das crônicas foi o teatro, de acordo com Rafael Bosisio (2010) Macedo também atuou na dramaturgia e foi membro do Conselho do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro onde era censor. Conforme o autor, o teatro de Macedo foi tipicamente romântico, suas peças alternavam-se entre dramas e comédias e contavam com tom moralizante, pois para Macedo deveria se atribuir um fim educativo ao teatro.<sup>36</sup>

O Velho se propôs também a abordar as notícias literárias, comentando os lançamentos das obras que estariam vindo a público, a fim de cultivar as letras, principalmente para a juventude. Dessa maneira, apresentou aos leitores, escritores desconhecidos até então. No trecho abaixo, ao iniciar suas atividades nas crônicas, mencionou como seria o seu trabalho com o crítico:

O velho mo pretende as honras de critico; registrando, porem, as publicações que se forem apresentando ao publico, terá sempre uma palavra de animação para a mocidade, que cultiva as letras. Quando me atacarem ancias de parecer severo, tractarei de sel-o em primeiro logar com os auctores que tiverem dado annos ao officio.<sup>37</sup>

Ao examinar as obras de Macedo, Rafael Bosisio (2010) assegura que elas geralmente abordaram, em grande parte, o espaço doméstico, as formas e práticas de sociabilidade dos salões da sociedade fluminense em sua camada rica e afrancesada, atentando-se ao luxo e a

---

<sup>35</sup> Revista Popular, tomo XII, out-dez de 1861, p. 249. Acervo da BN Digital.

<sup>36</sup> BOSISIO, Rafael de Almeida Daltro. Um escritor no Segundo Reinado: a trajetória de Joaquim Manuel de Macedo. Revista Augustus. v. 30, p. 69-70.

<sup>37</sup> Revista Popular, tomo XII, out-dez de 1861, p. 318. Acervo BN Digital.

ostentação.<sup>38</sup> Contudo, os aspectos literários e dos teatros foram mais explorados nas crônicas que escreveu para a *Revista Popular*. Carlos fazia intensas reclamações do marasmo dos salões, O Velho relatava essa situação no teatro também:

Os theatros da capital continuão em triste e desanimadora situação; não ha um só d'elles que não se queixe do abandono, em que vegeta; mas o que é um grande mal, póde tornar-se em um grande bem. D'esse estado de mina ou dismantelamento geral quem sabe se não sahirá algum bom theatro?...O instinto da conservação pode, e mesmo deve operar este milagre. A companhia do theatro de S. Pedro não está boa. A companhia do theatro do Gymnasio não está boa. A companhia do theatro de S. Januário não está boa. Todas tres estão doentes, e não quero discutir agora qual d'ellas se acha mais perigosamente enferma. A molestia que aflige a todas tres é sempre a mesma, e receio bem ve-las dentro em breve acabar de marasmo.<sup>39</sup>

Seus textos possuíam um tom informativo, traziam as últimas notícias dos teatros, políticas, problemas urbanos do Rio de Janeiro, críticas ao policiamento da cidade e as últimas informações das demais províncias do Império. Destacou-se também nas notícias literárias. No tomo XIV, o autor mencionou os livros que já havia comentado em seus textos e elogia o papel da livraria Garnier para as letras nacionais:

As ultimas semanas tem sido realmente donosas e afortunadas em relação ao movimento litterario, que ás vezes ou quasi sempre mal se faz sentir ainda mesmo na capital do Império. A casa do Sr. B. L. Garnier está prestando verdadeiros serviços ao Brasil com as edicções que vai apresentando de obras estimaveis de autores antigos e contemporâneos nacionaes, e de traducções de grande utilidade e proveito para o paiz. Já tinhamos recebido este anno Marília de Dirceu, e o Curso de Litteratura Nacional do Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, e agora, ao paquete francez que foi portador do tomo primeiro da Historia do Brasil de Roberto Southey, traduzida pelo Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e annotada pelo Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, seguiu-se o paquete inglez que nos veiu trazer a Assumpção, poema de S. Carlos, e as Brasileiras Celebres do Sr. Norbertó de Souza Silva.<sup>40</sup>

Ponderando as características de ambos os autores das crônicas, para Marcella Abreu (2008), Macedo teria optado em abordar, mais assiduamente, a emergência do desenvolvimento literário, artístico e cênico do país.<sup>41</sup> Seguramente, Carlos não deixou de abordar esses assuntos, porém deu mais espaço do que O Velho aos salões de baile, saraus, moda e dialogou mais com as leitoras da revista.

---

<sup>38</sup> BOSISIO, Rafael de Almeida Daltro. Um escritor no Segundo Reinado: a trajetória de Joaquim Manuel de Macedo. *Revista Augustus*. v. 30, p. 72.

<sup>39</sup> *Revista Popular*, tomo XIV, abr-jun de 1862, p.62. Acervo BN Digital.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 252.

<sup>41</sup> ABREU, Marcella dos Santos. *Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862)*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 101.

Outro elemento que pôde ser examinado nas crônicas foram os assuntos de “agulha”, as modas, que formaram na publicação interessantes relatos sobre a difusão dos costumes franceses, e de como a moda foi um elemento importante na boa educação das mulheres da elite.

### 3.1 Os trabalhos de agulha: a moda na *Revista Popular*

Conforme promessa feita na primeira carta da redação, a moda e os trabalhos de agulha não faltaram na *Revista Popular*. Assim como em outras publicações de sua época, o periódico trouxe em suas edições, estampas de uma página inteira com figurinos que vinham da Europa por meio dos *pocket boats* ou “paquetes”. Foi comum durante as crônicas que seu escritor anunciasse as últimas notícias, as últimas modas, os últimos produtos que chegavam pelos paquetes. De acordo com Luís Felipe Alencastro (1998), os paquetes adentraram o imaginário brasileiro da época, pela regularidade em que aportavam nas águas da baía de Guanabara.<sup>42</sup>

Os modelos importados pela revista foram apresentados em papel *couché*, medindo de 27 x 20 cm, a maior parte ilustradas por Anaïs Coulin Toudouze, Jules David e Compte-Calix, artistas franceses reconhecidos pela produção de figurinos de modas.<sup>43</sup> Marcella Abreu (2008), apoiada em Gilda de Mello e Souza (2001), afirma que os assuntos eram relacionados às tendências da moda inglesa, mas sobretudo da francesa, que também foram exploradas pelos periódicos como *Novo Correio de Modas* (1852-1854) em uma seção de crônicas que seria análoga à seção “Chronica da Quinzena”, denominada de “Folhetim da Quinzena”.<sup>44</sup> Integram ainda essa lista periódicos: o *Armazem de Novellas Escolhidas* (1851), *O Jornal das Senhoras* de Joana Paula Manso Noronha (1852-1855), *O Jardim das Damas* (1852), *Recreio do Bello-Sexo* (1852-1856), dentre outros.

Dulcília Buitoni (2009) e Ana Luiza Martins (2013) apontam que a moda foi um dos temas mais tradicionais da imprensa para as mulheres, assim como os romances de folhetins, os figurinos seriam uma boa “isca” feminina, sendo então uma das estratégias de fazer das mulheres um público cativo. Certamente, essas seções também respondiam às preocupações

---

<sup>42</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Vol. 2. p. 40.

<sup>43</sup> ABREU, Marcella dos Santos. Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862). 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 11.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 36.

relacionadas ao bem vestir proporcionadas pelo incremento de atividades que as mulheres poderiam participar durante o século XIX.

Vinícius Gagliardo (2016) comenta que com o abrandamento da reclusão feminina, as mulheres passaram a se preocupar mais com as suas vestes, sendo a referência para isso os modelos vindos da França. O autor explica que a moda francesa passou por algumas modificações a partir da Revolução em 1789, quando foram adotados trajes mais simples, com chapéus e sapatos menos luxuosos, uma negação aos modelos aristocráticos de antes. Já a partir dos anos de 1820, os excessos anteriores a 1789 voltam a se tornar moda. Possuíam como ideal saias mais rodadas, cinturas mais finas e quadris largos, efeito conseguido por meio do espartilho. As mangas passam a se afofar e os chapéus e penteados voltaram a ficar maiores e mais elaborados. Foi ainda em meados dos oitocentos que foi criada uma nova crinolina, uma espécie de armação de metal que dava mais volume as saias na parte de trás.<sup>45</sup>

Dessa forma, delineavam-se as partes do corpo que deveriam ser ressaltadas, a cintura fina apertada pelos espartilhos, que ao mesmo tempo acentuava os decotes e os traseiros aumentados pelas anquinhas. Mesmo que se objetivava vestir-se de maneira prudente, certas partes do corpo ganhavam atenção, como o colo disfarçado sob rendas e as extremidades do corpo, como pés e mãos, que ganhavam olhares por suas formas e gestos. Admirava-se as mãos longas com dedos finos e unhas arredondadas e os pés pequenos e finos, os modelos de sapatos que terminavam em ponta significavam ainda a distinção social.<sup>46</sup>

As tendências da moda, conforme evidenciados por Vinícius Gagliardo (2016), coincidem com os propagados pelos modelos veiculados pela *Revista Popular*. Carlos, o primeiro autor das crônicas, foi incansável em descrever os modelos da publicação com riqueza de detalhes, esforçando-se para trazer em seus textos até mesmo a colaboração de modistas francesas da Rua do Ouvidor. Nas primeiras crônicas, o autor ainda exprimiu descrições modestas dos vestidos, pedindo por vezes o auxílio de Mme Dazon: “Ajudado por uma senhora profissional, obtive o que em minha vida nunca poderia alcançar; ao seu talento, pois, e não a minha compreensão”<sup>47</sup>. Nesse âmbito, o primeiro figurino da *Revista Popular* foi descrito da seguinte maneira pela modista:

Vestido de cassa bordada de duas saias; a primeira saia tem um babado, composto de tiras bordada e entre-meios de renda. Por cima do babado, fofo de cassa muito transparente com fita passada por dentro; a segunda saia é moldurada por um bordado

<sup>45</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. *Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista*. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 95

<sup>46</sup> DEL PRIORI, Mary. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya Editora, 2016, p. 368-372.

<sup>47</sup> *Revista Popular*, tomo II, abr-jun de 1859, p. 58. Acervo BN Digital.

largo, e com avental; o avental é, como o babado da primeira saia, feito de tiras bordadas e entremeio: o corpinho afogado, com o talhe redondo, pouco franzido por baixo, é lizo da parte de cima, e igualmente franzidas em cima, por baixo são guarnecidas de fofo como os da primeira saia, com fita por dentro e enfeitadas na extremidade com uma ira bordada; as mangas de baixo, chamadas balão, são de cassa fechadas por fofos com fita por dentro e laço. Penteados – Faxas levantas com enfeite de flores e renda. Luvas côr de canna. – Este lindo traje é ao mesmo tempo simples, rico e elegante. [...] Este traje é de bello efeito, para uma moça solteira.<sup>48</sup>

Os detalhes acima referem-se a um modelo que veio no tomo anterior da revista, um figurino composto por babados, fitas, rendas e mangas afofadas que se direcionava às mulheres solteiras, a descrição atentou-se aos dois modelos da Figura.

**Figura 7– Modelo de vestido 1**



**Fonte:** Revista Popular, tomo I, jan-fev de 1859. Acervo BN Digital.

<sup>48</sup> Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p. 58-59. Acervo BN Digital.

No segundo tomo da publicação que circulou no 2º trimestre de 1859, Carlos apresentou algumas críticas às efemeridades e caprichos das modas. Por ocasião da quaresma, o autor comentou que foram confeccionados muitos vestidos pretos, que logo seriam atirados em algum canto do guarda roupa e seriam lembrados apenas na próxima quaresma ou semana santa:

É esta a sorte de quase todos os vestidos! Ao menos capricho da moda, menina inconstante e volúvel como todas as meninas, que se tem em conta de bonitas, não é dado ao vestido de veludo, de seda, ou de lã contar se quer com a reforma ou aposentadoria. Banido para logo da companhia daqueles que substituirão, é condenado ai mas degradante degredo, que se póde infligir a um estofado de qualquer natureza: virando do avesso, vae ocupar o ultimo gancho do móvel, que já serviu-lhe de mostrador, e ahi espera que o mofo lhe altere as cores, e quebre-lhe um por um os fios delicados do seu tecido outr'ora tão gabado!<sup>49</sup>

Continuou afirmando que a moda repele economias e em tom irônico afirmou que nada menos gracioso do que fazer oposição à moda, mas que, olhando por outro lado, essas mudanças ajudariam as costureiras das casas de Lacarrière, Seurat, Dazon, Vallerstein, Décap, estabelecimentos que recomendava às suas leitoras. Logo, o autor introduziu o próximo figurino afirmando ter ouvido dizer que não seria capaz de detalhar as gravuras que estava submetendo à apreciação, explicou que se dedicou muito, dando asas à imaginação, mas sendo modesto, lamentou talvez não ter conseguido tal intenção e, portanto, não deveria ser incriminado.

Primeiro vestuário; trajo de baile.—Vestido de filo cor de rosa da China, de duas saias; a primeira é formada por tres fofos, denominados babados balões, e a segunda representa um fofo maior que os da primeira: corpinho liso decotado, com bico adiante e atraz; mangas curtas de um so babado, acompanhadas por baixo de outras brancas de um so fofo: charpa á Imperatriz, de velludo preto com agulhetas e enfeites de aço polido ao lado esquerdo; a segunda saia, bem como o fofo superior da primeira são levantados por laços de velludo preto com enfeites de aço no centro de cada laço; nos hombros collocão-se também laços de velludo guarnecidos como a charpa, sendo porem as agulhetas e os enfeites proporcionalmente menores.—Penteado á Imperatriz, com uma coroa de rosas da cor do vestido e folhagem preta.—Luvas de pellica branca; sapatos de setim egualmente branco.<sup>50</sup>

O autor mostrou manter uma interlocução com as suas leitoras como na ocasião em que se manifestou atento às suas petições por modelos mais simples. Comentou que havia chegado ao seu conhecimento que as leitoras da *Revista Popular* se queixavam dos figurinos distribuídos, pois eram demasiadamente pomposos e pediam uma grande soma para sua confecção como na crônica do tomo II:

<sup>49</sup> Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p.183. Acervo BN Digital.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 184.

Sem perder tempo, representei ao editor contra o luxo, e pedilhe que mandasse vir figurinos expressamente para a Revista. O Sr Garnier, cuja amabilidade é geralmente reconhecida, atendeu á reclamação da chronica, e conseguiu offerecer-vos hoje uma lindíssima gravura de modas, simples, de apurado gosto, e muito pouco dispendiosa.<sup>51</sup>

Para atender às suas leitoras, descreveu então um vestido de cor clara que afirmou não ser de difícil trabalho, mas recomenda a casa de P. Seurat & C.<sup>a</sup> como a mais habilitada para a confecção. Explicou que, dentre os figurinos mais simples que veio pelo paquete inglês, esse foi de maior beleza, considerado por ele como uma gravura mais formosa até do que dos jornais franceses que estavam sendo veiculados no momento. Na penúltima crônica do tomo X, Carlos elogiou os modelos vindos nos paquetes, comparando-os aos exemplares de outras publicações de sua época. O fato de comparar positivamente com as publicações francesas demonstra uma tentativa de afirmar a superioridade dos modelos da revista.

O autor também realizava comentários sobre os figurinos escolhidos pelas mulheres que frequentavam os bailes. Em uma certa ocasião, ao comentar sobre o baile da sociedade bahiana, ocorrido no dia 2 de julho de 1859, comemoração da independência daquela província, apontou que os trajes foram de enorme variedade e que mereciam sua descrição na Revista. No trecho a seguir, Carlos se refere às senhoras do baile por suas iniciais:

As Sras. M\*\*\* e A\*\*\* ganharão a palma no baile nacional os seus vestidos brancos, semeados de lilazes, tocarão a meta do simples e gracioso; o penteado, entrelaçado pelas mesmas flores, dava maior realce a elegância do enfeite do vestido, e chamava toda a atençaõ para as duas sympathicas irmãs. No baile estrangeiro distinguirão-se as Sras. G\*\*\* P\*\*\* e L\*\*\* G\*\*\*; as meninas M\*\*\* e A\*\*\* trajarão vestidos azues, que fazião sobresahir sua belleza, tão bem ou melhor, do que os vestidos brancos do baile antecedente.<sup>52</sup>

Nessa mesma crônica no tomo III, o autor relatou um cuidado que deveria ser tomado quanto à remessa dos modelos vindos da Europa, por causa da incompatibilidade entre as estações do ano nos hemisférios sul e norte. O autor explicou que solicitou, ainda em maio, que enviassem modelos apropriados para o inverno do Rio de Janeiro, que na sua opinião corresponderia ao máximo a primavera francesa. Com esse acurado, Carlos se mostrou um pouco incomodado com os mandos da moda francesa, pelo fato de precisar solicitar modelos que fossem apropriados para o clima do Brasil. O figurino, de fato, cobria mais os braços, tendo mangas compridas, contando um deles com uma capa sobre o vestido como na figura a seguir.

---

<sup>51</sup> Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p. 379. Acervo BN Digital.

<sup>52</sup> Revista Popular, tomo III, jul-set de 1859, p. 121. Acervo BN Digital.

**Figura 8 – Modelo de vestido 2**



**Fonte:** Revista Popular, tomo III, jul-set de 1859. Acervo BN Digital.

A influência da moda francesa também foi abordada por Joaquim Manuel de Macedo em seu livro “Memórias da Rua do Ouvidor”. Ao falar sobre a invasão das modistas francesas na famosa rua do Rio de Janeiro:

Rompera, enfim, a época da real e crescente celebridade rua do Ouvidor pela dominação da Moda de Paris, essa rainha despótica que governa e floresce decretando, modificando, reformando e mudando suas leis em cada estação do ano, e sublimando seu governo pelo encanto da novidade, pela graça do capricho, pelas surpresas da inconstância, pelo delírio da extravagância, e até pelo absurdo, quando traz para o rígido verão do nosso Brasil as modas de inverno de Paris.<sup>53</sup>

<sup>53</sup> Macedo (1988, p. 75) *apud* ABREU, Marcella dos Santos. Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862). 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNESP, Campinas, p. 83.

Por algumas edições, os figurinos disponibilizados pela revista buscaram atender às diversas ocasiões onde poderiam ser utilizados, como fantasias de baile de carnaval e vestidos de noivas. No tomo IV, que circulou no último trimestre de 1859, Carlos descreveu um vestido de noiva, que acreditava ser o mais perfeito e belo figurino de noiva para as “angélicas senhoras fluminenses”.

**Figura 9** – Modelo de vestido 3



**Fonte:** Revista Popular, tomo IV, out-dez de 1859. Acervo BN Digital.

No tomo V, referente ao primeiro trimestre de 1860, quando se aproximavam os festejos de carnaval, Carlos informou que com antecedência encomendou figurinos apropriados “à quadra dos folguedos”. O carnaval vinha seguido da abertura de alguns salões como o Club Fluminense que prepararia um baile de fantasias, que, de acordo com Luíz Felipe Alencastro (1998), tornaram-se comuns e mais apreciados nesse período, ocasionado por uma tentativa de

civilizar o carnaval, que era marcado pelo entrudo que ocorria nas ruas da cidade.<sup>54</sup> Um dos modelos tratava-se de um vestido ao estilo chinês, com tecidos orientais, como pode ser visto na descrição a baixo:

Vestuario chinês de chamalote côr de rosa, forrado de setim verde e debruado de nobreza côr de ouro; manta de cachemira da India escarlata e côr de ouro, traçada na cincta; leque de sândalo; dous collares de contas encarnadas e amarelas; penteado arregaçado á moda chinesa, com flores e folhas côr de rosa e de ouro.<sup>55</sup>

**Figura 10** – Modelo de vestido 4



**Fonte:** Revista Popular, Tomo V, jan-mar de 1860. Acervo da BN Digital.

Por vezes, as crônicas recorreram às modistas mais conceituadas de sua época para descrever os modelos, contribuindo para divulgar a casa a qual pertencia para a confecção do

<sup>54</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Vol. 2. p. 52-53.

<sup>55</sup> Revista Popular, tomo V, jan-mar de 1860, p. 124. Acervo BN Digital.

modelo. Anteriormente, o autor já havia indicado alguns estabelecimentos para a confecção dos figurinos e onde as fazendas e demais materiais poderiam ser encontrados, mas a partir do segundo ano de circulação da revista foi se tornando cada vez mais comum que alguns modelos fossem descritos e sugestionados para a confecção com a Mme Catharina Dazon. Ao apresentar um figurino que seria exemplo de simplicidade, pede a descrição e o consentimento de Catharina:

Esta é também a opinião de M. me Catharina Dazon, a mais hábil e conscienciosa modista do Rio de Janeiro. Foi ella quem, descrevendo a nova transformação dos vestidos, aplaudiu em primeiro logar a excelente ideia de simplificar-se o amontoado de enfeites, de que começava a ficar sobrecarregados os trajos das senhoras; foi ella ainda quem, inscrevendo-se no numero das assignantes do nosso jornal, propoz-se a cumprir fielmente todas as fantasias, com que a moda brindasse as leitoras da Revista Popular.

Abraçando o elogio feito á simplicidade hoje adoptada nos adornos dos vestuários, e aceitando a proposta de ver passar a obra, o que importamos da Europa em desenho, pela primeira vez applaudo o bom gosto, que presidia á confecção do novo figurino, e cumpro o grato dever de recomendar-vos a casa de M.me Dazon & Filho como a mais habilitada para servir-vos a vosso contento, quer na perfeição do trabalho, quer na modicidade dos preços e boa qualidade das fazendas de toda espécie.<sup>56</sup>

Em parte, as crônicas, após o término da seção “Casas Recomendáveis”, cumpriram a função de indicar alguns estabelecimentos que também se encontravam nessa seção. A página “Casas Recomendáveis”, consistia na disposição de 8 anúncios, impressos em uma página inteira, como na figura que segue.

---

<sup>56</sup> Revista Popular, Tomo V, p. 381. Acervo BN Digital.

Figura 11 – Anúncios Casas Recomendáveis

**CASAS RECOMMENDAVEIS**

<p style="text-align: center;"><b>COLLEGIO</b> DE INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO DE MENINAS EM BOTAFOGO 40 DIRIGIDO POR MM. HITCHINGS</p> <p>Neste estabelecimento se ensina todas as materias tendentes à completa instrução das meninas, e bem assim todos os ramos da mais perfeita educação; obras de costura de diversas qualidades, bordar em lã, branco, matiz e ouro, e obras de fantasia.</p>	<p style="text-align: center;"><b>AU PROPHÈTE</b> 47 RUA DO OUVIDOR 47 ROUPA FEITA</p> <p>O respeitavel publico encontrará sempre nesta casa o mais lindo sortimento de fazendas para serem feitas sobre medida; para o que temos dous habéis contra-mestres francezes, e constantemente nunca menos de 80 officiaes na nossa officina, pelo que podemos-nos encarregar de qualquer encomenda, por maior que seja, e em qualquer espaço de tempo.</p>
<p style="text-align: center;"><b>PIANISTA</b> PARA SOIRÉES</p> <p style="text-align: center;">NA LOJA DE PIANOS <b>DE KLAES IRMÃOS</b></p> <p style="text-align: center;">84 RUA DA ALFANDEGA 84</p>	<p style="text-align: center;"><b>CESAR BOUTET</b> 95 RUA DO HOSPICIO 95 AOS DOUS CONTINENTES ROUPA FEITA</p> <p>Nesta casa, já bastante conhecida, acaba de abrir-se um salão onde se encontra um completo sortimento de roupa feita para homens e crianças, tudo da melhor qualidade, mandado vir expressamente de Paris.</p>
<p style="text-align: center;"><b>VIUVA RIPPOL E FILHA</b> RUA DO ROSARIO 144 COSTUREIRAS.</p>	<p style="text-align: center;"><b>MODAS E FAZENDAS</b> INGLEZAS, FRANCEZAS E DA INDIA WALLERSTEIN MASSET E C. OUVIDOR 70.</p> <p>Artigos de todas as qualidades para homens e meninos, chapéus e bonés, panos, casimira, brins, fazenda para colletes, grande sortimento de camisas, roupa feita, luvas, meias, morim, linho, etc., etc.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FAZENDAS</b> E MODAS FRANCEZAS OUVIDOR 97, CASA EM PARIS CATHERINE DAZON</p> <p>Grande sortimento de fazendas francezas, sedas, em peças e em cortes de vestidos de todas as qualidades; rendas, bordados, chapéus para senhoras, grinaldas para bailes e casamentos. Apremio-se com brevidade e perfeição.</p>	<p style="text-align: center;"><b>AS QUATRO NAÇÕES</b> OUVIDOR 66 PEDRO SIMONARD RELOJOEIRO</p> <p>Grande sortimento de chronometros ingleses e suissos, meios chronometros, relogios de dar corda sem chave e com corda para oito dias, relogios Duplex, anocra, cylindro, ditos esmaltados com brilhantes e diamantes para senhoras, mais rico e completo sortimento de corretes modernas.</p>

Fonte: Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859. Acervo da BN Digital.

Durante o período em que a *Revista Popular* circulou, foram encontrados 32 anúncios compostos por casas de fazendas, costureiras, relojoeiros, casas de roupas feitas, sapatos tipografias, guarda livros, comércio de artigos de luxo como vinhos, pianos e joias, escolas para meninos e meninas, bem como obras avulsas. As páginas dos anúncios foram consideradas importantes, pois são indícios sobre o consumo e o comércio do Rio de Janeiro, também contribuindo para elucidar a quais públicos se direcionava a publicação.

**Quadro 3: Anúncios Casas Recomendáveis**

	Casas Recomendáveis			
	Anunciante	Serviço	Língua	Endereço
1	Hortense Lacarriere	Chapéus para senhoras, modas e fazendas francesas, fitas, chalés, sedas	Português	Rua do Ouvidor, 68
2	Fazendas e modas Francesas Catherine Dazon	Fazendas francesas, sedas, vestidos, rendas, bordados, chapéus para senhoras, grinaldas para bailes e casamentos	Português	Rua do Ouvidor, 97
3	Colégio da Mme Hitchings	Instrução e educação de meninas.	Português	Rua Botafogo, 40
4	Au Prophéte Roupas Feita	Fazendas para serem feitas sobre medida	Português	Rua do Ouvidor, 47
5	Consultórios Especial de Homeopatia Pura	Consultas homeopáticas	Português	Rua S. José, 58
6	Cesar Boutet Roupas Feita	Roupas feitas para homens e crianças vindas de Paris	Português	Rua do Hospício, 95
7	Julio Boulte Relojoeiro e Ourives	Relógios de parede, mesa, algibeira de ouro e de prata, cronômetros, franceses, suíços, ingleses, joias de paris, talheres de prata	Português	Rua do Ouvidor, 90
8	Modas e fazendas Wallerstein Masset e C.	Roupas para homens e meninos, chapéus, bonés, meias, luvas e etc.	Português	Rua do Ouvidor, 70
9	As Quatro Nações e Pedro Simonard	Cronometros ingleses e suíços, relógios com corda e sem corda, com diamantes para senhoras, modernas	Português	Rua do Ouvidor, 66
10	Casa de Modas Pereira da Silva	Fazendas francesas, sedas, cortes para os bailes, artigos para casamento, lenços, linhos, chapéus, artigos para batizados	Português	Rua da Quitanda, 23
11	Morange e C. Compras e comissões de Paris	Papeis, penas, lápis, canivetes, caixas de tinta.	Português	Rua do Ouvidor, 59
12	A e F Desmarais – Cabelereiros da casa Imperial	Objetos de fantasia como bronzes cristais, porcelanas, perfumarias, charutos de havana	Português	Rua do Ouvidor, 86
13	A La Ville de Bruxelles Madame Creten – Camiseira de S.M. Imperador	Roupas feitas	Português	Rua do Ouvidor, 133
14	Á Bella União – Duvivier e C.	Chapéus, toucas, enfeites, leques, lenços e luvas, flores, grinaldas	Português	Rua do Ouvidor, 118
15	Madame Menuisier	Rendas, bordados	Português	Rua d' Ajuda, 83
16	Tipografia Moderna de Georges Bertrand	Para impressões simples e complicadas	Português	Rua d' Ajuda 73
17	Guarda Livros Dubourjat	Escrituração e balanço de qualquer natureza. Bom conhecedor as línguas francesas, portuguesa e inglesa	Português	Rua do Rosário, 144
18	Pianista e Klaes Irmãos	Loja de pianos	Português	Rua da Alfandega, 84
19	Cesar Boutet – Roupas Feita	Roupas feitas para homens e crianças	Português	Rua do Hospício, 95
20	Viuva Rippol e filho	Serviços de costuras	Português	Rua do Rosário, 144

21	V. Lagarde	Vinhos, cartolas, caixas de madeira, conservas alimentares, cerveja e absinto	Português	Rua d'Assembleia, 79
22	Bechet	Calçados para senhoras e meninos	Português	Rua d'Assembleia, 93
23	Oficina de encadernar – A.J. Martins da Cunha	Encadernação, pautação, mimos de presentes, carteiras e charuteiras, álbuns, livros de missa, livros e branco	Português	Rua da Misericórdia, 48
24	Ao Trovador	Casa especial de roupa branca	Português	Rua do Ouvidor, 107
25	Tratado de Harmonia	Obra de conhecimento em harmonia, composição, instrumentação	Português	Rua da Quitanda, 43.
26	Elixir do Dr. Guillié	Um tônico acompanhado de um tratado de origem dos humores viscosos	Português	Livraria Garnier (Rua do Ouvidor,69), Casa de M. Lima Irmãos e Cia.
27	Relojoaria Inglesa	Relógio ingleses e bijouterias	Português	Rua do Ouvidor, 157
28	Agencia Geral para a venda das maquinas de costura de Grover Baker e C.	Maquinas de costura	Português	Rua da Quitanda, 40
29	Géographie Universelle	Uma obra de Geografia	Francês	Não informado
30	Tecido Eletro-magnetico	Tecido aprovado pela academia de medicina de Paris, eficiente para as dores gotosas, reumatismos, nevrálgicas, enxaquecas entre outros	Português	Encontrado na livraria Garnier (Rua do Ouvidor, 69), na Bahia na casa M, lima irmãos e Cia.
31	Lyceo Roosmalen	Instrução e educação de meninos	Português	Rua do Rezende, 26
32	L'echo du Brésil	Jornal francês	Francês	Rua do Rosário, 100

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Dos treze (13) anúncios que se relacionavam ao comércio de roupas, fazendas sapatos e confecção de vestidos, onze (11) são de moda feminina. Foram anunciados dois (2) colégios, sendo um deles um estabelecimento direcionado a educação e instrução feminina, onde se ensinava as prendas domésticas. Somam-se a esses, sete (7) anúncios sobre lojas que vendiam relógios e artigos de luxo como joias, pianos, caixas de música e vinhos. Os outros anúncios referem-se a algumas obras e tratados de geografia e música, de consultórios homeopáticos, tipografias e máquinas de costura.

Pelo menos dezenove (19) anúncios possuíam em seus títulos nomes franceses, sejam eles casas de fazenda, roupas e costureiras, artigos de luxo, sapateiros, cabelereiros, obras ou jornais, o que mostra uma significativa abertura e aceitabilidade dos produtos e serviços desse país, mas além disso, de sua cultura. Não significa apenas a aquisição de bens, como também a importação de um modelo, de um padrão de civilização, considerado como ideal, como sinaliza

Tania Bessone Ferreira (2011), que também auxilia compreender que o estudo da seção “Casas Recomendáveis” possibilita vislumbrar como o luxo penetrava na cidade, de como a moda recebeu influências das casas comerciais francesas que objetivavam atender a uma parcela restrita da população, que ditava as regras do comportamento da elite econômico-social. Foi comum que jornais e revistas divulgassem, principalmente entre o público feminino, aspectos da cultura francesa que tiveram impacto no dia a dia da cidade: moda, etiqueta, literatura e passa tempos.<sup>57</sup>

De acordo com Fátima Liuti (2007), a rua mais mencionada nos anúncios foi a do Ouvidor, que desde a chegada da Corte Portuguesa foi tomando contornos de importante centro econômico e cultural da época. Foi aí que se instalaram atacadistas franceses e ingleses, que ofereciam suas chapelarias, perfumes, objetos de adornos, a moda para as senhoras. Quase tudo que se importava da França se centralizava na rua do Ouvidor. Ela representava a Paris, a metrópole que exportava para o mundo o seu estilo de vida.<sup>58</sup>

Se no início do século XIX a rua era uma viela onde passavam carros de boi, com precária iluminação, posteriormente a esse período passou a ser o local das *maisons* das mais famosas modistas do Rio, dos principais jornais e revistas em circulação, dos livreiros e editores mais requisitados, elegante local de passeio e encontro onde se adquiria os elementos do bem viver e vestir para às mulheres e homens da elite carioca.<sup>59</sup> Nas palavras de Fátima Liuti (2007), esse espaço também foi um espaço de sociabilidade para as mulheres da elite do Rio de Janeiro:

À medida que a cidade do Rio de Janeiro se moderniza, alteram-se os hábitos e surgem novas formas de sociabilidade tendo como referência e paradigma os grandes centros europeus. O espaço da rua é invadido pela multidão e, em especial, pelas mulheres, e não fica mais restrito ao mundo masculino, a despeito do que se tinha convenicionado até então no código urbano público fluminense. A partir da segunda metade do século XIX, a sociedade fechada do Rio de Janeiro se abre para os salões. Estes se tornam espaços privilegiados para abrigar as classes abastadas que passam a se reunir para uma série de atividades econômicas, políticas, culturais.<sup>60</sup>

A presença feminina em busca da moda na rua do Ouvidor foi também uma presença notada nos relatos de diversos contemporâneos do século XIX, como a escrita dos viajantes. O conde Suzannet relata em sua passagem pelo Rio, o estado de suas ruas e praças, que considera pouco movimentadas e cuidadas, mas abre uma ressalva para a afamada rua:

---

<sup>57</sup> FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. A presença francesa no mundo dos impressos no Brasil. In: KNAUSS, Paulo et al. (Org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Império*. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2011, v. 1, p. 41-47.

<sup>58</sup> LIUTI, Fátima de Lourdes Ferreira. *Representações literárias da Rua do Ouvidor*. 2007. 215 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, p. 84.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p.85.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 86.

A Rua do Ouvidor é a única exceção. Os brasileiros comparam-na à nossa Rua Vivienne. A respeito desta rua, onde estão situadas todas as lojas francesas, MR. Say faz a seguinte reflexão: “Uma indústria nova, da qual os franceses conservam o privilégio, foi a introdução de moças jovens e bonitas que venham em pessoas vender nossas mercadorias.”<sup>61</sup>

Em um relato de Jean de Bonnefous, destaca-se a vida cultural e intelectual da rua, mas também a presença das moças e seus hábitos.

Essa Rua do Ouvidor, ao que eu saiba, é a artéria mais curiosa do Rio. É onde as pessoas vão para ser vistas; vai-se ara ver passar Mme. X... ou Mlle. Z... Do meio-dia às quatro horas, as senhoras e senhoritas não temem entrar em todas as lojas da rua e passear triunfantes, no meio de uma multidão de curiosos, vestidos à casaca, jaquetas, poucos de jaquetão, sem outra preocupação além de criticar. Quase todos os jornais têm redação na Rua do Ouvidor; os jornalistas, homens de letras, repórteres, formam a maior parte do movimento humano dessa rua.<sup>62</sup>

A sugestão de figurinos e sua descrição por meio das crônicas não foram uma exclusividade da *Revista Popular*. Outros periódicos sejam eles femininos, ou até mesmo de um público mais amplo, se utilizaram desses figurinos para cativar um público importante como aponta Ana Luiza Martins (2003). Observou-se uma preponderância da moda francesa, que chegava no Brasil por meio dos pacotes e das mais importantes modistas da cidade do Rio de Janeiro. Essa preponderância não passou em branco na crítica de Carlos, que acreditava que a difusão da moda francesa era despótica, conforme bem salienta Marcela Abreu (2008). Contudo, ainda assim, os elementos da cultura francesa foram bem aceitos por aqueles que viam no país europeu sinônimo de civilização e modernidade.

Os cuidados das mulheres com a moda serviam também para marcar a distinção das mulheres ‘consideradas respeitáveis’, que deveriam se portar e vestir com pudor. Vinícius Gagliardo (2016) explica que as cores quentes, como o vermelho poderiam simbolizar a sexualidade e por tanto os tons mais claros eram sugeridos às mulheres solteiras, pois relacionavam-se aos atributos puros e virginais. O mesmo pode se dizer dos penteados, as mulheres de elite deveriam sair de casa com os cabelos presos, para se diferenciarem das mulheres do pobres e das prostitutas, que mantinham seus cabelos em penteados soltos. Uma

---

<sup>61</sup> LEITE, Miriam Moreira. *A Condição Feminina no Rio de Janeiro: Século XIX*. Rio de Janeiro: HUCITEC/Pró-memória Instituto nacional do livro, 1984, p. 158.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 162.

senhora considerada “respeitável” só deixaria o cabelo solto na intimidade do lar na companhia de seu marido.<sup>63</sup>

Sendo assim, percebe-se que a moda foi mais um assunto no qual as mulheres deveriam dominar, uma vez que revelava sua educação e fineza. Era prudente que elas soubessem fazer uso desse recurso com sabedoria, para se diferenciarem socialmente. Assim, certamente, as “Chronica da Quinzena” instruíram quanto aos pressupostos da moda que vigoravam no momento em que circularam.

As crônicas também, ao relatarem a vida social, cultural e intelectual do Rio de Janeiro, fizeram aparecer um grupo de mulheres que foram representadas pelos seus escritores. Foi possível compreender aspectos do cotidiano feminino em um contexto que, mesmo com a afirmação no espaço privado, as mulheres deveriam estar bem instruídas quanto ao espaço público. Conforme estudado em Mary Del Priori (2016), elas deveriam saber se relacionar com o sexo oposto de maneira que não colocasse em suspeita a sua honra, deveriam ao mesmo tempo apresentar-se e ser vista pela sociedade, mas sempre com recato e cuidado e atentando-se para os seus modos.

As leitoras foram representadas por Carlos como importantes patrocinadoras da publicação, fontes de anedotas e relatos nos bailes, mas também como preocupadas excessivamente com a aparência, com a moda, como rivais, visto os assuntos que o cronista dispensava a elas. Afirmou ainda que a economia não era uma característica das mulheres. Foram constantemente relatadas como gladiadoras na busca do prêmio casamento, um bom par de dança, incapazes de firmar amizades pela extrema competição em ser bela e bem vestida, justificando o “mulher se veste para outra mulher ver”.

Nesse sentido, as crônicas indicaram formas de se vestir com cuidado e recato, evidenciou as formas e comportamentos que seriam desaprováveis nas mulheres ao relatar os comportamentos de suas leitoras ou de outras mulheres que frequentavam a vida social do Rio de Janeiro, podendo tê-las exposto ou lançado suspeitas sobre aquelas das quais falava por citar suas iniciais.

Por representarem certas formas adequadas de se vestir, admoestarem certos comportamentos mal vistos como a excessiva vaidade e competitividade entre as moças, pelos relatos dos flertes e cortes percebeu-se que esses momentos eram cercados de certos cuidados, que mesmo que pouco falada, até mesmo a linguagem corporal precisava ser discreta. Mostrou-

---

<sup>63</sup> GAGLIARDO, Vinicius Cranek. *Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista*. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, p. 97.

se que as moças dificilmente saíam sozinhas, sempre estavam acompanhadas de um parente justamente pelas desconfianças com o espaço público. Dessa forma, as crônicas revelaram alguns valores e comportamentos considerados como adequados e inadequados para as moças e sua educação na época em que a revista circulou, que por serem representados na revista poderiam indicar o que deveria ser seguido ou evitado.

Por outro lado, os mexericos, os relatos dos bailes, dos saraus e das demais ocasiões da vida cultural e social do Rio de Janeiro, possuíam um tom mais informativo, conforme apontado mesmo por Carlos, traziam frivolidades e assim apresentavam as últimas novidades às leitoras, carregando então um tom mais recreativo, de entreter as leitoras. Não se deve esquecer que mesmo que alguns comportamentos não fossem tidos como ideais, principalmente Carlos evidenciou que eram eles que movimentavam e alimentavam parte de suas crônicas.

Além de poder vislumbrar nas crônicas aspectos do cotidiano e sociabilidades femininas, representações sobre mulheres dos meados dos oitocentos, foi possível ter noção a qual público, em primeira instância, a publicação se dirigia. Além do preço da revista ser pouco acessível a maior parte da população desse período, percebe-se que as mulheres relatadas pelas “Chronica da Quinzena” pertenciam às camadas sociais mais privilegiadas. Conforme também salientado por Marcella Abreu (2005), os assuntos das crônicas, permitiram inferir o público ao qual se dirigiam os relatos dos salões da Corte, as últimas tendências da moda francesa, as atividades artísticas da cidade, interessavam à camada social com recursos necessários para desfrutar dessas oportunidades de lazer, consumo e cultura.<sup>64</sup>

Foi nas crônicas que O Velho anunciou a transformação da *Revista Popular*, no tomo referente ao último trimestre de 1862, afirmando que ela não morreria, mas se transformaria, mudaria de nome “como uma moça bonita muda de vestido”<sup>65</sup>. Informou que seria impressa em Paris, mas não deixaria de ser brasileira. Afirmou que o novo periódico seria vaidoso e bonito que faria biquinho se um velho como ele continuasse a acompanhando, mas sinaliza que mesmo assim, poderia ele mudar para acompanhar a nova publicação.

---

<sup>64</sup> ABREU, Marcella. As crônicas de Carlos José do Rosário na Revista Popular (1859-1862): o retrato da vida cultural no Brasil de oitocentos. Patrimônio e Memória (UNESP), São Paulo, v. 1, 2005, p. 141.

<sup>65</sup> Revista Popular, tomo XVI, out-dez de 1862, p. 368.

## CAPÍTULO 4:

### BRASILEIRAS CÉLEBRES: REPRESENTAÇÕES CONVERGENTES E DIVERGENTES

Os textos denominados *Brasileiras Célebres* formaram em parte a seção “Esboços Biográficos”, que integrou a *Revista Popular* durante todos os quatro anos de sua circulação. Eles foram assinados por Joaquim Norberto de Sousa, importante colaborador da revista. Foi por meio da seção que o interesse em estudar a revista se originou, visto que os primeiros contatos com a temática da instrução/educação feminina por meio de impressos no século XIX foram despertados pelos livros *Brasileiras Célebres* e *Mulheres Célebres* de Joaquim Manuel de Macedo, ambos os livros publicados também pela livraria de Garnier e os autores colaboradores da *Revista Popular*.<sup>1</sup>

Embora o “cantinho” direcionado às leituras femininas na *Revista Popular* não mencionasse esse conjunto de biografias, Marize Malta (2011) aponta que dentre as temáticas que se direcionavam às mulheres nos periódicos, as biografias de senhoras ilustres também foram um exemplo.<sup>2</sup> Conforme apontado por Armelle Enders (2000), o livro de Joaquim Norberto possuía uma inclinação pedagógica tendo em vista que deveria edificar as moças de boa família e deveria ser distribuído nas escolas. Reforçam o sentido pedagógico da obra os artigos de Talita Rodrigues (2008), que buscou analisar que tipo de brasileira o livro buscou formar, e o de Marcela Wanglon (2009), que se propôs a investigar as estratégias textuais utilizadas por Joaquim Norberto ao apresentar as biografias, a fim de compreender se os juízos por ele apresentados na obra contribuem para o fim do silêncio sobre as mulheres brasileiras na história. Para este capítulo, compreendendo a possibilidade pedagógica já apontada pelas autoras mencionadas, buscou-se examinar as representações e de que maneira as biografias construídas por Norberto convergem ou não com os pressupostos que a *Revista Popular* expressou para as mulheres e sua educação.

---

<sup>1</sup> A seção de Esboços Biográficos contou com outras biografias de mulheres, não necessariamente nascidas no Brasil. Entretanto, visto o volume de textos, foi escolhido um recorte que irá abordar apenas as biografias *Brasileiras Célebres*, visto que quando transformada em livro, se propôs a educação das meninas, e pela série de indicações em outras seções da revista que expressaram a adequação da obra para a leitura das mulheres, sugerindo assim que a seção também se direcionava à elas.

<sup>2</sup> MALTA, Marize. Fundo, detalhe e satisfação visual: decoração doméstica em A Estação. In: KNAUSS, P. et al (Orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2011, p. 93.

Primeiramente será abordado o contexto no qual o autor dos escritos circulou, levando em consideração sua formação e atuação dentro no IHGB, instituição que, dentre outras atribuições, também postulou os usos e funções da história e também da biografia no século XIX. Joaquim Norberto nasceu em Niterói no ano de 1820, em uma família abastada, tendo frequentado cursos elementares e o Seminário São Joaquim, antes de ser transformado no Imperial Colégio D. Pedro II. Não cursou direito ou medicina, como muitos dos literatos e intelectuais de seu tempo, fez aulas de comércio, inglês, filosofia e retórica, essas duas últimas ministradas por Domingos Gonçalves Magalhães.<sup>3</sup>

Começou suas contribuições na imprensa entre o final dos anos de 1830 e início de 1840 no jornal *Minerva Brasiliense*, na revista *Guanabara*, na *Semana* e no *Jornal do Commercio*. Uma de suas primeiras atribuições foi junto à Biblioteca Nacional, contudo seria lembrado ainda pela sua atuação no IHGB, onde iniciou sua trajetória em 1841, quando foi indicado como membro correspondente, em que seu trabalho *Bosquejo da História da Poesia Brasileira* lhe abriu portas para a instituição.<sup>4</sup>

No instituto, Norberto teve acesso a muitos documentos e possibilidades de pesquisas. Sônia Soares (2002) destacou seus trabalhos biográficos, juntamente com Joaquim Manuel de Macedo e Januário da Cunha Barbosa, lembrando ser Norberto o único a ter biografado mulheres nesse periódico. Foi ele quem sugeriu à agremiação a entrada de uma mulher, Beatriz Francisca de Assis Brandão, uma poetisa. A petição foi negada em uma comissão composta por Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias, que afirmaram que mesmo que não houvesse nenhuma restrição a participação de mulheres, proporiam a criação de uma academia de literatura, nunca efetivada, onde Beatriz poderia se sentir mais à vontade.<sup>5</sup>

Possivelmente, a publicação de seus trabalhos de cunho histórico, como as *Brasileiras Célebres*, foram oportunizados por sua relação com o IHGB e, nesse sentido, é importante compreender os objetivos e atribuições dessa instituição. Conforme Manoel Luís Salgado Guimarães (1988), foi no século XIX que na Europa, dentro das universidades e no Brasil nas academias, que muito se pensou e elaborou sobre a cientificidade da disciplina histórica. Aqui no Brasil, a disciplina se inseriu no bojo de um processo de consolidação dos Estados Nacionais,

---

<sup>3</sup> SOARES, Sonia Regina Pinto. Joaquim Norberto de Souza Silva: Historiador. Um olhar sobre Minas Gerais Colonial”. 2002. 248 f. Dissertação. (Mestrado em História) - Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, p. 25-26.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 48.

estando a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1838, alinhavado com essas propostas.<sup>6</sup>

De acordo com Armelle Enders (2000), a tarefa de recensear e homenagear os grandes homens coube às instituições artísticas e culturais que deveriam selecionar as figuras dignas de serem lembradas. A própria revista da instituição publicou em suas páginas alguns estudos dedicados aos "Brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes"<sup>7</sup>. Ainda conforme a autora, esse "resgate" e registro de histórias de vida extrapolou a revista da agremiação e foi também para os dicionários biográficos publicados durante o reinado de D. Pedro II.

Armelle Enders (2000) aponta ainda que a biografia possuiu uma missão pedagógica nesse período, como difusora de exemplos, servindo de guia moral e cívico. Concorda com essa perspectiva Benito Schimdt (2014) para quem, na história oitocentista, a biografia foi fundamental à pedagogia cívica e patriótica das nações em construção.<sup>8</sup> Como apontado por Armelle Enders (2000), na visão de um importante intelectual dos oitocentos, Araújo Porto Alegre, o culto aos grandes homens da pátria difundia entre a juventude um verdadeiro modelo social.<sup>9</sup>

Um dos mais proeminentes estudos sobre o gênero biográfico durante os oitocentos foi trabalho de Maria da Glória Oliveira, que, em sua tese de doutorado (2009), investigou a relação entre a escrita de biografias e a operação historiográfica dos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Para a historiadora, fixar memórias de vida e feitos de grandes homens foi uma das motivações da incorporação da escrita de biografias dentro do programa do IHGB, que desde os primórdios de sua revista trimestral trouxe a seção de *Biografias de Brasileiros Distintos por Letras, Armas e Virtudes*.<sup>10</sup>

Contudo, a autora percebe que a escrita da história não foi um tema consensual dentro da instituição, embora as concepções não fossem necessariamente excludentes ou antagônicas, foi possível identificar traços mais recorrentes na historiografia de seus membros. A autora esclarece que o *topos* da história *magistra vitae*, mesmo sendo um princípio orientador da

---

<sup>6</sup> GUIMARAES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.1, 1988, p. 06-07.

<sup>7</sup> ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, jul. 2000. p. 42.

<sup>8</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. História (São Paulo. Online), v. 33, 2014, p. 130.

<sup>9</sup> ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, jul. 2000. p. 46.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. Escrever vidas, narrar a história: A biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista. 2009. 221 f. Tese (Doutorado em história) –Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, p. 10.

atividade historiográfica, não foi uma regra e, dessa mesma forma, não havia um consenso acerca da escrita biográfica também.<sup>11</sup>

Assim como em sua tese, em outro artigo, Maria da Glória Oliveira (2015) lança como questão que a escrita de biografias por membros do IHGB não se restringiu apenas ao rito e estratégia de fixação de memórias, mas também como um problema historiográfico. A autora aponta que as biografias publicadas na revista do IHGB e pelos seus membros possuíram duas modulações, não necessariamente excludentes. A primeira modulação buscava traçar a vida de brasileiros distintos, que não deveriam cair no esquecimento, fixando memórias de vida e oferecendo o exemplo para aqueles que conhecessem sua biografia. Entretanto, a aposta biográfica dos sócios do IHGB ultrapassou a vocação moralizante de eleger e escrever sobre exemplos, funcionando também como uma chave, uma forma de acessar “a apreensão e representação dos quadros gerais do passado”<sup>12</sup>:

Em relação àquela de sentido marcadamente moralizante, esta forma de conceber a biografia está fundada menos na elaboração de retratos singulares de virtudes e de exemplos morais do que no reconhecimento do valor heurístico das vidas dos grandes homens na apreensão da história, pensada no singular coletivo.<sup>13</sup>

Dessa forma, compreende-se que a biografia foi um recurso na elaboração da experiência do tempo e no combate ao esquecimento, não imune as preocupações que perpassaram a operação historiográfica naquele momento, quando se refletiu os riscos de parcialidade e de ajuizamento moral na representação do passado<sup>14</sup>, somando as pretensões científicas da disciplina que buscava o estabelecimento e críticas das fontes:

[...] a composição dos panteões biográficos no Oitocentos pode ser compreendida como manifestação tangível e efetiva não apenas da permanência, mas das mobilizações renovadas do topos da história *magistra vitae* no contexto de elaboração das historiografias nacionais.<sup>15</sup>

Como já mencionado por Armelle Enders, para além da revista do IHGB, seus membros se puseram a escrever biografias em dicionários e em outros impressos da época, como foi na *Revista Popular*. No periódico, Joaquim Norberto não ofereceu nenhuma

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. Escrever vidas, narrar a história: A biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista. 2009. 221 f. Tese (Doutorado em história) –Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, p. 18.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, M. da Glória de. Biografia e história *magistra vitae*; sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. Anos 90 (Online) (Porto Alegre), v. 22, 2015.p. 273.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 285.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 282.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 285.

justificativa ou explicação acerca da escolha das mulheres para compor os textos, foi apenas no livro que as seleções ficaram mais claras. Nos casos de biografias masculinas, Armelle Enders (2000) explica que com o declínio dos monarcas na Europa durante o século XIX, “grandes homens das Luzes” suscitaram a exceção que naquele momento se opunha aos exemplos de reis, santos e heróis. Aqui no Brasil, poderia ser um cidadão notável nas ciências, letras, armas e virtudes que havia servido bem a sua pátria.<sup>16</sup>

No entanto, como lembra Armelle Enders (2000), menos comuns foram as biografias femininas e, provavelmente, Joaquim Norberto e Joaquim Manuel de Macedo foram 2 dos poucos membros do IHGB que escreveram histórias de vida femininas. Seriam os critérios de seleção do panteão feminino os mesmos do masculino? À primeira vista, possivelmente, contudo na *Revista Popular*, Norberto não ofereceu muitas explicações, sendo essas encontradas apenas na versão onde as biografias foram organizadas enquanto livro.

Com o mesmo objetivo de retirar do esquecimento, e até mesmo do desconhecimento, mulheres consideradas ilustres para o Brasil, de acordo com Norberto, formaram as biografias um conjunto das “patricias merecedoras das páginas da História” e em suas palavras:

Pallidos, como são, encontrareis com tudo nestes esboços muitos factos memoraveis da historia nacional e não poucas acções magnânimas, feitos de valor, provas de amor da patria, rasgos de desinteresse, exemplos de virtudes, actos de piedade e mostras de illustração devidas ao sexo feminino, lidas nas chronicas da pátria ou ouvidas nas tradições nacionais...

[...] Apresentando estas leituras a nemuma de vos, quero seduzir com o exemplo de mulheres guerreiras ou puramente litteratas; mero historiador não curro de fazer proselytos. Ninguém ignora que os séculos que ahi jazem com suas gerações extintas prescreverão a missão da mulher.<sup>17</sup>

Pelo trecho acima, além de trazer em suas biografias exemplos de virtudes, encarando assim a modulação pedagógica da escrita biográfica, percebe-se que o autor não deixou de dar conta de representar quadros de um contexto histórico mais abrangente, pois com seus escritos, estariam acessíveis momentos memoráveis da história nacional.

Na revista, as biografias não foram inseridas em grupos ou categorias, embora no livro as biografias fossem assim organizadas em classificações como “Amor e Fé”, “Armas e virtudes”, “Religião e Vocação”, “Gênio e Glória”, “Poesia e Amor”, “Pátria e Independência”, semelhantes aos que elegiam os exemplos masculinos. Para Marcela Wonglon (2009) as categorias elaboradas por Norberto suscitam a seguinte questão:

---

<sup>16</sup> ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, jul. 2000, p. 41-42.

<sup>17</sup> SOUSA, Joaquim Norberto. *Brasileira Célebres*. Editora Garnier, 1862, p. 04.

A organização da obra em temas mostra-se produtiva, pois através dela o autor pode partir da apreciação do assunto motivador do capítulo e assim introduzir a relação do mesmo com as biografias apresentadas. Por outro lado, o autor pode incorrer no risco de alinhar biografias segundo seus critérios e as exigências de seu projeto e, então, fornecer uma representação homogênea das biografadas, sem levar em consideração a importância efetiva de uma discussão que problematize o estar-no-mundo de cada mulher mencionada.<sup>18</sup>

Na introdução do livro, Norberto sinalizou a falta de um livro apropriado à leitura feminina que apresentasse as célebres compatriotas que seriam a exceção de seu sexo. Mostrou-se pautado no cristianismo, pois informou que seus exemplos seriam pautados no que o Criador designou à companheira do homem e, portanto, edificantes. Impresso em formato de bolso, o editor, Garnier, sugere que a edição possa ser transportada com facilidade e destacou seu caráter apropriado a prêmios institucionais: "A presente edição é destinada ao povo e adaptada às escolas, aos mimos e aos prêmios que se oferecem às senhoras ou se distribuem nas aulas, caso mereça a aprovação das respectivas autoridades"<sup>19</sup>.

O livro de Joaquim Norberto foi elogiado e recomendado pelo escritor da segunda fase das "Chronica da Quinzena", O Velho. O autor teceu comentários acerca da obra de Joaquim Norberto de Souza, que publicou pela Garnier sua obra *Brasileiras Célebres*:

As Brasileiras Celebres derão patriótico assumpto para muitos artigos que forão publicados na Revista Popular e que formão hoje um elegante volume. O auctor da obra, o Sr. J. Norberto de Souza Silva, foi colher nas historias e nos livros antigos, e mais ainda em documentos escriptos modernos, os nomes e as acções de muitas das nossas patrícias que fizeram notáveis pelo amor e pela fé, pelas armas o virtudes, pela vocação religiosa, pela poesia, e nas letras e bellas-artes, e emfim pela dedicação patriótica: esta colheita deu-lhe, como era de esperar, um famoso ramo de bellas flores.(...) O distincto proclamador da gloria do bello sexo brasileiro rendeu cultos ás heroínas de todas as idades, e ornou de virentes louros mais de uma nobre cabeça já coroada de cabellos brancos. (...) Concluo repetindo que o Sr. Norberto de Souza Silva sahiu-se muito bem do seu empenho, deu-nos um livro curioso e sympathico, e tem direito a ser declarado, por todas as senhoras, benemérito do bello sexo brasileiro.<sup>20</sup>

Mereceu atenção também da seção "Estudos Literários" assinada por A.E. Zaluar. Esse autor trouxe no tomo XIV da *Revista Popular*, um comentário do exemplar que teria sido impresso em Paris, descrito como uma coleção de notícias biográficas de algumas senhoras que teriam sido notáveis por seus talentos e heroísmo. Para Zaluar, Norberto havia realizado uma incansável pesquisa documental e seu livro deveria ser destinado à educação da mocidade, pois poderia fortalecer o espírito e a alma de todo cidadão que desejasse iniciar-se na religião do patriotismo:

---

<sup>18</sup> WANGLON, Marcela. Armas, letras e virtudes: A representação da mulher em Brasileiras célebres, de Joaquim Norberto. *Letrônica*, v. 2, n. 2, 2009, p. 270.

<sup>19</sup> SOUSA, Joaquim Norberto. *Brasileira Célebres*. Editora Garnier, 1862, p. V, VI.

<sup>20</sup> *Revista Popular*, tomo XIV, abr-jun de 1862, p. 253. Acervo BN Digital.

As paginas brilhantes da historia dos povos, onde se inscrevem os nomes de suas heroínas, são em todas as nações um écho do sentimento nacional, e um documento irrefragável da influencia que o sexo frágil e gracioso, essa porção meiga e quase divina de nossas mimosas companheiras, tem exercido sempre nos destinos sociaes, desde os mais remotos tempos, até depois que o christianismo investiu a mulher de todo o seu poder e acção no caminho e nas dificeis peregrinações da humanidade.<sup>21</sup>

Na seção “Fragmentos de um livro” do tomo XVI, assinada por Maria Amália, já mencionada anteriormente, a autora recomendou o livro de Joaquim Norberto por fornecer base às mulheres de sua época, pois o autor teria reunido mulheres religiosas, boas mães, esposas e filhas. Afirmou a autora que o livro *Brasileiras Célebres* deveria andar de mãos dadas com as famílias e recomendou que ele fosse utilizado pelos colégios, pois inspiraria as meninas a amarem seu país.

Todas essas recomendações sugeriram que o livro deveria ser lido prioritariamente pelas mulheres, o que faz inferir que a seção, mesmo que não indicada “por escrito” como uma leitura feminina na revista, também fosse uma entre as demais seções que deveria recreá-las e educá-las. Mas até que ponto as representações do autor convergem com a educação feminina pretendida pelos textos da revista?

No quadro que segue, apresentam-se as biografias realizadas por Norberto ao longo das edições da *Revista Popular*. Embora no periódico elas não fossem organizadas em categorias, foram utilizadas as fornecidas pelo autor quando elas foram transformadas em livro apenas para manter uma ordem de abordagem no texto que não comprometa a criação de novas classificações.

**Quadro 4: Brasileiras Célebres**

	<b>Biografada</b>	<b>Tomo</b>	<b>Página</b>	<b>Local de origem</b>	<b>Período</b>	<b>Categoria</b>
1	Clara Camarão	1	334	Pernambuco	Episódios destacados na Biografia por volta da metade do século XVII	Armas Virtudes
2	Maria Úrsula de Abreu Lencastre	1	336	Rio de Janeiro <sup>22</sup>	Nascida nos últimos anos do século XVII	Armas e Virtude
3	Rosa Maria de Siqueira	2	175	São Paulo	Nascida em 1690	Armas e Virtudes

<sup>21</sup> Revista Popular, tomo XIV, jul-set de 1862, p. 59. Acervo BN Digital.

<sup>22</sup> Informação sugerida pelo Anais do Museu Histórico Nacional, Volume IV, p. 510, 1943. Acervo BN Digital.

4	Maria Joaquina Dorothea de Seixas	2	237	Villa Rica	Episódios destacados na Biografia por volta de 1789	Poesia e Amor
5	Maria de Souza	3	251	Pernambuco	Episódios destacados na Biografia por volta de 1635	Armas e Virtudes.
6	Maria Bárbara	3	325	Belém	Episódios destacados na Biografia por volta do início do século XIX <sup>23</sup>	Amor e Fé
7	Rita Joanna de Souza	3	390	Pernambuco	Ano de sua morte 1718	Gênio e Glória
8	Irmã Germana	4	196	Minas Gerais	Episódios destacados na Biografia no ano de 1814.	Religião e Vocação
9	Joana Angélica	4	323	Bahia	Episódios destacados na Biografia no ano de 1823.	Pátria e independência
10	Maria de Jezus (Maria Quitéria)	5	86	Bahia	Episódios destacados na Biografia no ano de 1823.	Pátria e independência.
11	Delfina da Cunha	5	163	Rio Grande do Sul.	Nascida em 1791.	Gênio e Glória
12	As Paulistanas	5	237	São Paulo	Episódios destacados na Biografia no ano de 1822.	Pátria e independência
13	Senhoras Bahianas	6	51	Bahia	Episódios destacados na Biografia por volta do ano de 1823.	Pátria e independência
14	Madre Jacinta de S. José	8	202	Rio de Janeiro	Nascido no início do século XVIII.	Religião e Vocação
15	Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira	9	332	Minas Gerais	Episódios destacados na Biografia por volta do ano de 1789.	Poesia e Amor
16	Damiana da Cunha	10	129	Goiás/Mato Grosso	Episódios destacados na Biografia por	Amor e Fé

<sup>23</sup> Informação não consta na biografia, foi encontrada em LACERDA, Franciane Gama. Merecedoras das páginas da história”: memórias e representações da vida e da morte femininas (Belém, séculos XIX e XX). Cadernos Pagu. n. 38, jan.-jun. de 2012, p. 399.

					volta do ano de 1829.	
17	Angela do Amaral	10	242	Rio de Janeiro	Nascida nas primeiras décadas do século XVIII.	Gênio e gloria
18	Gracia Hermelinda da Cunha Mattos	11	129	Rio de Janeiro	Provavelmente nascida na primeira metade do século XIX. <sup>24</sup>	Gênio e gloria
19	Joanna de Gusmão	12	77	Santos – SP	Episódios destacados na Biografia por volta do ano de 1688.	Religião e Vocação

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.1 Armas e Virtudes

Compõem o grupo das *Brasileiras Célebres* por “Armas e Virtudes”, as biografias de Clara Camarão, Maria de Souza, Rosa Siqueira e Maria Ursula. No primeiro tomo, referente ao primeiro trimestre de 1859, Joaquim Norberto trouxe Dona Clara Camarão e Dona Maria Ursula de Abreu Lencastre.

A primeira, Clara Camarão, foi descrita pelo autor como de “tez avermelhada [...] negros e acanhados olhos, e seus cabellos corredios e espargidos pelos hombros”<sup>25</sup>. Ele apresentou Clara como possuidora de maneiras agradáveis, intrepidez e bravura. Mencionou ser sua biografada descendente dos Carijós, tendo nascido na Villa Viçosa próxima a Serra de Ibiapaba, onde padres jesuítas estabeleceram uma aldeia no Ceará.

Casou-se com Antonio Felipe Camarão e morou com ele em Porto Calvo quando Mauricio de Nassau teria tentado a conquista da sua vila. Assim, Clara teria empunhado armas e incitado as senhoras de sua vila a se porem contra os holandeses. O texto no qual Clara foi abordada se concentrou na resistência da invasão holandesa no nordeste do Brasil.

Maria Ursula de Abreu Lencastre foi descrita como possuidora de uma índole extremamente belicosa e varonil. O autor informou que essa brasileira nasceu nos últimos anos do século XVII e quando completou os 18 anos de idade, abandonou a casa paterna, vestiu-se de homem e assentou no exército com o nome de João Abreu, tendo lutado na Índia. O autor a

<sup>24</sup> Embora a biografia não informe sua idade, Joaquim Norberto afirma que ela foi discípula do Marquês de Maricá, por isso poderia ter nascido ou vivido até meados do XIX.

<sup>25</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p. 335. Acervo BN Digital.

descreveu como cheia da coragem quando entrava em combate, tendo obtido baixa em 1714, quando se casou com Affonso Teixeira Arraes de Mello, que fora governador do forte de San João Baptista em Gôa. Teria sido remunerada pelo rei dom João V por seus considerados nobres serviços.

Já a biografia de Rosa Maria de Siqueira, que veio no Tomo II, conta que foi nascida em São Paulo em 1690. Descrita como uma menina bem-educada, filha de pais nobres, casou-se com um desembargador, Antonio da Cunha Souto Maior. Mudou-se para a Bahia e depois foi com seu esposo para Lisboa. Próximos de Portugal, foram atacados por argelinos que, de acordo com Norberto, buscaram atingir as naus cristãs. O combate entre as naus que saíram do Brasil e os argelinos se iniciou e então Rosa Maria se prontificou a combater os seus inimigos, pelejando com os homens de sua embarcação. Norberto salientou que mesmo em vestes masculinas seu recato não foi diminuído, uma maneira de atenuar o fato de ter se vestido de homem e lutado.

O autor, nessa biografia, destacou o tom religioso que havia tomado o conflito das embarcações, não apenas por afirmar que os corsários argelinos estavam a atacar as naus cristãs, mas também ao mencionar que iam juntamente para Portugal alguns judeus submetidos ao Tribunal do Santo Ofício, que desejavam o triunfo dos adversários dos portugueses.

Continuando seu relato, teria Rosa Maria animado os combatentes, que se admiravam por ver uma senhora lutando. Em meio aos combates, o autor afirmou que a guerreira paulistana provocava os argelinos ao entoar gritos dizendo “viva a fé de Cristo”. No dia seguinte, depois de cansados, os argelinos teriam desistido dos ataques e preferiram abandonar tal missão. Ao aportar em Lisboa, teria se tornado alvo da curiosidade de seus habitantes que haviam ouvido sobre o seu feito.

No tomo III, Joaquim Norberto abordou a biografia de Dona Maria de Souza. Para o autor, o amor à Pátria foi um dos mais nobres sentimentos do coração, sentimento esse acessível a todos, independentemente da camada social ou sexo. Mais uma vez, nesse grupo referente às “Armas e Virtudes”, Norberto trouxe episódios referentes aos embates proporcionados pelas invasões holandesas ao nordeste do Brasil.

Dessa vez, contou os episódios sobre um confronto entre os habitantes de Villa Formosa, à margem esquerda do Sirinhaém, que depois de horas de combate, mesmo tendo os habitantes da vila lutado na expulsão dos invasores, sofreu com algumas baixas, dentre elas de Estevão Velho, um jovem soldado, filho de uma “nobre senhora de Pernambuco”, Maria de Souza. Nas palavras de Norberto ela possuía um “espírito varonil, talhada pelo molde das

antigas Espartanas, e que soube vencer a aflição natural, sopitar os affectos maternas, e dar exemplo da maior heroicidade verificada pelo amor da pátria”<sup>26</sup>.

Além da perda do filho, teria ela sofrido com a morte de outros três e de um genro, mas compreendia a importância de não privar os seus filhos mais novos de uma guerra tão importante, e por isso teria dito:

A Estevão tirarão hoje a vida os Holandezes, e posto que, filhos meus, perdi ja três e um genro, antes vos quero persuadir, que desviar da obrigação precisa aos homens honrados, n'uma guerra onde tanto servem a Deus como a el-rei, e não menos a pátria ; pelo que cingí logo a espada; e a triste memória do dia, em que a pondeis na cinta, esquecendo-vos para a dor, so vos lembre para a vingança, matando ou sendo mortos tão esforçadamente, que não degeneréis d'esta mãe d'aquelles irmãos!<sup>27</sup>

Nesse primeiro conjunto de biografias denominado de “Armas e Virtudes”, Norberto abordou exemplos de patriotismo, uma característica que perpassa todas as mulheres elencadas. No primeiro caso, o de Clara Camarão, vemos uma indígena que foi cristianizada, que teria adentrado a considerada “civilização” e auxiliou as pessoas de sua vila a fugirem e enfrentarem os invasores holandeses. Ainda sobre as chamadas “Guerras Brasileiras”, trouxe Maria de Souza, uma mãe que teria passado aos seus filhos a característica do patriotismo e, por isso, os influenciou a lutarem apesar das suas perdas anteriores, ao passo que a missão de amar a pátria lhe seria maior.

Maria Úrsula foi descrita como uma mulher dada a guerra e varonil, que mesmo tendo se vestido de homem, havia feito isso com um objetivo maior, que foi oferecer ao rei auxílio na manutenção de seus territórios na Índia, embora sua postura não fosse ideal à sua condição de mulher. Rosa Maria, também conhecida pelo manejo das armas e por ter guerreado contra os argelinos, considerados na biografia como inimigos da fé cristã, talvez teve seu comportamento admitido por sua inclinação de defender a sua religião, ou seja, pelas biografias de Maria Úrsula e Maria Rosa, o ato de terem se vestido de homem e terem características bélicas, consideradas masculinas, quando relacionadas às mulheres seriam ocasionadas por um interesse maior, seja ele defender o cristianismo ou o seu local de origem. Na guerra ou em momentos de conflitos, assim seria importante a participação feminina, seja ela enviando os seus filhos ou entrando em combate quando precisasse, exemplo de patriotismo em suas diferentes nuances.

## 4.2 Poesia e Amor

---

<sup>26</sup> Revista Popular, tomo III, jul-set, p. 252. Acervo BN Digital.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 252.

Nessa categoria, a primeira mulher biografada por Norberto no tomo II foi Maria Joaquina Dorothea Seixas, noiva de Thomaz Antonio Gonzaga, um ouvidor de Villa Rica, nas Minas Gerais. Maria Joaquina foi descrita por sua beleza e formosura, a quem Thomaz Antonio havia dedicado as suas lirias. De acordo com Norberto, Thomaz foi achado envolvido em complicações políticas da Inconfidência Mineira e por isso foi levado primeiramente ao Rio de Janeiro, onde mesmo preso escreveu suas lirias. Posteriormente foi condenado com o degredo em Moçambique, onde viveu até 1809. Assim, aqui no Brasil teria vivido Maria Joaquina que se tornou célebre por ter sido a fonte de inspiração das lirias *Marília de Dirceu*.

Proclamada bella e formosa, cantada por um poeta, que se tornara eminentemente celebre pelo infortúnio do seu exilio, ella viu todos estes louvores, que quasi sempre teem um não sei que de exagerados, derramados ás mãos cheias pelo seu tão afamado livro, traduzido nas principaes línguas d'este século, ganhou assim uma fama não vulgar pelos dotes, que lhe dera o ceo, e pela paixão, que soube inspirar ao mais terno dos poetas da nossa lingua. Tornou- se portanto o alvo da geral curiosidade nacionaes e estrangeiros, que chegavão ás montanhas de Ouro-preto, que vião ainda os logãres descriptos nas immortaes lyras do novo Petrarcha, ficavão como que possuídos do mesmo desejo, que era ver a mulher, que por sua beleza viera accidentalmente figurar em uma das nossas malogradas revoluções.<sup>28</sup>

A segunda biografada desse grupo também foi proveniente da província das Minas Gerais, Barbara Heliadora Guilhermina da Silveira, no tomo IX, foi descrita pelo autor como uma moça conhecida por sua beleza, prenda, formosura e educação, atributos que atraíram o coronel Ignácio José de Alvarenga Peixoto. Foi José de Alvarenga poeta assim como Thomaz Gonzaga e escreveu versos para Barbara Heliadora. Teria ele nascido no Rio de Janeiro, se formado em Coimbra e se estabeleceu nas Minas Gerais, casando-se com a jovem e tendo três filhos e uma filha.

Conta Norberto que após o matrimônio, Ignácio continuou escrevendo suas lirias, mas Heliadora que também escrevia, abandonou o hábito por causa de seus afazeres domésticos, esforçando-se em ser uma boa mãe e esposa. Fica implícito que depois do casamento e da maternidade, as mulheres deveriam se dedicar apenas à sua família, educando seus filhos. O autor destacou ainda os esforços de Heliadora em dedicar-se a educação de seus filhos, principalmente da menina, Maria Efigenia, apesar de todos os percalços que a família passava, depois que seu esposo foi degredado por complicações políticas:

Apezar da falta de recursos que havia no lugar para uma educação acima da medíocre, D. Barbara Heliadora empregou todos os meios a seu alcance e a peso de ouro logrou

---

<sup>28</sup> Revista Popular, tomo II, abr-jun de 1859, p. 239. Acervo BN Digital.

que viessem se estabelecer na sua villa, junto do seu domicílio, os melhores professores que existião na capitania, e emquanto os filhos varões se entregavão aos brincos infantis, aos jogos pueris, pois erão ainda de tenra idade, a formosa menina estudava e se aperfeiçoava não so na sua língua como nas estrangeiras e ainda nas belas artes; a dansa, a musica, o desenho illustravão-lhe o espírito e lhe servião de agradável entretenimento.<sup>29</sup>

Longe do esposo, Heliadora voltou-se ao “ligeiro passatempo” da poesia, que de acordo com Norberto foi a expressão mais divina e inocente de seus sentimentos. Assim que a sentença de Ignácio foi decretada, foram seus filhos e netos considerados infames, o que teria incentivado Heliadora a se dedicar à independência nacional.

Nessa biografia, Joaquim Norberto informou usar como documentos para sua pesquisa, bilhetes direcionados a Ignácio Alvarenga, requerimentos da secretaria do Império, bem como as devassas abertas em que os membros da família de Heliadora e Alvarenga foram citados, revelando algumas das suas fontes.

Nesses exemplos, Joaquim Norberto explorou alguns episódios da Inconfidência Mineira. Colocou as mulheres como musas de seus poetas, tendo elas mantido a fidelidade conjugal, e todo o cuidado na criação dos filhos, indicando que uma boa mãe deveria se dedicar aos seus filhos até mesmo em situações pouco favoráveis.

### 4.3 Gênio e Glória

Rita Joanna de Souza foi a primeira integrante do conjunto de biografias sob a categoria “Gênio e Glória”, que foi veiculada no tomo III, Joaquim Norberto mencionou que a vida de Rita foi tema para outros autores que o antecederam, como o abade Barbhosa Machado na Biblioteca Lusitana, Froes Perim no *Theatro Heroino*, Ferdinand Denis em seu *Resumé de l'histoire littéraire du Brésil* e o conselheiro Balthasar da Silva Lisboa nas *Notas Biographicas*.

Joaquim Norberto primeiramente elogiou as belezas naturais da província onde Rita nasceu, Pernambuco, no ano de 1696. Abordou que a sua biografada se dedicou à pintura, ao estudo da história e da geografia, graças a educação que seus pais lhe ofereceram. O texto não fornece muitos detalhes de sua vida e chega ao episódio de sua morte precoce, aos 22 anos, lamentada por Norberto:

À literatura, as artes, as sciencias, como a egreja, também contão seus martyres innocentes, bellos talentos, ovações ephemeras, que se fanão em flor-, meteoros brilhantes, que scintillão e se apagão rapidamente no meio das trevas de longa noute,

---

<sup>29</sup> Revista Popular, tomo XIV, abr-jun de 1862, p. 335. Acervo BN Digital.

quando parecião dourados e brilhantes astros, que muito tinhão que girar em suas orbitas, alagando o espaço com seus raios, inundando tudo de sua luz!<sup>30</sup>

Acreditou o autor ter tirado o nome da jovem artista do esquecimento, mesmo o autor já tendo apontado que outros escritores já haviam abordado a vida de Rita, consagrando a ela uma página entre as *Brasileiras Célebres*, tendo assim imortalizado suas obras. Trouxe assim, nesse exemplo, uma jovem bem-educada que havia se dedicado às artes e às ciências.

Sobre Delfina da Cunha, no tomo V, afirma Joaquim Norberto ter tido as informações de sua história de vida por meio de Joaquim Francisco da Cunha Sá e Menezes, que foi um alferes do corpo policial da província do Rio de Janeiro, tendo já publicado esse texto no periódico *Despertador* em 1840, no artigo sobre poetisas brasileiras. Delfina teria nascido no Rio Grande do Sul em 17 de junho de 1791, quando uma epidemia de Bexiga assolou sua província, dizimando muitos. Teria contraído a doença ainda com 20 meses de vida, tendo sobrevivido pelas incessantes preces de seus pais. Contudo, a doença lhe deixou sequelas e ficou cega. Joaquim Norberto explicou que embora cega, teria Delfina sido compensada com a inspiração poética, escrevendo sobre a sua condição, como no poema a seguir:

Vinte vezes a lua prateada  
Inteiro rosto seu mostrado havia,  
Quando terrível mal, que ja softria,  
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o ceo e o sol sendo privada,  
Cresceu a par de mim a magoa ímpia;  
Desde então a mortal melancholia  
Se viu em meu semblante debuxada!

Sensível coração deu-me a natura,  
E a fortuna, cruel sempre commigo,  
Me negou toda a sorte de ventura.

Nem se quer um prazer breve consigo;  
So para terminar minha amargura  
Me aguarda o triste, sepulcral jazigo!<sup>31</sup>

O exemplo de Delfina, além de mostrar uma vida salva pelas preces de seus pais, evidencia a resignação da biografada, que mesmo cega se pôs a escrever sobre a sua condição e privações.

Em outra biografia, de Angela do Amaral Rangel, no tomo X, Norberto explicou que foi nascida nas primeiras décadas do século XVIII, no Rio de Janeiro, e assim como no exemplo anterior, fora cega. O autor explicou que Angela dedicou-se à razão e à pintura, iluminada por

---

<sup>30</sup> Revista Popular, tomo III, jul-set de 1859, p. 391. Acervo BN Digital.

<sup>31</sup> Revista Popular, tomo V, jan-mar de 1860 p. 164. Acervo BN Digital.

sua “imaginação fantasiosa”, que a fez retrato da natureza, com suas belezas, animais, vegetação e pedras preciosas. Também foi poetisa e dedicou-se à literatura, compôs canções que de acordo com Norberto foram consideradas admiráveis. Recitava ainda versos de improviso, uma de suas mais brilhantes características.

Embora os limites da sua condição, informa o autor que fora uma senhora bem instruída. Trouxe assim, mais uma vez, um exemplo de boa educação, onde se pode inferir que por mais que havia afirmado anteriormente que não gostaria de incentivar suas leitoras com exemplos de mulheres essencialmente literatas, considerava os hábitos da escrita e da pintura como elementos de uma educação adequada à elas.

Ainda sob o título de “Glória e Gênio”, no tomo XI, Joaquim Norberto trouxe Gracia Hermelinda da Cunha Mattos, filha do general José da Cunha Mattos, conhecida por “philosophinha”, embora tenha tido uma boa educação, o autor evidenciou que Gracia supostamente não escrevia por vaidade e nem por ostentação, tendo elaborado muitas máximas, reflexões e pensamentos. Norberto transcreveu um excerto de um texto de sua biografada, na qual ela aborda o quanto seria necessário que as meninas fossem melhor educadas:

Queira Deus qué outras meninas brasileiras mostrem ao publico o fructo dos seus estudos para darem principio a uma palestra litteraria, que aproveitando e instruindo as pessoas do nosso sexo, dê mais realce aos salões frequentados pela mais escolhida e virtuosa sociedade.<sup>32</sup>

Nesse contexto, o autor incentivou que os escritos de sua biografada fossem lidos pelas senhoras brasileiras de seu tempo, à medida que seriam eles de grande valia para as mães e para a educação dos seus filhos, assim trouxe o seguinte trecho de uma das obras de Gracia:

A mãe de familia que entrega a educação de suas filhas a cuidados extranhos não merece o título glorioso de mãe, e eu lhe dou, ainda com dificuldade, o de madrasta. Se um estatuário exulta de prazer vendo concluída e perfeita a estatua de um heroe ou de uma beldade, em cujo trabalho havia empenhado o seu talento, tempo e cuidados, qual não deve ser o brilhante triumphu de uma mãe, vendo completa a difícil obra da educação de sua filha? Ah! Este prazer é o mais puro que uma mãe póde gozar; é o mais lisonjeiro para uma mãe; é finalmente, o premio de sacrificios penosos e de vigilantes cuidados. Se todas as mulheres estivessem persuadidas d’estas verdades, a sociedade seria mais feliz.<sup>33</sup>

O autor abordou a obra de Gracia e explicou que ela incentivava que as mães deveriam ser as melhores mestras de suas filhas, sempre oferecendo exemplos de virtude, educando-as

---

<sup>32</sup> Revista Popular, tomo XI, jul-set de 1861 p. 130. Acervo BN Digital.

<sup>33</sup> Idem, p. 131.

sempre de perto, evitando a leitura de obras imorais e fabulosas. Gracia em seus pensamentos não rejeitou os ensinamentos da religião e criticou aqueles que se baseavam apenas na razão.

A biografada criticou os homens que zombavam do estado de ignorância das mulheres, lembrando que teriam eles oferecido a elas uma educação escrava, onde tudo que se podia fazer era obedecer. Assim, incentivou que as mulheres se enfeitassem com virtudes e ciência, sempre com decência, pois seria agradável ser uma mulher virtuosa, elegante e instruída, exemplo do mais completo ornamento da sociedade. Teria alertado ainda Gracia que os bonitos vestidos não seriam pecado para as moças, já que a moda além de acrescentar o luxo, desenvolveria a indústria e a civilização, mas explicou que a moda não deveria ser motivo para gastos exorbitantes. Aliada à decência da moda, com o bom uso das palavras e educação, as mulheres estariam com melhor desenvoltura para falar nos salões.

Nesse conjunto de biografia, mostrou-se que as artes da escrita e da pintura não foram considerados incompatíveis com o sexo feminino e sua educação. Norberto reuniu alguns pressupostos que considerava ideal para a educação das moças. A boa educação de Gracia teria proporcionado a ela refletir sobre importantes aspectos da educação para outras mulheres. Contudo, percebe-se que, para o autor, essas qualidades da educação deveriam ser bem aproveitadas, nunca utilizadas como uma maneira de se envaidecer.

#### **4.4 Religião e Vocação**

A biografia de Irmã Germana, presente no tomo IV, foi uma das mais detalhadas da seção. Teria nascido no início do século XIX na província de Minas Gerais e, de acordo com Joaquim Norberto, merecia estar entre esse grupo de mulheres graças à sua resignação e pureza. Germana era devota da Santa Virgem e foi descrita como uma moça pura e irrepreensível. Era acometida frequentemente com êxtases e jejuava por dias seguidos refletindo sobre a paixão de Cristo. Em um desses episódios, teria ficado imóvel em posição de cruz e por acontecer mensalmente atraiu muitas pessoas de sua vizinhança, pois acreditavam se tratar de um milagre.

Teriam visitado a irmã, dois médicos que haviam atestado que tal situação só teria explicação sobrenatural. Contudo, um médico formado em Edimburgo teria afirmado que se tratava de um quadro de catalepsia. Não tardou a falecer e acreditou Norberto ser sua morte benigna, pois nela havia achado o fim de seus sofrimentos. Ao final dessa biografia, o autor acredita que embora Germana não fosse uma santa, teria vivido como uma.

No tomo VIII, esteve a biografia de Madre Jacyntha de S. José, nasceu no Rio de Janeiro em 1715, filha dos religiosos José Rodrigues Ayres e Maria Lemos Pereira. Mencionou

o autor que essa biografia foi baseada em um outro trabalho, também realizado por ele e publicado sob o título de *Vida e feitos da bem-aventurada Madre Jacyntha de S. José*. Teriam os pais de Jacinta se esmerado em sua educação e de seus irmãos, sendo descrita pelo autor da seguinte maneira:

[...] desde os tenros annos que ganhou certa superioridade sobre seus irmãos pelos mui- tos excellentes dotes naturaes, e conquistou a benevolência e estima de seus parentes e das pessoas com quem falava. Fez-se notável pela sua presença; amável pela sua bondade; querida pela sua discrição e agrado, e admirada pelas suas virtudes. Unia a prudência á fortaleza, a formosura á modéstia e á humildade sem affectação. Era devota, não por ostentação, mas por queda natural.<sup>34</sup>

Desde cedo, teria ela demonstrado o fervor de devotar-se a Deus, embora o receio de seus pais. Assim, mesmo sem total aprovação de sua mãe, teria se dedicado a vida religiosa, cultivando as virtudes e o uso de penitências. Por muitas vezes, teria estado ela doente, sendo em uma ocasião lhe dado a extrema unção, quando abriu os olhos como em um milagre. De acordo com Norberto, seus sofrimentos alimentaram a sua fé e assim buscou mais devoção a Deus e a prática da vida religiosa. Teria ela e sua irmã Francisca de Jesus, graças à intervenção de um tio, adquirido uma chácara contigua à capela da Senhora do Desterro e ali dedicaram-se a erguer uma capela.

Gostaria ela de estabelecer um convento para que os religiosos do local professassem a regra de Santa Tereza de Jesus, contudo após conseguir em 1755 necessária licença para estarem sob essa regra, veio a falecer antes de ver sua capela ficar pronta. Joaquim Norberto termina seu texto evocando as qualidades cristãs que as mulheres de sua época deveriam seguir, e assim afirmou:

Hoje em dia é outra a missão da mulher que se vota ao Senhor, ou como disse o imperador na sua viagem ás provincias do norte: Não e so rezando que se serve a Deus! « Arrefeceu a admiração que ella excitava nos séculos passados quando tomava o veo na sua profissão e fazia o tremendo voto das abnegações das couzas terrestres. A civilização pede uma missão mais útil, mais condigna das instituições do christianismo. Ella exige que a par da oração se mostre a realidade das obras de misericórdia recommendadas pela igreja de Jezuz Christo; que a mulher, anjo sublime do chritianismo, ; seja enfermeira, ja a cabeceira dos enfermos, ja no campo da batalha soocorrendo os feridas e moribundos, ja nós dias de attribuição amparando os desgraçados que cahem sem leito é que sem perder o seu instinto maternal/se torne mãe dos orphãos desvalidos que não tiverão um berço no regaço materno, e que cure tanto de sua educação, como de sua existência malfadada. E comtudo curvemo-nos deante do sepulchro da fundadora do convento das Carmelitas descalças do Rio de Janeiro, da Madre Jacyntha de S. José, e de suas virtuosas companheiras. Deixemol- as dormir pacificamente o somno dos finados, certas de que não serão despertadas pela voz sacriíega do sceptismo.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Revista Popular, tomo VIII, out-dez de 1860, p. 203. Acervo BN Digital.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 210.

A terceira biografia desse grupo, localizada no tomo XII, foi a de Joanna de Gusmão, nascida em 1688 na cidade de Santos. Foi considerada por Joaquim Norberto como uma moça bem-educada de acordo com os preceitos da religião católica e se casou com um fazendeiro. Relatou Joaquim Norberto que durante sua vida conjugal não faltava com seus deveres de esposa, tendo sempre oferecido aos que estavam ao seu redor os mais sublimes exemplos e qualidades. Tendo ficado enferma, foi junto a uma fonte considerada sagrada pois as suas águas teriam poderes curativos e se sarou.

Seu esposo veio a falecer prematuramente e, assim, Joana Gusmão se pôs a peregrinar nas matas do Brasil convertendo os “selvagens” que via pela frente. Chegou à província de Santa Catarina e ali, na freguesia da Lagoa, objetivou construir uma capela com o auxílio das esmolas que pedia durante suas peregrinações e alcançou a licença do bispo da diocese do Rio de Janeiro para o seu funcionamento. Construiu a sua capela não mais na Lagoa, mas na ilha da Senhora do Desterro, capital da província de Santa Catarina. Impetrada a licença do bispo, foi concedida à capela a ordem terceira da penitência do Senhor Bom Jesus. Recorrendo a um rico proprietário, foi cedido um terreno para edificação de um hospital de caridade que funcionou até o ano de 1854. Norberto afirmou ter levado Joanna Gusmão amor ao próximo, não se esquecendo dos desvalidos de sua terra, sendo para todos uma mãe caridosa, o que lhe rendeu o respeito de muitos.

Ao abordar as mulheres religiosas, Norberto trouxe exemplos cristãos que havia prometido no seu livro. A vida nos conventos foi uma das alternativas adequadas para as moças. Mesmo que suas leitoras não escolhessem a vida religiosa, nesses exemplos apresentou características que julgava importantes para as mulheres cristãs de sua época, a devoção, pureza, a caridade e a propagação da sua fé aos que não a conheciam. Importante salientar que a educação que suas biografadas receberam estavam de acordo com os pressupostos da fé católica, podendo assim inferir, que uma educação adequada às moças também deveria contar com tais pressuposições.

#### **4.5 Pátria e Independência**

A primeira mulher a compor o grupo de biografias dedicadas à Pátria e à Independência foi Joanna Angélica, uma religiosa baiana, contemporânea à independência do país. Na Bahia os episódios que culminaram na independência do Brasil geraram embates, pois as tropas portuguesas permaneceram no território.

Conforme relatou Norberto, no tomo IV, no meio dos conflitos, em meio a tantas atrocidades comandadas por soldados portugueses a mando do General Madeira, uma das que mais chamou a atenção do autor foi o atentado ao convento da Lapa, que era comandado pela madre Joana Angélica, considerada uma baiana digna por suas virtudes.

Teria o convento de Joana Angélica sido atacado pelos soldados portugueses, que depararam-se com a proteção de sua líder. Tentando barrar esses soldados, ela se colocou entre eles e o convento, bradando que só entrariam nele por cima do seu cadáver. Não respeitaram a ordem da madre e a atravessaram uma baioneta no seu peito que a fez falecer. Para Norberto, a atitude dos soldados portugueses havia manchado um local santo:

O capellão do convento, Daniel da Silva Lisboa, respeitável pelas suas virtudes e idade acudiu ao conflicto, entrou e contemplava cheio de horror o cadáver de uma sancta no meio de tanta profanação, quando recebeu também a morte na ponta das baionetas! Que pavor! O pavimento tincto do sangue dos martyres estremeceu, como a terra sacudida por suas commoções internas, e as abobadas echoarão os gritos da soldadesca, que se derramava pelos longos corredores, que profanava o asylo sagrado, onde reboavão ha pouco, ao som da musica grave e profunda dos sanctos prophetas, as vozes puras das esposas do ceo, os hymnos sagrados das filhas de Sião. As freiras, espavoridas fugirão, e buscarão no convento da Soledade uma guarida contra aquelles monstros, que ávidos das riquezas de seu claustro, se embriagavão no saque!<sup>36</sup>

De acordo com o relato de Norberto, teriam os baianos resistido e migrado para o recôncavo, onde foram auxiliados pelos fluminenses, quando finalmente a liberdade da Bahia se deu nas praias de Itaparica. Assim, em 2 de julho o exército pacificador teria entrado triunfante na capital baiana, onde em um cortejo adentrou a cidade também Maria Quitéria, mulher que havia lutado em favor da pátria e que também mereceu um espaço na galeria de Norberto.

No tomo V, Norberto trouxe a biografia de Maria de Jesus ou Maria Quitéria de Jesus. Afirmou que ela nasceu na Vila de Cachoeira, filha de um colono português chamado Gonçalo de Medeiros, que recebeu um emissário como seu hóspede e lhe contou sobre a tirania dos portugueses e sobre a independência proclamada nas províncias do Sul. O entusiasmo do emissário teria ascendido os ânimos da filha de Gonçalo, Maria Quitéria. O mesmo não ocorreu com seu pai, que já se encontrava velho para se reunir ao exército e lutar e não possuía filho varão para enviar. Nesse sentido, Maria que sabia manejar armas, pediu ao pai que pudesse entrar em combate disfarçada, tendo resposta negativa de seu pai, que teria afirmado: “As mulheres fião, tecem e bordão, e não vão á guerra”<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Revista Popular, tomo IV, out-dez de 1859, p. 325. Acervo BN Digital.

<sup>37</sup> Revista Popular, tomo V, jan-mar de 1860, p. 86. Acervo BN Digital.

Teria fugido para a casa de sua irmã mais velha e casada, lamentando-se não poder auxiliar seus compatriotas e incentivada por ela, pegou as roupas de seu cunhado e ingressou no regimento de artilharia. De acordo com Joaquim Norberto, teria ela entendido a “debilidade do seu sexo” e passou para o batalhão dos caçadores, denominados de voluntários da pátria. De acordo com Norberto, teria ela se distinguido à frente das armas.

Com o fim dos embates e depois de sua condição ser descoberta, Maria recebeu do imperador a insígnia de cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. Na corte, despertou curiosidade da inglesa Maria Graham, que publicou uma notícia em um jornal de Londres:

D. Maria não é instruída, mas é hábil. Creio que com alguma educação poderia ter-se tornado notável. Pouco ou nada tem a sua aparência de varonil; suas maneiras são belas e agradáveis, pois não obstante viver entre soldados, não contraiu os seus hábitos grosseiros, bruscos e vulgares, como até nada de pôde dizer contra a sua honra.<sup>38</sup>

Ainda sobre a participação das mulheres baianas nos episódios da independência do Brasil, no tomo VI, Joaquim Norberto afirmou que foram as senhoras baianas ardentemente empenhadas na causa nacional. Dessa forma, com o título de “Senhoras Bahianas”, ele aborda que por intermédio de M.J. Pires Camargo, as senhoras dessa província se colocaram à disposição da imperatriz Leopoldina, oferecendo a ela as suas joias, para que empregassem na manutenção da guerra.

Norberto rememorou também no tomo V outro grupo de mulheres, as denominadas “Paulistanas”, que entusiasmadas com a independência brasileira, felicitaram a imperatriz Leopoldina por sua aclamação, com palavras de amor pela pátria. Teriam elas direcionado uma carta a imperatriz que foi lida por um orador em uma cerimônia:

[...] nós dirigimos ao ceo os mais ardentes, votos pela conservação da préciosa vida de vossa majestade imperial, de seu augusto consorte, nosso idolatrado imperador, e toda a família imperial; pela segurança e firmeza do throno brasileiro, por cuja estabilidade estamos promptos, transcendendo a debilidade do nosso seio, a derramar até a ultima gota do nosso sangue.<sup>39</sup>

As paulistanas foram honradas na ocasião pelo o orador da cerimônia, afirmando que ainda que nascidas longe da civilização das Cortes, estariam desejosas de circularem o trono da majestade imperial para defenderem a pessoa da imperatriz, jurando que educariam seus filhos sob a moral santa e no culto do amor ao soberano e da pátria.

---

<sup>38</sup> Revista Popular, tomo V, jan-mar de 1860, p. 88. Acervo BN Digital.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 238.

Para essa categoria, Joaquim Norberto abordou os episódios da independência, que havia mobilizado os brasileiros na defesa de sua nação contra o que nomeia de “despotismo dos portugueses”. Nesse momento de ruptura, teriam as mulheres demonstrado sinais de seu patriotismo, seja se colocando para o combate, seja abrindo mão de suas vaidades e oferecendo suas joias no auxílio da causa da pátria, ou até mesmo jurando fidelidade a família real, garantido que o amor pela pátria seria transmitido para seus filhos.

Com base nisso, com as biografias denominadas de “Pátria e Independência”, Norberto proporcionou o acesso a um importante episódio fundador da nação, sua independência e, assim como salientado por Maria da Glória Oliveira (2009), a partir dessas biografias além de disseminar valores como o patriotismo, possibilitou o acesso a um cenário histórico eleito como importante. O patriotismo foi uma característica que deveria ser assimilada pelas mulheres a fim de que repassem aos seus filhos, os futuros cidadãos do Império, como exposto por Armelle Enders (2000). Joanna Angélica entregou sua própria vida em favor da pátria, as Senhoras Baianas e Paulistanas ofereceram suas joias, sua devoção e de seus filhos à família real. Maria Quitéria, a biografada que se vestiu de homem e lutou, de acordo com Norberto só tomou essa atitude por “arder de patriotismo”, uma justificativa que amenizava seus feitos de fugir de casa e se comportar como um homem.

#### **4.6 Amor e Fé**

A primeira mulher a compor essa categoria foi Damiana da Cunha, relatada no tomo V. Norberto afirmou que era de descendência Caiapó, neta de um cacique que aceitou a fé cristã. Conta o autor que parte dos Caiapós teriam sido evangelizados e as crianças batizadas, sendo até mesmo a neta do ancião renomeada de Damiana, que ao crescer, casou-se com um não indígena. Teria Damiana ganhado o respeito dos índios que haviam permanecido na floresta e daqueles que foram para o aldeamento. Foi descrita por Norberto como alegre, com educação polida, dominando com clareza a língua portuguesa.

Teria Damiana se encontrado entre os conflitos dos índios e dos demais habitantes de Goiás, mas teria objetivado trazer os Caiapós ao seio do cristianismo. Por vezes sua missão com eles se mostrou bem-sucedida pelo ponto de vista de Norberto, trazendo alguns para a “civilização”. Quando havia algum conflito com os indígenas, Damiana era chamada para mediar, atitude que se perpetuou por muitos anos em sua vida até o dia em que veio a falecer.

Norberto também relatou Maria Bárbara no tomo III. Afirma que nem sempre as heroínas domésticas possuem admiradores e holofotes, pois no âmbito privado, exerceriam suas virtudes sem serem lembradas. Seria Maria Barbara um modelo de fidelidade conjugal, de pureza, de devoção ao seu esposo, características essas relacionadas a sua educação no catolicismo. Fora esposa de um soldado no qual Norberto não revela o nome. Um dia, indo buscar água, foi assassinada junto a fonte do Marco, próximo a Belém do Pará. Teria perdido sua vida na tentativa de salvar sua honra de um homem que buscou violentá-la, preferindo na opinião de Norberto, a morte a manchar sua castidade.

Nesses dois exemplos, mais uma vez a fé é colocada como a proporcionadora de características adequadas às mulheres. No primeiro caso, trouxe Norberto o exemplo de uma indígena que adentrou a “civilização” e a fé cristã, se tornando na opinião dele uma exímia missionária. No segundo caso, Maria Barbara foi utilizada como exemplo de virtude e de honra, por ter preferido morrer do que se entregar a outro homem que não o seu marido. Assim, disseminou mais uma vez os valores cristãos edificantes, conforme havia prometido.

\*\*\*

Joaquim Norberto, ao escrever suas biografias, esteve alinhado aos pressupostos que embasaram uma escrita da história, como alicerçado por Maria da Glória Oliveira (2009), citando Michel de Certeau (1982), que estavam relacionadas a um *lugar social*, onde a produção historiográfica se insere dentro de um núcleo de interesses políticos, econômicos e culturais que influenciam as pesquisas. A produção do discurso do historiador estaria dotada de regras de validação, onde a investigação não se desassocia do lugar que controla e codifica as suas convenções.<sup>40</sup>

Nesse sentido, as biografias estão em consonância com as modulações da escrita biográfica observadas na tese e artigo de Maria da Glória Oliveira (2009; 2015), sendo a primeira, aquela baseada na história mestra da vida, fornecedora de exemplos, que elege um panteão de pessoas ilustres que deveriam ser encaradas como possuidoras de características e virtudes que poderiam ser assimiladas, mas também uma maneira de apreensão e representação do passado, de eventos da história nacional.

Armelle Enders (2000), além de ter apontado que a biografia do Segundo Reinado possuiu uma missão pedagógica, explica que ela também foi como uma reconstituição viva do

---

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. Escrever vidas, narrar a história: A biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista. 2009. 221 f. Tese (Doutorado em história) –Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, p. 22.

passado. Pelas contribuições das autoras, compreende-se que Norberto assumiu também a tarefa de relatar episódios considerados importantes para a história do Brasil a partir das ações das contribuições dessas mulheres, ocorrências dos quais os brasileiros não deveriam deixar cair no esquecimento. Os eventos que puderam ser identificados nas biografias foram as lutas contra as invasões holandesas no nordeste do Brasil, a Inconfidência Mineira e a Independência do país.

Por outra perspectiva, Armelle Enders (2000), bem lembra que o patriotismo era um valor que se acreditava que fosse passado aos filhos por meio da mãe. O conhecimento da história do país era uma área do conhecimento importante para a formação de bons cidadãos brasileiros. Sendo assim, como apontado no texto veiculado pela seção “Instrução e Educação”, abordado anteriormente, a boa educação das mulheres era necessária para a melhor educação dos filhos, e assim, os textos de Joaquim Norberto na Revista poderiam também satisfazer às mães sobre o conhecimento da história do país, elemento importante para educação patriótica.

A modulação que fornece exemplos e, portanto, pedagógica, também se fez presente, conforme fica evidenciado por Talita Rodrigues (2008), para quem o livro *Brasileiras Célebres* possuiu um valor pedagógico claro e reitera que ao longo das biografias foi construído um arquétipo da mulher almejada no Brasil Imperial e para Marcella Wanglon (2009) para quem as biografias possuem sentido paradigmático. Portanto, mesmo que não mencionem a *Revista Popular*, transfere-se essas características também aos textos do periódico.

Nesse sentido, considerando que para a primeira autora foi pensado um modelo de mulher para o Império e que elas foram escritas em um contexto em que o país se constituía como nação, por um membro de uma instituição que forjou identidades para os brasileiros, as biografias também se inserem em um esforço de pensar uma identidade para as mulheres do Brasil. Corroborar com essa perspectiva Marcela Wanglon que afirmou:

Sofrendo os imperativos de seu momento histórico e cultural, na obra *Brasileiras célebres*, Joaquim Norberto volta ao passado da nação recém-independente, almejando fornecer um retrato das brasileiras mais prestigiadas do Brasil. Portanto, ainda que não mencione de modo explícito, é possível afirmar que uma das intenções da obra é cooperar na construção da identidade nacional brasileira. Ocorre que as mulheres apresentadas pelo autor mostram-se sempre identificadas à terra brasileira e, neste sentido, o trabalho de Joaquim Norberto adquire um caráter paradigmático e pedagógico, pois as brasileiras célebres podem ser vistas como modelos a serem seguidos pelas outras mulheres.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup>WANGLON, Marcela. **Armas, letras e virtudes:** A representação da mulher em *Brasileiras célebres*, de Joaquim Norberto. *Letrônica*, v. 2, n. 2. Porto Alegre: 2009, p. 11. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5667>. Acesso em 18/01/2019.

Algumas biografias convergiram com o papel social da mãe, conforme preconizado na revista e analisado anteriormente, como pode ser visto no exemplo de Heliodora, mulher que renunciou o hábito de escrever em prol do cuidado dos filhos e família. Teria ela, mesmo que sofrido com o degredo do marido, se esforçado para oferecer a melhor educação à sua prole. Embora Joaquim Norberto não tenha mencionado que Gracia Hermelinda fosse casada ou possuísse filhos, a biografada se dedicou a refletir e escrever sobre a educação das crianças e do papel das mães. Norberto abordou que Gracia pensou sobre a educação das moças, que deveria ser baseada numa moral sólida, liberta das vaidades e coberta de virtudes.

As biografias sob a categoria “Gênio e Glória” trouxeram ainda mulheres educadas nas artes da poesia, da pintura e nos conhecimentos da história e da geografia, saberes que talvez fossem necessários para o conhecimento da sua terra de origem, dos quais as mães de família deveriam reconhecer a fim de ensinar aos seus filhos. Quando Joaquim Norberto afirma que não buscou influenciar suas leitoras com exemplos de mulheres puramente literatas, pode-se entender que, embora suas biografias tenham abordado mulheres instruídas nas artes e nas letras, eram elementos de uma educação que não se encerrava no objetivo de querer ser essencialmente uma escritora, pintora, poetisa, mas melhores aproveitadas na educação dos filhos.

Observando o exemplo de Dona Maria de Souza, que por meio do seu patriotismo abriu mão dos seus filhos para que se dedicassem a defesa de seu local de origem, mesmo que no momento em que viveu o país ainda fosse uma colônia de Portugal, o valor de amar e proteger seu local de origem também foi propagado, evidenciando mais uma vez o papel da mãe enquanto responsável pela educação do bom cidadão brasileiro, disposto a dar a vida pela pátria.

Os valores cristãos foram evidenciados nas biografias “Religião e Vocação”, que trouxeram mulheres que foram consideradas castas, puras, caridosas, misericordiosas, resignadas, que se devotaram a prática da vida religiosa, dedicando-se ainda a evangelização dos indígenas, que quando cristianizados poderiam ser exemplos como Clara Camarão e Damiana da Cunha. Embora tenha abordado mulheres indígenas com a ressalva de serem cristianizadas, em seu relato Norberto não trouxe nenhuma mulher negra.

Mas o que dizer dos exemplos de Maria Úrsula, Maria Quitéria e Rosa Maria de Siqueira? Maria Úrsula e Maria Quitéria fugiram da casa de seus pais, vestiram-se de homem, foram para os campos de batalha, foram descritas como belicosas, corajosas e varonis. A seção “Educação e Instrução”, como já anteriormente apontado veiculou a seguinte afirmação: “[...]”

Sempre nos parecerão aberrações a mulher guerreira, política, agiota, [...]”.<sup>42</sup> Ou seja, as mulheres que se relacionavam com o mundo da guerra, da economia e da política possivelmente não eram consideradas um bom exemplo.

Contudo, percebe-se uma estratégia de Norberto. Andrea Schactae (2015), apoiada em Maria Lígia Prado (1999), afirma que as biografias produzidas no final do século XIX e início do XX, reproduzem um ideal de mulher como mãe e esposa, e aquelas que fugiram dessa ordem, que poderiam ser reconhecidas como rebeldes, acabaram sendo transformadas em mulheres exemplares, sempre glorificando suas virtudes patrióticas e cristãs.<sup>43</sup> Assim, conforme a contribuição dessa autora, entende-se que Norberto conformou exemplos que poderiam ser “mal interpretados” como maus em bons, ao evidenciar, por exemplo, que Maria Úrsula prestou serviços ao seu rei de Portugal e Maria Quitéria lutou em favor da independência de sua pátria, antes de tudo não teria sido suas intenções de se vestirem como homem, de fugir da casa do pai e lutarem, mas sim o seu patriotismo, serviço ao rei. No caso de Rosa Maria se vestir de homem para o combate, se justificou pela defesa da fé cristã.

Nesse viés, compreende-se que mesmo exemplos divergentes dos demais, essas três mulheres foram consideradas como modelos, porque seus atos de “rebelia” e transposição de limites de papéis sociais convieram a um “bem maior”. Na Análise de Marcela Wanglon (2009): “Desse modo, é possível afirmar que a obra *Brasileiras célebres* possui um caráter intervalar, na medida em que reforça muitos valores do sistema vigente, mas igualmente se distancia do modelo de representação da mulher próprio do século XIX”.<sup>44</sup>

Foi possível observar a todo o momento a menção cuidadosa educação moral, religiosa, e das artes que as mulheres deveriam ser instruídas. As habilidades nas artes da pintura e das letras aparecem quase como requisito para uma boa educação, no entanto, essas habilidades deveriam ser desenvolvidas de forma adequada e cuidadosa, não atrapalhando as missões mais primordiais encaradas como ideias para o período, a de ser uma boa filha, uma boa mãe, uma boa esposa, uma boa cidadã, uma boa brasileira. Nesse sentido, a educação das mulheres apresentadas por Norberto parece acompanhar as perspectivas expressas pela *Revista Popular* em outras seções, como também os imperativos que embasavam essa educação durante o século XIX, não ocorreu sem tensões, contenções ou obstinações.

---

<sup>42</sup> Revista Popular, tomo I, jan-mar de 1859, p. 331. Acervo BN Digital.

<sup>43</sup> SCHAETAE, Andrea Mazurok. A construção da biografia e da heroína cubana Célia Sanchez na Revista Bohemia no ano de 1980. In: Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO, 2, Ponta Grossa, 2015. Anais...Ponta Grossa, CIH, 2015, p. 06-07.

<sup>44</sup> WANGLON, Marcela. Armas, letras e virtudes: A representação da mulher em *Brasileiras célebres*, de Joaquim Norberto. Letrônica, v. 2, n. 2. Porto Alegre: 2009, p. 11. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5667>. Acesso em 18/01/2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa de mestrado objetivou analisar os modos pelos quais se processaram a educação feminina na *Revista Popular*, compreendendo que pela imprensa, mesmo que de circulação geral, é possível acompanhar como se deu a educação das mulheres em um contexto em que foi o principal veículo de disseminação de ideias e também uma força educativa.

Em um primeiro momento, buscou-se compreender o surgimento da imprensa no Brasil, suas entonações e relações com o seu cenário histórico, a fim de também compreender o contexto de circulação do periódico que foi fonte dessa pesquisa. Foi possível perceber que, apesar das altas taxas de analfabetismo, principalmente no caso feminino, que as mulheres foram assíduas leitoras assim como foi apontado por Ana Luiza Martins (2008).

Foi principalmente nos meados dos oitocentos, que com certo declínio das discussões políticas, dado o momento de maior estabilidade, que a imprensa pôde se colocar mais ao lado da literatura, da ciência, das variedades e das mulheres, e que cada vez mais foi notável uma rotina de leituras delas, graças ao aumento na sua taxa de escolarização.

No segundo capítulo, foram apresentados aspectos da *Revista Popular*, levando em conta a sua materialidade, seus conteúdos, os públicos aos quais se destinava, bem como a análise de como a publicação, seus redatores e colaboradores poderiam compreender a educação feminina. Percebeu-se que a educação para as mulheres enunciada pelo periódico não se distanciou dos projetos de sua época. Foi possível identificar textos que incentivaram que as mulheres fossem educadas até mesmo em escolas, mas que salientaram que essa educação deveria ser direcionada ao melhor desempenho das atividades domésticas e maternas ou até mesmo para a educação escolar das crianças.

Foi possível ainda encontrar poucos textos de autoria ou assinatura feminina que em sua maneira, incentivavam uma educação para além do melhor exercício das atividades relacionadas ao âmbito do privado, afirmando ainda que naquele momento as mulheres deveriam se informar sobre diversos saberes e, portanto, ampliar sua educação. Contudo, foram poucas essas vozes na revista.

Ficou claro que a leitura das mulheres foi algo aceitável, mas elas deveriam se ater a certas seções, certos conteúdos, que de acordo com os pressupostos da época foram considerados assuntos do domínio doméstico, maternal. Não obstante, a escrita e a criação, que

galgavam um passo a mais de emancipação foi uma atividade com pouco espaço na revista. No caminho da educação, do acesso à leitura e da escrita, essa última certamente era a mais perigosa. Nos escritos de Carlota e Ignez fica um indício de que por mais que a escrita das mulheres e as literatas não fossem bem vistas, havia um desejo por tal prática.

Por meio das “Chronica da Quinzena” e dos anúncios “Casas Recomendáveis”, foi possível compreender algumas formas de sociabilidades feminina, a difusão de hábitos, gostos e comportamentos que perpassaram as maneiras de se portar no ambiente público, os modos de como se vestir de acordo com as regras do bom gosto, formas de consumo e indicações de leituras para as moças e senhoras que compunham uma educação que deveria mostrar o polimento e a fineza que possuíam.

Por outro lado, ao direcionar às mulheres as últimas novidades, os “disse-me-disse”, os mexericos sobre as disputas por um par de valsa, pelo melhor vestido do baile, as corridas na Rua do Ouvidor nas casas das principais modistas, veiculou-se o estereótipo de que as mulheres eram gastadeiras, que não conseguiam manter amizades sem disputas, eram fúteis, ou seja, representaram um modelo que deveria ser evitado.

Os textos da seção de “Esboços biográficos” / “Brasileiras Célebres”, permitiram compreender como a biografia no século XIX esteve relacionada a difusão de exemplos que deveriam refletir características desejáveis. Dentre as biografias, foi possível compreender que existiram modelos de mulheres que foram filhas bem-educadas, mães dedicadas, esposas amáveis e fiéis e modelos de fé cristã.

Alguns exemplos trouxeram mulheres que haviam lutado, defendido sua terra ou local de origem, até mesmo que se vestiram como homem. Todavia, como bem salientou o autor, Joaquim Norberto, não pretendia que as características “puramente guerreiras” fossem um modelo persuasivo. Dessa forma, fica a impressão que esses exemplos foram usados, acima de tudo, para ilustrar e incentivar o patriotismo, pois não era esperado que as mulheres se vestissem de homens e se comportassem como eles. Igualmente, os exemplos das literatas, poetisas e artistas foram abordados com uma motivação maior, como fruto de uma educação muito bem cuidada a fim de que pudessem posteriormente educar seus filhos, entreterem seus maridos, não simplesmente pela vontade de se dedicarem às letras, às ciências e às artes. Ainda assim, levando em consideração a função pedagógica da biografia nos oitocentos, pode-se inferir que por meio dos textos “Brasileiras Célebres” foi disponibilizada virtudes, mas também contenções de algumas inclinações que deveriam ser evitadas.

Por outro ângulo, por meio da revista, foi possível perceber como as mulheres foram acessando a leitura, de como ela deveria ser condicionada, afinal ela poderia ser uma atividade nociva se não bem realizada. Nesse mesmo sentido, foi notável a tensão da escrita feita por mãos femininas, que como no caso de Ignez Horta, antecipou pautas incentivando uma educação que conjugasse mais saberes do que os tradicionalmente propostos e expôs sua consternação com o pouco espaço dado aos escritos femininos na publicação.

Foi possível também compreender que Baptiste Louis Garnier, sempre reconhecido como um dos principais editores e livreiros do século XIX, realmente possuía um inteligência comercial aguçada conforme apontado por Pinheiro (2004). Primeiramente por usar um periódico para divulgar suas publicações, seus autores e assim continuar lucrando com o seu comércio de livros, mas também por sua sensibilidade em entender quem era seu público.

Possivelmente, já conhecendo o potencial de assiduidade das mulheres enquanto leitoras e público que se tornava numeroso, conforme evidenciado por Ana Luiza Martins (2008), Garnier direcionou em seu primeiro periódico seções que angariariam sua presença cativa. Sua habilidade em entender seu público se mostrou mais uma vez quando diante da perda de assinaturas ao longo da circulação de sua revista, na tentativa de manter sua publicação periódica, Garnier apostou no público feminino dando origem ao *Jornal das famílias*, conforme apontado por Pinheiro (2002), que circulou de 1863 até 1878, uma publicação duradoura, que continuou evidenciando seus livros, autores e sua livraria.

Por meio da pesquisa que por ora se encerra, foi possível não apenas compreender a educação feminina realizada por meio da circulação de ideias, textos, enunciados e discursos através da imprensa, que embora escritos em sua maioria por homens, não deixaram de revelar a busca delas pelo acesso à escolarização, o início do ingresso em áreas consideradas pelo pensamento da época “pouco femininas”, como o jornalismo. Foi possível perceber que desde os tempos coloniais existiram mulheres que precisaram ser “acomodadas” como bons exemplos para desviar os olhos de suas atitudes, que poderiam ser consideradas “transgressoras”. Assim, a *Revista Popular* não deixou de expressar em suas páginas formas pelas quais às mulheres foram direcionados papéis sociais, práticas e valores por meio da sua educação, empreendimento que mesmo no século XIX, não ocorreu sem tensões, contenções ou obstinações.

## REFERÊNCIAS

### FONTES UTILIZADAS

**ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL**, Volume IV, 1943. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=10903>

LEITE, Miriam Moreira. **A Condição Feminina no Rio de Janeiro: Século XIX**. Rio de Janeiro: HUCITEC/Pró-memória Instituto nacional do livro, 1984.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília; Senado Federal, 2005. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1105>. Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR**. Tomo I, jan-mar de 1859. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=181773&pesq=>. Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR**. Tomo II, abr-jun de 1859, Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1>. Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR**. Tomo III, jul-set de 1859. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR**. Tomo IV, out-dez de 1859. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR**. Tomo V, jan-mar de 1860. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR**. Tomo VI, abr-jun de 1860. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR**. Tomo VII, jul-set de 1860. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo VIII, out-dez de 1860. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo IX, jan-mar de 1861. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo X, abr-jun de 1861. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo XI, jul-set de 1861. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo XII, out- dez de 1861. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo XIII, jan-mar de 1862. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo XIV, abr-jun de 1862. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo XV, jul-set de 1862. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib> . Último acesso: 18/01/2019.

**REVISTA POPULAR.** Tomo XVI, out-dez de 1862. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&PagFis=1> . Último acesso: 18/01/2019.

SOUSA, Joaquim Norberto. **Brasileiras Célebres.** Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1862. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/brasil>. Último acesso: 18/01/2019.

## Bibliografia

ABREU, Marcella dos Santos. As crônicas de Carlos José do Rosário na *Revista Popular* (1859-1862): o retrato da vida cultural no Brasil de oitocentos. **Patrimônio e Memória** (UNESP), São Paulo, v. 1, p. 140-145, 2005.

ABREU, Marcella dos Santos. **Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862)**. 190 f. 2008. Dissertação (Mestrado e Teoria e História da Literatura) – UNESP, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Vol. 2. p. 11-93.

ALMEIDA, Adjovanes T. da Silva de. Joaquim Manoel de Macedo e o IHGB. **Encontros** (Rio de Janeiro), v. 21, p. 53-62, 2013.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Marinalva. **História cultural da imprensa**. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BASILE, Marcello Otávio N. de. O império brasileiro: panorama político. Parte B: Consolidação e crise do Império. In: LINHARES, Maria Yedda. **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1990. p. 246-301.

BASILE, Marcello Otávio N. de. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil imperial**. 2 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 53-121.

BASTOS, Maria Helena Câmara de. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n.2, p. 169-214, 2002.

BERGER, Christa; HEUSER, Vanessa. Imprensa. In: TEDESCHI, Losandro Antonio; COLING, Ana Maria. **Dicionário Crítico de Gênero**. EDUFGD, 2015. p. 373-378.

BOSISIO, Rafael de Almeida Daltro. Um escritor no Segundo Reinado: a trajetória de Joaquim Manuel de Macedo. **Revista Augustus**. v. 30, p. 66-76, 2010.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. 2ª ed. Summus editorial; São Paulo, 2009.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. IN: KNAUSS, Paulo et. al. **Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ 2011, p. 17-40.

CARULA, Karoline. A educação feminina em A Mãe de Família. In: CARULA, Karoline; ENGEL, M.G.; CORRÊA; M.L. (Orgs.). **Os intelectuais e a nação**: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p. 85-112.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados: EDUFGD, 2014.

COSTA, Carlos Rodrigues. **A revista no Brasil**, o século XIX. 292 f. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes - USP, São Paulo.

DEL PRIORI, Mary. **Histórias da gente brasileira**. São Paulo: Leya Editora, 2016.

DOLHNIKOFF, Miriam. **História do Brasil Império**. São Paulo: Contexto, 2017.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**, século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes Literários da República**: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro: A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, p. 41-62, jul. 2000.

EWALD, Ariane P. at all. Crônicas folhetinhescas: Subjetividade, Modernidade e Circulação da Notícia. In: FERREIRA, TANIA Maria B. da C.; NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marco. **História e Imprensa** - Representações Culturais e Práticas de Poder. Rio de Janeiro: DPA, 2007. p. 237-259.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos. **Escritos** (Fundação Casa de Rui Barbosa), v. 5, p. 41-52, 2011.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. A presença francesa no mundo dos impressos no Brasil. In: KNAUSS, Paulo et al. (Org.). **Revistas Ilustradas**: modos de ler e ver no Segundo Império. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2011, v. 1, p. 41-52.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura. **Gênero**, Niterói, v. 5, n.2, p. 1-14, 2005.

GAGLIARDO, Vinicius Cranek. **Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista**. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca.

GONDRA, José Gonçalves. SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

GRANJA, Lucia. Um editor no espaço público: Baptiste Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira. **Estudos Linguísticos**. São Paulo. v. 45. n. 3, p. 1205 – 1216 2016.

GRAUPE, Mareli Eliane. Rousseau, Jean Jacques. In: TEDESCHI, Losandro Antonio; COLING, Ana Maria. **Dicionário Crítico de Gênero**. EDUFGD, 2015. p. 586-589.

GUIMARAES, Manoel Luis Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.1, p.5-27, 1988.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. Sua história. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2017.

JINZENJI, Monica Yumi. **Cultura Impressa e Educação da Mulher Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832)**. 2008. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LACERDA, Franciane Gama. Merecedoras das páginas da história?: memórias e representações da vida e da morte femininas (Belém, séculos XIX e XX). **Cadernos Pagu**. n. 38, p. 394 – 42, 2012.

LEÃO, Andrea Borges. A livraria Garnier e a história dos livros infantis no Brasil – gênese e formação de um campo Literário (1858 – 1920). **História da Educação ASPHE**. Pelotas, n. 21, p. 159 -183, 2007. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em 6/12/ 2018.

LIUTI, Fátima de Lourdes Ferreira. **Representações literárias da Rua do Ouvidor**. 2007. 215 f. Tese (doutorado) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP Digital, 2017.

LUCA, Tania Regina de. Histórias do, no e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 447-468.

LYONS, Martyn. Novos leitores do século XIX: Mulheres, crianças e trabalhadores. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no Ocidente**. Oxford, 1999.

MACHADO, Lígia Cristina. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO et al. **O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 119 – 142.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. **História**. São Paulo, n. 22, p. 59- 79, 2003.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ FAPESP, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p.45-80.

MATTOS, Ilmar Rohloff. O gigante e o espelho. In: O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial**. 2 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 13 – 52.

MELO, Carlos Augusto de. As histórias literárias do cônego Fernandes Pinheiro e o cânone literário brasileiro. **Terra Roxa** – Revista de Estudos Literários. v. 9, p. 57-68. 2007.

MEYER, Dagmar Estermann; SCHWENGBER, Maria Simoni. Maternidade. In: Losandro Antonio; COLING, Ana Maria. **Dicionário Crítico de Gênero**. EDUFGD, 2015. p. 441-445.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; AZEVEDO, S. M. Revista Popular (1859-1863) e Jornal das Famílias (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier. **TriceVersa: Assis**, v. 3, n. 2, p. 156-166. 2010.

MORAIS, Maria Arisnete C. de. **Leituras femininas no século XIX (1850-1900)**. 184 f. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

MOREL, Marco. **O Período das Regências (1831-1840)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. A leitura feminina sob tutela na imprensa oitocentista. **Recorte (UninCor)**, v. 1, p. 1-15, 2015.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Biografia e história *magistra vitae*: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 22, p. 273-294. 2015.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história:** A biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista. 2009. 221 f. Tese (Doutorado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, Faculdade de Educação/USP, nº 104, p. 144-161. 1998.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In: **Cadernos Pagu**, n. 4 p. 9-28, 1995.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres.** Tradução Angela M.S. Córrea. 2ª ed.: São Paulo, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Autêntica editora. 2ª ed.: Belo Horizonte – MG, 2008.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade:** o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção. 2007. 279 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.

PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, Rio de Janeiro, 2004. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: 2004.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878):** dois empreendimentos de Garnier. 2002. 405 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis.

PINTO, Adriana Aparecida. **Nas páginas da imprensa:** a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910. 2013. 349 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Talita Daher. História, biografia, pedagogia nas páginas de “Brasileiras Célebres”. In: Encontro de História ANPUH Rio, 13, Rio de Janeiro, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro: 2008.

SCHACTAE, Andrea Mazurok. A construção da biografia e da heroína cubana Célia Sanchez na Revista Bohemia no ano de 1980. In: Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO, 2, Ponta Grossa, 2015. **Anais ...**Ponta Grossa, CIH, 2015.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v. 33, p. 124-144. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/08.pdf>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador:** D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, Sonia Regina Pinto. **Joaquim Norberto de Souza Silva: Historiador. Um olhar sobre Minas Gerais Colonial**?. 2002. 248 f. Dissertação. (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. Emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007. Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882007000200015&script=sci\\_abstract&tlng=P](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882007000200015&script=sci_abstract&tlng=P). Acesso em maio de 2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. EDUFGD, 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Representação. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (org.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2015. p. 574-578.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs). **Domínios da história**. SP: Campus, 2011. p. 189-241. (Arquivo Digital).

VAQUINHAS, Irene Montesuma. História das mulheres. In: TEDESCHI, Losandro Antonio; COLING, Ana Maria. **Dicionário Crítico de Gênero**. EDUFGD, 2015. p. 335-340.

VENANCIO, Giselle Martins. Ler ciência no Brasil do século XIX: a *Revista Popular*, 1859-1862. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, p.1153-1162. nov. 2013.

VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista**. 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História Direito e Serviço Social, UNESP, Franca.

WANGLON, Marcela. Armas, letras e virtudes: A representação da mulher em Brasileiras célebres, de Joaquim Norberto. **Letrônica**, v. 2, n. 2, p. 268-280. 2009.

## SITES VISITADOS

<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/65-o-rio-de-janeiro-novamente-corte-o-imperio/2898-ventos-culturais-na-cidade-do-rio-de-janeiro-do-seculo-xix>

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 25 de fevereiro de 2019.

---

Gabriella Assumpção da Silva Santos Lopes